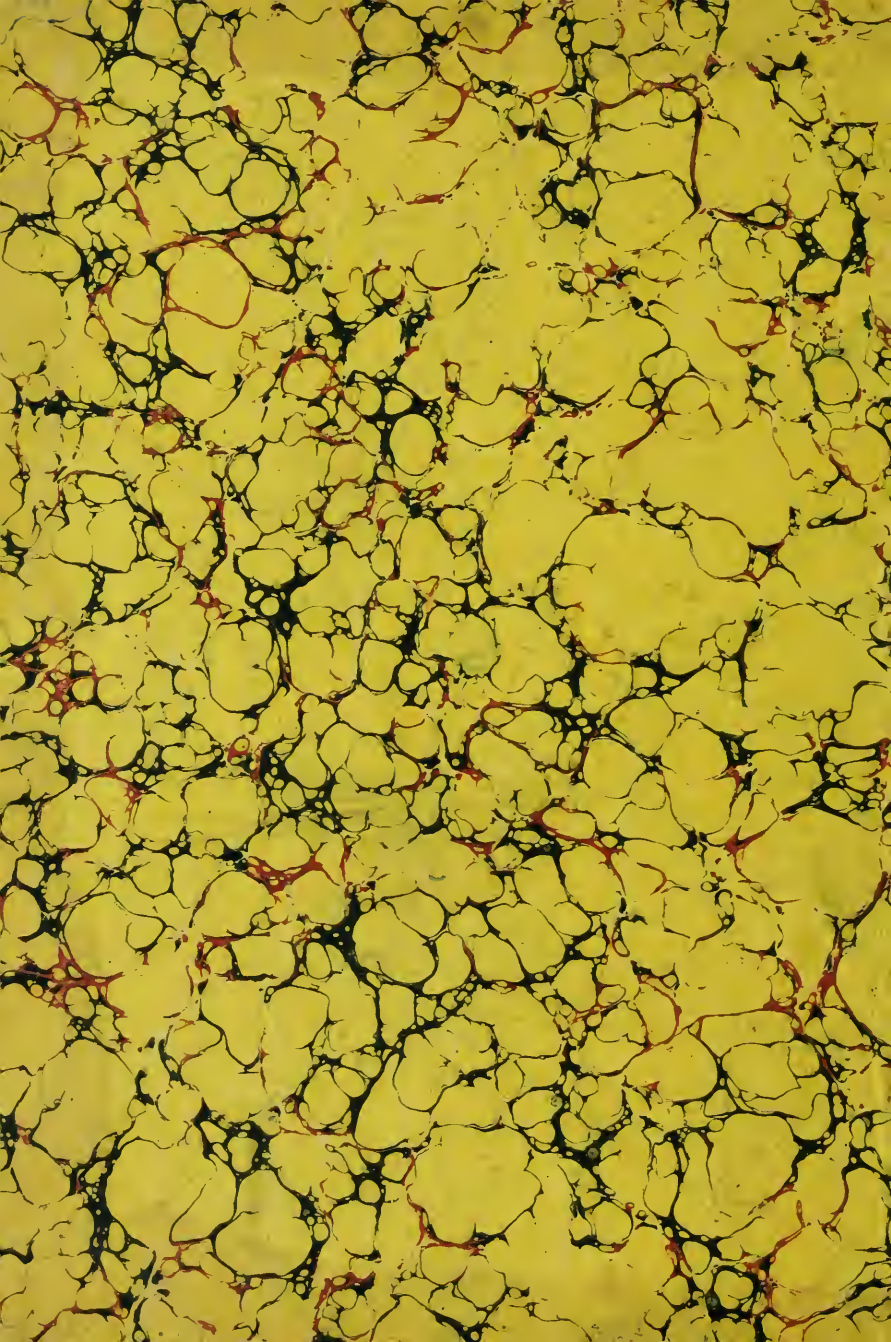
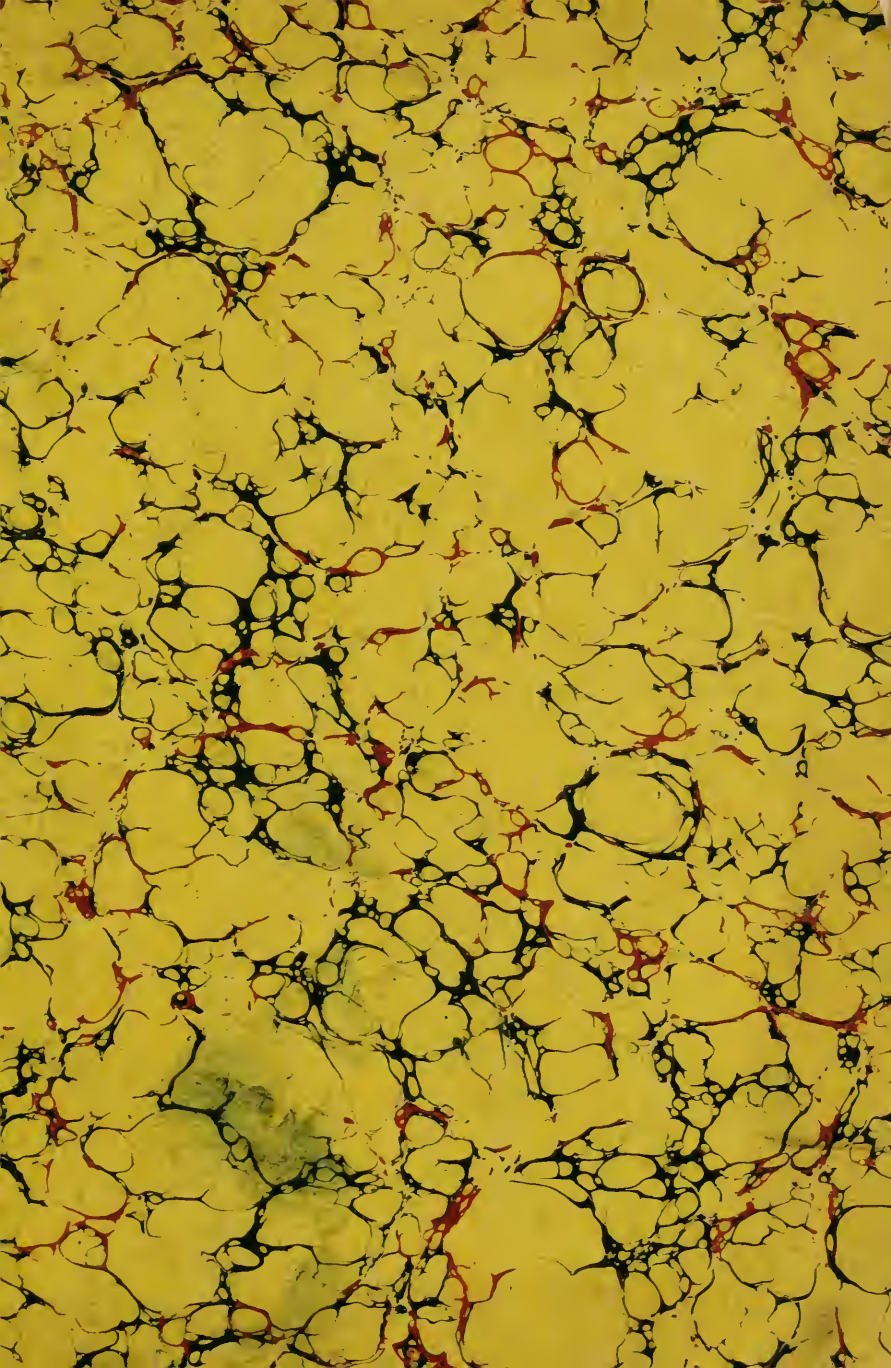




3 1761 07041829 8







BIBLIOTHECA DE ALGIBEIRA

---

# NOITES DE INSOMNIA

OFFERECIDAS

A QUEM NÃO PÓDE DORMIR

POR

Camillo Castello Branco

---

PUBLICAÇÃO MENSAL

---

N.º 10 — OUTUBRO

---

LIVRARIA INTERNACIONAL

DE

ERNESTO CHARDRON

*96, Largo dos Clerigos, 98*

PORTO

EUGENIO CHARDRON

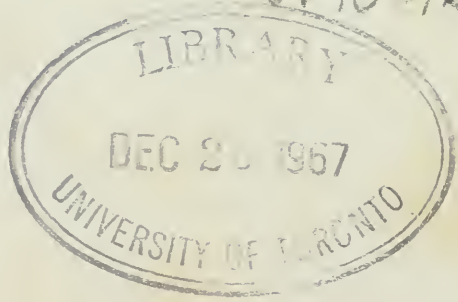
*4, Largo de S. Francisco, 4*

BRAGA

---

1874

PQ  
9261  
C3N54  
1874a  
v. 10-12



---

PORTO

TYPOGRAPHIA DE ANTONIO JOSÉ DA SILVA TEIXEIRA  
62, Rua da Cancellia Velha, 62

—  
1874

BIBLIOTHECA DE ALGIBEIRA


---

NOITES DE INSOMNIA

---

**SUMMARIO**

Beatriz de Vilalva — Se o poeta Bernardim Ribeiro foi commendador — Resposta de José Anastacio — Prefacio ao sonho do arcebispo — O ultimo carrasco — Curiosidades artisticas — Cantada e carpida — Bibliographia.



Digitized by the Internet Archive  
in 2010 with funding from  
University of Toronto



# BEATRIZ DE VILALVA

## I

Era o nome da encantadora bastarda do capitão-mór da Lixa.

Vivia, com sua mãe, na quinta de Vilalva, com que fôra dotada, aos quinze annos, para casar, aos dezoito, com o morgado de Pildre, Vasco Pinto de Magalhães.

Isto são cousas antigas. Era no anno de 1834. Ha quarenta annos. Um seculo d'outras eras, quando vinte annos eram mocidade innocente, e, aos quarenta, o homem tenteava com timido pé os umbraes do mundo. Agora, dentro de quarenta annos, fenecem e reverdecem duas mocidades e duas velhices; o revoltar das variadas paixões, gastando a alma e safando o cerebro, desmemória o homem de si mesmo; em cada decada atrophia-se-lhe o coração com as velhas imagens, e resurgem-lhe, com as imagens novas, outras faculdades affectivas. Quarenta annos! Eu, quando me

lembro que vi Pedro IV, e por pouco não fui contemporaneo de João VI, entro em duvidas se conheci o marquez de Pombal, e receio que me peçam noticias do terremoto de Lisboa, como testemunha presencial.

Beatriz orçava então pelos dezesete. No anno seguinte, devia casar-se com o morgado de Pildre, que tinha cincoenta e seis annos, e uma casaria negra, ás cavalleiras de Amaran-te, com duas torres senhoriaes escalavradas pela artilheria, no tempo dos francezes.

Aborrecia-o a bastarda do capitão-mór da Lixa; mas obedecia ao pai, que dava ordens breves e seccas, e condescendia aos conselhos da mãe, mulher da plebe, que almejava metter sua filha na casa de Pildre, sem se lhe dar que a morgada a constituísse avó dos filhos do capellão — o menos escandaloso dos cooperadores anonymos da conservação das varonias e proseguinto das raças.

Obedecia principalmente Beatriz, porque não amava ninguem, não conhecia homem nenhum para comparar. Tinha, apenas, a razão a dizer-lhe que um marido não devia ser velho, e que a sua estrella era má.

N'este tempo, voltaram ás suas casas os frades expulsos. Alli perto de Vilalva, á casa do Pomar, chegou, vindo do convento da Graça, de Lisboa, um egresso de vinte e tres annos, com dous apenas de professo. Um guapo

moço, esbelto, rosado, vivo, sanguineo, um frade que rasgára alegremente o habito, e de-  
ra vivas á liberdade quando o mandaram sa-  
hir da cella. Eu conheci-o. Era um donoso  
velho, a arvore no outono, com a folhagem  
amarellida, mas ainda frondosa, copada, recor-  
dando as refrigerantes sombras dos meios dias  
de julho.

O que não seria elle, o egresso João de  
Queiroz, aos vinte e tres annos, ao sahir do  
convento, a desbordar exuberancias de vida  
represada, a desferrar-se da violencia com que  
lhe desfolharam, como improprias do homem  
immolado, as flôres de seis primaveras!

O capitão-mór, quando viu o ex-frade, tão  
convisinho de Vilalva, mandou acautelar a fi-  
lha; e, de passagem, contou á mãe uma duzia  
de casos funestos acontecidos com frades, no  
seio das trinta familias fidalgas de Amarante,  
Lixa, Fafe e terras circumjacentes.

A mãe de Beatriz não acautelou bastante-  
mente a rapariga; pareceu-lhe demasiado o re-  
cato do pai, á vista do recolhimento e da gra-  
vidade de padre João, afiançado por todas as  
mães das mais secias moças da freguezia, e,  
sobre tudo, pela compostura do sacerdote, já  
no altar, já no pouco trato que tinha com el-  
le no adro da igreja.

Comtudo, se a presumptiva sogra do mor-  
gado de Pildre attendesse á experiencia do

capitão-mór e á silva de malfetorias frades-  
cas que lhe elle contou, evitaria, quando me-  
nos, que Beatriz não andasse sósinha pelos mi-  
radouros da quinta, nem fosse ao fundo da ta-  
pada, que embeaçava na serra, quando ouvia  
um tiro, e os cães da caça latiam na encosta.

Não sei que alma escrupulosa avisou o ca-  
pitão-mór dos colloquios de Beatriz com o  
egresso, interpondo-se, verdade é, o muro que  
dividia a quinta dos montados, por onde o pa-  
dre esperava a « estranha caça » á imitação  
dos menos felizes navegadores de Camões.

O sisudo fidalgo da Lixa, sofrendo os im-  
petos do sangue ostrogodo, absteve-se de im-  
molar á memoria ultrajada dos avós aquelle  
dom ribaldo tonsurado. Receoso, talvez, de que  
o padre, colligado com os constitucionaes, re-  
pellisse qualquer offensa, em desprezo dos per-  
gaminhos do fidalgo, dicitu-se a guardar si-  
lencio, e apressar o casamento, conforme á an-  
ciosa vontade do morgado.

E, á volta de poucos dias, estava prompto  
o enxoval, e marcada a seguinte semana para  
o consorcio.

Na vespera, porém, do dia prefixo, Bea-  
triz de Vilalva desapareceu, depois de haver  
chorado torrentes, pedindo inutilmente á mãe  
que a não obrigasse a casar com o detestado  
velho, se a não queria levar a matar-se por  
suas mãos.

Quando se divulgou, na madrugada do dia 3 de setembro de 1834, a fuga de Beatriz, o capitão-mór remexeu com a authoridade da pessoa e com as coleras de pai as justiças de Lixa e de Amarante.

A primeira e unica suspeita do rapto foi o egresso; mas o egresso, quando foi procurado em sua casa, sahiu á sala a receber os officiaes de justiça com tanta serenidade quanto espanto, ao dizerem-lhe que elle era o raptor da filha do capitão-mór.

— Eu! — exclamou padre João de Queiroz com as mãos estendidas na cabeça — eu, senhores! eu raptor de mulheres!...

E, chamando sua velha mãe, disse-lhe com um solemne e brando socego:

— Minha mãe, estes senhores dizem que eu roubei a snr.<sup>a</sup> D. Beatriz de Vilalva.

— Credo! — bradou a velha afflicta. — Credo!...

— Nada de exclamações, minha mãe — atalhou padre João. — O nosso dever é franquear a estes senhores todos os cantos d'esta casa. Queiram seguir minha mãe, cuja vida honrada de sessenta annos não permite que os senhores a considerem receptadora de meninas roubadas. E, entretanto que os senhores passam busca, eu vou vestir-me para os acompanhar á presença de quem aqui os mandou, e não terei grande magoa de entrar na

cadeia, logo que fui ferido por tão perversa calúnia. O mais pungente do insulto já cá o tenho cravado na alma.

Em quanto os officiaes de justiça cumpriam o mandado, e o padre se vestia para depois acompanhá-los, um cavalleiro açodado, e que entrára do lado de Amarante á desfilada, apeou no terreiro da casa do Pomar, perguntando se alli estavam os meirinhos. Á resposta affirmativa, tornou o emissario do juiz dizendo que sustassem a diligencia, porque á beira do Tamegá se encontrára a capa da menina e um bilhete em que fazia declarações.

Padre João de Queiroz voltou-se contra o escrivão, e disse placidamente :

— Diga vossa mercê ao snr. capitão-mór da Lixa que eu lhe perdôo.

Os aguazis sahiram quasi edificados, desfazendo-se em satisfações ao egresso que os despediu com um amoravel e pacientissimo sorriso de bem-aventurado.

O bilhete de Beatriz declarava que a misera menina preferia morrer a casar-se á vontade despotica de seu pai, e invocava o testemunho de sua mãe a quem ella o havia predito com baldadas supplicas. Acrescentava que lhe rezassem por sua alma, e que morria confiada na misericordia divina.

A mãe, vendo o bilhete e reconhecendo a letra, pegou de berrar que tudo aquillo era

impostura; que a filha lhe tinha dado opio para ella dormir mais de quinze horas sem accordo; que a sua filha estava escondida; e que o bilhete e a capa á beira do rio era tramoia de padre João para se escapar á justiça. E, dadas estas razões que a muita gente pareceram signaes de demencia, pegou de si, foi-se para a porta do egresso, e começou a berrar aqui d'el-rei contra elle.

No entanto, gente mais ajuizada procurava entre as ramarias dos salgueiros, que formavam grutas na ourela do Tamega, o cadaver da suicida. Depois de laboriosas pesquisas, descobriram no remanso da corrente que descahia de uma açude, um sapato de cordovão, que uma criada de Vilalva declarou ser de sua ama.

Como anoitecesse, cessaram as diligencias, e a justiça e o publico prescindiram do cadaver para dar como praticado o suicidio.

Não obstante, a mãe de Beatriz continuou a gritar contra o roubador de sua filha, ainda depois que o capitão-mór a removeu d'alli para a sua quinta de Ovelha, nas vertentes do Marão — sitio azado para qualquer pessoa desditosa gritar á vontade, e sem grande incommodo dos visinhos.

Corridos seis mezes, o tragico successo estava esquecido, ou apenas era recordado quando o padre Queiroz apparecia em Amarante,

e as pessoas de bem o apontavam como victima da calumnia, que o teve no gume da perdição; ao passo que ninguem accusava de assassino de sua filha o estúpido e ambicioso capitão-mór que a quizera atar ao torpe cadaver do morgado de Pildre.

Padre João apesar de bemquisto e indemnizado pelo respeito das pessoas honestas, denotava no aspecto profunda tristeza, e aos seus intimos dizia que tinha saudades da paz do convento; e, logo que se lhe ageitasse modo, iria parochiar em algum presbyterio rural, bem longe d'aquella terra onde a aleivosia lhe matára para sempre o contentamento da liberdade e da familia. Instavam os amigos em despersuadil-o; mas assim que vagou uma igreja modesta no arcebispado, e nas visinhanças de Villa Nova de Famalicão, obteve-a de prompto com a sua reputação de liberal, e mudou-se para lá com immensa magoa dos seus conterraneos.

## II

Pouco tempo depois, correram estranhos boatos ácerca do padre e de Beatriz. Dizia-se que uma mulher de Felgueiras, de má nota, e muito da casa do Pomar, estando em



artigo de morte, dera a perceber que morria com um grande remorso; e muito apertada pela pessoa a quem revelára os seus trabalhos de consciencia, começou por dizer que a menina de Vilalva não se tinha afogado; porém, como as intermittencias no exprimir-se fossem longas, e o arrancar da vida começasse o seu derradeiro paroxismo, a moribunda expirára sem dizer mais nada.

E mais se dizia que, por uma noite de lua cheia, uns viandantes da Lixa, na subida do monte de Santa Quiteria, haviam encontrado um homem a cavallo em um possante macho, em companhia de uma mulher, por tal maneira envolta em um capote, que apenas se conhecia ser mulher pelas andilhas; e que um pouco atraz encontraram um criado a pé, o qual se retrahira para a sombra de um vallado quando os viu; mas apesar d'isso, o conheceram, e juravam ser o criado de padre João de Queiroz.

Estas atoardas não provavam nada em juizo; ainda assim, o vigario capitular officiou ao prelado para que se devassasse secretamente da vida do abbade de S. P. de E\*\*\*<sup>1</sup>. A syndicancia, habilmente dirigida,

<sup>1</sup> Certo respeito, demasiado talvez, me cohibe de declarar extensamente o nome do abbade, e o padroeiro da abbadia. Os leitores, convisinhos do local onde escrevo, sabem que não estou phantasiando.

elucidou que o egresso abbade vivia exemplarmente. Que a sua familia era um criado e ninguem mais; que a residencia era só, triste e silenciosa como um cenobio monastico; emfim, que os freguezes respeitavam o seu pastor; e que, á excepção da casa do morgado de E\*\*\*, padre João não entrava em casa alguma, senão em exercicio das suas obrigações, religiosissimamente cumpridas.

Depois, mais nada.

Profundo silencio. Os personagens da historia mysteriosa foram morrendo com a costumada regularidade. A mãe de Beatriz acabou em cheiro de douda. O capitão-mór morreu mais preocupado com a derrota do Remechido que com o desastrado destino da filha. O morgado de Pildre, cuidando que se despica-va do injurioso menospreço de Beatriz casando com uma senhora geitosa, vinculou-se matrimonialmente com uma sobrinha bonita e pobre; porém, passados tres annos, quando houve a certeza de que não era pai, mas sim tio-avô de seu filho, rebentou de paixão exacerbada pela anasarca. Contavam-se no dis-correr dos tempos, estes casos, que faziam rir. Eu mesmo, ha vinte e seis annos, os ouvira n'aquella casa de Pildre, quando já era morta a viuva do morgado e fallecido o directo successor do vinculo, achando-se na adminis-tração do morgadio um meu amigo, já tam-

bem — e ha quantos annos! — sepultado no cemiterio dos Prazeres em Lisboa.

## III

Quando, ha quinze annos, vim, pela primeira vez, a S. Miguel de Seide, conheci o abbade de S. P. de E\*\*\*. Procurou-me, pedindo-me que lhe escrevesse uns versos funebres para a eça de uma senhora de casa illustre. Não comprehendí logo o destino dos versos. Explicou-me o abbade que a poesia, copiada em boa letra, seria pregada na eça, e assim exposta á contemplação do publico. Escrevi duas oitavas com mais sentimento do que as escreveria se conhecesse a defunta. Eis aqui como me relatei com o egresso graciano, ligado á lenda d'aquella menina, que tivera um nome digno das trovas plangentes de poeta de soláos — *Beatriz de Vilalva*.

Cincoenta annos contava então o abbade. Rosto de saude e alegria. Poucas carnes; compleição fina, mas forte; raros cabellos grisalhos; traço serio, limpo, elegante; maneiras polidas; dizeres sentenciosos; anedotas chis-

tosas, mas decentes; casos do seu convento; tradições ineditas do seu ex-conventual José Agostinho de Macedo, e d'outros cerdos que não deixaram tão illustre memoria a ensombrar obscuras infamias. Era optimo conversador o abbade, e revia, no seu fallar, alguns signaes de ter estudado applicadamente philosophia. Disse-me que fôra o primeiro estudante do curso, e que o snr. D. Miguel I, assistindo ao seu exame de logica, o premiára em publico com a medalha da sua real effigie. Bom avaliador e juiz! O snr. D. Miguel I foi grandemente entendido em logica: toda a gente sabe isto, não obstante me asseverar o abbade que sua magestade não estudára logica; mas premiava os martyres que a estudavam, a fim de animar os outros votados ao martyrio.

Com o lapso do tempo, relacionei-me com a familia herdeira da defunta que eu cantei ou chorei. N'esta casa vi algumas vezes o abbade, e outras na sua igreja. Aconteceu ir eu alli ser padrinho de uma criança d'aquella familia. Antecipei-me á hora dada. Detive-me a observar a residencia de padre João de Queiroz—silenciosa como um grande tumulo, com dous ciprestes á porta, com um rocio coberto de arbustos e herva espontanea a entestar na escada ingreme do sobrado. Tres janellas de rotulas fechadas e espessas. As paredes tapizadas de musgo e fetos a vegetarem

das figas. Duas pombas pretas a arrulharem na cornija. Um pardal a sacudir as azas molhadas no beiral do telhado. E á volta d'isto o rumorejo dos pinhaes circumpostos.

Sentei-me no beiral do adro, a olhar para uma janella interior da residencia, e a scismar nos vinte e cinco annos que o abbade para alli trouxera, e nas noites e dias dos outros vinte e cinco alli passados, com resignação, e até com alegria, tão só e desatado dos agrados da companhia, e com tantos predica-dos para dar e receber na convivencia uma honesta felicidade! Quando esta meditação me estava enlevando áquella suave tristeza que faz os homens melhores e o fardo da vida mais leveiro, assomou um rosto de mulher na janella onde eu, sem intenção, fitára os olhos; e, apenas me viu, retrahiu-se tão de subito como se dentro tirassem por ella a repel-lão.

Isto abalou-me. A mulher parecera-me bonita; mas não ha que fiar nos conceitos da minha vista, que pouco alcança a curta distancia; quer, porém, fosse feia, figurou-se-me quasi bella: era o bastante para dar larga tela ao nebrí da poesia, que, lá do alto, crê vêr uma rôla onde ás vezes está uma cegonha.

N'este comenos, chegou o abbade, e a criança no collo da ama, e o pai com a madri-nha, e o sacristão e as testemunhas, vindo

todos da casa do meu compadre, onde inadvertidamente esperavam que eu fosse.

Finda a cerimonia, o abbade offereceu-me a sua casa por mera civilidade. Meu compadre acudiu logo, dizendo que nos esperava o almoço. Partimos para E\*\*\*, e o abbade acompanhou-nos, depois de ter ido a casa despir a batina, e revestir-se aceadamente, de casaca preta com habito de Christo, collete de velludo, bota de verniz, e chapéo alto de brilhante sêda.

Em quanto elle se demorava, depois de almoço, no quarto de minha comadre, alegrando-a com a proposito das anedotas — que as tinha para tudo — fui eu com meu compadre vêr o pomar de fruteiras peregrinas.

— Gosto muito d'este abbade — disse eu. — Parece-me um bom character, pela satisfação e alegre rosto com que se entrega á sua obscura missão, podendo com as qualidades que tem aspirar a melhor posição na vida ecclesiastica!

— Não quer. Afeiçãoou-se a isto, e nunca mais d'aqui sahiu. Eu amo-o com ternura. Já foi elle quem me baptisou. Devo-lhe provas de profunda estima. Tem sido elle o anjo pacificador das desordens grandes que tem ameaçado a estabilidade da nossa familia.

— Verdadeiro pastor! — atalhei eu com sincero respeito. E acrescentei, passados ins-

tantes: — A senhora, que vive com elle, é sobrinha?

— A senhora?! — acudiu meu compadre. — Está enganado. Elle não tem mulher de casta nenhuma em casa. Vive com um criado velho, que já veio com elle em 1835.

— Perdão! eu vi hoje lá uma senhora na janella que diz para o pateo.

Riu-se meu compadre, e, remoqueando, ajuntou:

— O meu amigo, provavelmente, estava a idealisar castellãs na residencia que tem ares de castello arruinado, e figurou-se-lhe vêr uma sobrinha do abbade.

— Compadre — repliquei — eu sei quando vejo castellãs e sei quando vejo sobrinhas d'abbades. O senhor tem a certeza de que não ha mulher n'aquella casa?

— Tenho tanta certeza como estar eu com o meu amigo n'este pomar.

— Então, permitta-me dizer-lhe que o seu abbade é um patife.

— Ó compadre!... Um patife?!

— Ou dous patifes em um só abbade. Demonstro: se é sobrinha, e por tanto uma familiar licita e honesta, não havia razão para escondel-a, nem ella para se esconder rapidamente de mim: logo, não é sobrinha; e, se não é sobrinha, é... conclua vossê a demons-

tração. Que é a mulher que vive com um abade, e não quer ser vista?

— Que imaginação! que romancista! — exclamou meu compadre — Desengane-se. Este homem pôde ser que não seja o padre mais virtuoso, nem aspire a ser canonisado; mas mulher em casa nunca teve alguma, nem, ha vinte e cinco annos, alguém lh'a conheceu na freguezia ou fóra d'ella. Que mais quer que eu lhe diga?

— Que me creia; que se convença de que o seu abade tem na residencia uma mulher; que esta mulher é bonita; que eu dava n'esta santa hora dous beijos...

— N'ella?

— Não, em vossê, se me descobrisse o mysterio d'aquella mulher, alli sequestrada do mundo, e absorvida toda na felicidade de um homem, que a esconde com tanta avareza, que os seus mais particulares amigos ignoram que tal creatura exista.

O meu compadre, feita uma longa pausa de reflexão, disse:

— Terá vossê razão!...

— Não é razão: é olhos. Juro-lhe que a vi.

— O que lhe posso dizer é que nunca entrei ao interior da residencia, nem pessoa alguma que eu saiba. Tem uma salêta onde era d'antes adéga, e onde recebe as pessoas que



o procuram. Quando esteve, ha annos, doente, e precisava de medico, e de receber mais forçosamente quem o visitava, passou a cama para a salêta ao rez do pateo. Eu ia lá todos os dias, e nunca vi ao pé d'elle senão o criado; mas scismava com um rumor de passos no sobrado superior; e elle dizia-me que eram ratos.

— Eram ratazanas — corriji eu.

— Pois seriam... — condescendeu o compadre, e prometteu esforçar-se por satisfazer a minha curiosidade. — Outra cousa, — disse-me elle quando iamos entrando em casa de volta do pomar. — Aqui vem todos os annos, em setembro, um rapaz estudante de Coimbra, que é sobrinho do abbade. Este rapaz dorme lá em cima. É crível que elle, tão precavido com os outros, não escondesse a amante das vistas do sobrinho?!

— E quem nos diz a nós que o sobrinho não é filho, e que a amante não é mãe do tal rapaz?

— Onde isso já vai! Já vossê inventou prole ao homem para ter motivo para o segundo tomo do romance! Ora, meu amigo... Não me disse que ella era rapariga e bella?

— Rapariga, não disse.

— Note que o tal rapaz tem vinte e dous annos.

— E ella póde ter quarenta, e ser mãi, e ser ainda bella.

— Isso é verdade. Seja como fôr, estou picado. Hei de esgotar todos os recursos da minha espionagem; mas com uma condição: o que eu poder descobrir, dir-lh'o-hei; mas vossê não o divulgará, sob pena de me dar remorsos de publicar as fragilidades de um homem a quem devo as maiores finezas.

— Pois se receia que eu, levado do furor romantico, venha a assoalhar os MYSTERIOS DO SENHOR ABBADE, nada indague, e nada me diga. Eu sou um homem que conto a minha vida quando não posso, por ignorancia, contar a vida alheia. Antes quero não saber nada. Passe por cá muito bem o snr. abbade, e não perturbe vossê a paz d'essa familia, onde bem póde ser que as lagrimas tenham delido as maculas de muita culpa. Se elle é *pater*, tambem póde ser *pai*. *Pater, pai, padre*. E *pater* é *pai*, como diz, nas *Odes modernas*, o meu amigo Anthero do Quental. Fiquemos n'isto.

## IV

Dobraram-se os annos, desde 1861, sem que eu me intromettesse na vida intima do

abbade. Em 1870, ultima vez que o vi, estava elle em Famalicão, na feira-grande de maio, apostando ao monte com muita felicidade. Reparei pouco n'esta perfida ventura de quem joga, e dei grande attenção á rapida velhice do padre. Poucos vestigios conservava do robusto homem dos cincoenta annos. Estava decrepito, enrugado, curvo, movia-se arrastando uma perna, trajava negligentemente; o collarinho da camisa surrado nos vincos revelava a invencivel desconsolação da doença, a dolorosa convicção de que a morte não merece ser requestada com camisa lavada.

Deteve-se commigo uns quinze minutos, expondo-me a sua enfermidade, com tristeza, sem esperanza, mas conformado com a previsão da sepultura. A doença estava acertadamente qualificada: era uma alteração de sangue. Poucas são as pessoas que podem gabar-se de saber de que morrem.

E então me disse umas palavras que me deram rebates da historia de Beatriz de Vilalva, consoante a eu ouvira adulterada na casa de Pildre.

Contou-me, ao proposito de um sujeito de appellido *Queiroz*, que passára cortejando-me, que aquelle sujeito era seu primo em terceiro grau; por quanto, seu avô era bastardo dos *Queirozes Coimbras*, e casára com uma abas-

tada lavradora da casa e quinta do Pomar no concelho de Felgueiras.

A denominação da quinta suscitou-me a primeira reminiscencia; mas com a natural indecisão em cousas tão remotas.

Depois, como a conversação descahisse para saudades da mocidade, notei-lhe o recolhimento subito, e logo um suspiro muito intimo do seio, e um leve orvalhar de lagrimas.

— A mocidade... — disse elle. — Prouvera a Deus que eu não sahisse do meu cubiculo antes dos quarenta annos! Eu não saberia a esta hora que tive mocidade; e, ao termo da vida, olharia sem saudade para o passado, e sem abalo do porvir.

— Mas... — volvi eu intencionalmente — se não enganam as apparencias, a vida de v. s.<sup>a</sup> correu serenamente e alumiada pela virtude, como os arrosios nas noites do estio prateados pela luz do luar...

— Enganam as apparencias — replicou o abbade, apertando-me convulsivamente a mão como a despedir-se. — A minha vida teve uma só tempestade; mas essa durou cincoenta annos. A final, ferrei ancora, e achei terra; mas terra do sepulcro. A sua curiosidade — bem lh'a vejo no rosto — ha de ser satisfeita em breve. Espere que a maledicencia, que eu pude enganar cincoenta annos, se vingue no meu cadaver. O mundo tolera; mas não perdôa a

quem o sabe illudir. Se, a final, se não vinga no vivo, vingá-se no morto. E adeus. Se eu poder, irei visitá-lo a Seide, e conversaremos mais detidamente.

— Se v. s.<sup>a</sup> me permite, irei a sua casa.

— Não vá; que a minha residencia é triste como uma caverna onde não penetra raio de sol.

Era meu dever não desfiar a lugubre imagem, porque eu bem conhecia os fios mysteriosos que a teciam. Elle afastou-se, e eu, com tão poucos dados, fiquei conjecturando se aquelle seria o egresso da lendaria Beatriz de Vilalva.

## V

Era. O leitor, de sobra, sabe que era elle.

Dous mezes depois, vi annunciada a morte do abbade de S. P. de E\*\*\*. Estava eu no Porto, e anciei saber as particularidades d'aquelle trespasse.

Quanto ao morrer, disseram-me que de uma ligeira esfoliação em uma perna resultára uma rapida gangrena, e a morte seguintemente.

Quando alguns freguezes entraram á resi-

dencia, alvoroçados pelo dobrar do sino, viram á beira do morto uma senhora que nunca tinham visto, e o mancebo que já conheciam como sobrinho do abbade.

Esta senhora tinha os cabellos brancos, as faces cavadas, e a luz dos olhos embaciada pelas lagrimas. Perguntaram-lhe se era irmã do snr. abbade. Respondeu que não.

Abriu-se o testamento do defunto, e leu-se que tudo quanto n'aquella casa existia, tirante os utensilios da igreja, pertenciam á snr.<sup>a</sup> D. Beatriz Pacheco Leite de Menezes, sua herdeira universal. Declarava que o testamento seria apresentado pela mesma senhora, e os necessarios esclarecimentos ácerca da idoneidade da herdeira os encontraria quem os solicitasse confirmados por escriptura na nota do tabellião, que mencionava.

A herança do abbade montava a doze contos de reis em dinheiro, producto das heranças provindas de irmãos fallecidos sem descendencia, e de uma quinta no concelho de Amarante, intitulada *Vilalva*. Por onde se infere que padre João de Queiroz havia comprado aos herdeiros do capitão-mór da Lixa a casa onde Beatriz tivera o berço, e onde ia encontrar o leito da morte.

Quando o defunto era conduzido á sepultura, Beatriz de Vilalva sahio com seu filho d'aquella casa onde vivera enclaustrada des-

de 1835 até 1872, trinta e sete annos sem ouvir de labios estranhos uma saudação. Acompanhou-os um velho — aquelle mesmo criado que a conduzira á casa de Felgueiras na noite da fuga, e levára á beira do Tamega a capa com o escripto, e atirára á corrente os sapatos.

Um dia, amanheceu á porta da quinta de Vilalva aquella familia desconhecida na terra. O criado abriu as portas. Beatriz correu direita a um dos quartos da casa. Atirou-se contra um leito, como quem abraça um cadaver, e chamou a estridentes gritos sua mãe. Ella imaginava que a douda morrera alli, depois de a ter amaldiçoado. O filho arrancando-a do quarto escuro, tirou-a para uma sala carinhosamente, e disse-lhe:

— Minha querida mãe, se a senhora não amou quanto devia essa infeliz que morreu louca, Deus lhe perdoou pelo muito que padeceu sepultando-se viva para esconder a sua culpa; e eu lhe provarei que Deus teve compaixão da sua penitencia, enchendo-me o coração do extremoso amor com que farei a felicidade dos seus ultimos annos.

Beatriz lançou-se a soluçar nos braços do filho, ungiendo-lhe o rosto de lagrimas.

As pessoas antigas d'aquelles sitios não cessam de procurar occasião em que vejam aquella formosissima Beatriz por cuja alma rezaram, posto que o parochó lhes dissesse que a alma da suicida havia cahido de chôfre e a prumo no inferno.

E, de feito, lá vêm a miudo passar pelos maus trilhos que conduzem á casa dos pobres e dos enfermos uma senhora vestida de negro, precedida do criado ancião que a conduz.

— Bemdito seja o Senhor! — exclamam pondo as mãos as velhas que a conheceram menina.

E ella acercando-as de si, pergunta-lhes os nomes, recorda-se, chora, e consola-se, quando alguma d'ellas póde acolher-se ao regaço da sua beneficencia.

Se Deus lhe não houvesse perdoado, seria feito á imagem do homem.

---



## SE O POETA BERNARDIM RIBEIRO FOI COMMENDADOR

Ha bastantes annos que eu sahi com este repto aos biographos do author das *Saudades* :

«O meu parecer é que Bernardim, e tambem Bernaldim Ribeiro, ou Bernardim Reinardino Ribeiro, como Faria e Sousa o chama, nem foi governador de S. Jorge da Mina, nem amou a infanta D. Beatriz, nem sahiu da sua terra, para Lisboa, senão depois que ella já tinha sahido de Lisboa para Saboya. Corre-me obrigação de pôr as clausulas d'este meu juizo, tão encontrado com o de doutos investigadores. Fal-o-hei em pouco, porque não cabe n'este genero de escriptos grande cavar em terra d'onde o que sahe, para o commum dos leitores, é pedregulho.

Em primeiro, tenho como provavel que

Bernardim Ribeiro, sob o pseudonymo de Jano, falla de si na ecloga 2.<sup>a</sup> Ahi diz elle :

Quando as fomes grandes foram,  
 Que Alemtejo foi perdido,  
 Da aldêa que chamam Torrão  
 Foi este pastor fugido :  
 Levava um pouco de gado, etc.

E continúa :

Toda a terra foi perdida ;  
 No campo do Tejo só  
 Achava o gado guarida,  
 Vêr Alemtejo era um dó ;  
 E Jano para salvar  
 O gado que lhe ficou,  
 Foi esta terra buscar, etc.

«Temos, pois, o poeta allegorico do Torrão — naturalidade que todos os biographos unanimemente dão a Bernardim Ribeiro — em Lisboa no anno das grandes fomes, que foi em 1522. Ora, D. Beatriz, em 5 de agosto de 1521, tinha sahido para Saboya.

«Nenhum biographo até agora assignou o anno do nascimento ou o da morte de Bernardim Ribeiro. Póde, se o meu modo de decifrar a ecloga é plausivel, marcar-se-lhe o anno do nascimento em 1500, ou 1501 mais exacto, porque o pastor, n'outro ponto da mesma ecloga 2.<sup>a</sup>, diz :

Agora hei vinte e um annos,  
 E nunca inda té agora  
 Me acorda de sentir damnos... etc.

« Quanto ao governo de S. Jorge, capitania-mór das armadas da India e commenda de Villa Cova, é tudo isso um equivoco do author da *Bibliotheca Lusitana*, com o qual se bandeou a boa fé de escriptores de grande porte. O Bernardim Ribeiro, governador de S. Jorge da Mina, assistiu em 1526 ao cerco de Mazagão, d'onde sahi abrasado d'uma explosão de polvora. (Veja a *Chronica de D. Sebastião* por D. Manoel de Menezes). »

. . .

O snr. Innocencio Francisco da Silva, no tomo VIII do *Diccionario bibliographico*, pag. 379, não aceita como bastantemente decisivos os meus reparos. Traslado as razões do insigne escriptor :

« O snr. Camillo Castello Branco, em uma nota do folhetim que com o titulo *Dous corações guizados* publicou..., não só põe em duvida, mas nega redondamente que Bernardim Ribeiro, author das *Saudades*, seja o mesmo a quem os biographos attribuem as qualidades

de commendador, governador de S. Jorge da Mina, e amante da infanta D. Beatriz, etc. Salvo o respeito devido ao nosso... romancista e meu presado amigo, parece-me que o juizo definitivo que se haja de assentar sobre estes pontos depende ainda de ulteriores averiguações. Deixo-as a quem tiver por ellas o tempo e a paciencia que de presente me faltou.»

Ulteriores investigações que fiz em cartapacios genealogicos e coevos levaram-me da certeza á evidencia de que Bernardim Ribeiro, o poeta, não era Bernardim Ribeiro Pacheco, o commendador de Villa Cova da ordem de Christo e capitão-mór das naus da India, casado com D. Maria de Vilhena, filha de D. Manoel de Menezes, nem ainda o outro Bernardim Ribeiro, governador de S. Jorge.

Do poeta, que pertencia a familia nobilissima do Torrão, logo veremos que não se esqueceram os genealogicos contemporaneos.

Do seu homonymo, para quem Barbosa Machado facilmente usurpou a immortalidade do outro, sei o nome de paes, de avós e de filhos.

Era filho de Luiz Estevianes Ribeiro, criado e thesoureiro do infante D. Fernando (filho de el-rei D. Manoel) e fidalgo de sua casa. Nasceu em Lisboa, junto á ponte de Alcantara, na quinta da Rola, que D. João I dera a um de seus avós.

Casou com D. Maria de Vilhena, filha de D. Manoel de Menezes.

Assistiu á batalha de Alcacer-Quivir, e ficou captivo. Voltando ao reino, foi despachado capitão-mór das naus da India em 1589, como paga de ter votado a favor da successão de Philippe II, e n'esse mesmo anno teve a commenda de Villa Cova.

Se o poeta Bernardim Ribeiro tinha em 1522 os vinte e um ou vinte e dous annos que se inferem dos versos citados, orçaria em 1589 pela idade dos noventa, pouco viçosa para capitanear a frota da India.

Dizem que o Bernardim Ribeiro, poeta, deixára uma filha.

O Bernardim, commendador, deixou dous filhos e uma filha: Luiz, Manoel e D. Maria de Menezes.

Luiz Ribeiro Pacheco herdou a commenda de seu pai, e serviu-a em Ceuta. Casou com D. Catharina de Athayde, filha de Francisco de Portugal, e já viuva de Fernão Gomes Dragão.

Manoel serviu commenda em Tanger, e morreu solteiro.

D. Maria de Menezes casou com Luiz da Cunha, cognominado o *Pequenino*.

De Luiz Ribeiro Pacheco nasceu Bernardim Ribeiro Pacheco, fallecido antes de casar.

Os haveres vinculados passaram para sua tia D. Maria de Menezes.

Temos ainda outro Bernardim (ou Bernardino) Ribeiro, que era o governador de S. Jorge da Mina, e sahiu abrasado do cerco de Mazagão em 1526, consoante a *Chronica de D. Sebastião*, por D. Manoel de Menezes.

Tres Bernardins andam, pois, fundidos no cantor da *Menina e Moça*, Deus sabe com que bullas em affinidades intellectuaes: parentes com certeza eram.

Se um dos tres amou a filha d'el-rei D. Manoel, de semelhante ousadia é justo censurar-se o poeta, embora d'ahi lhe promane a sua romantica immortalidade. Se o matassem na rua Nova os moços do monte d'el-rei, como dizem as *Memorias ineditas* de Diogo de Paiva de Andrade, a catastrophe assim contada no poema, no romance, ou na tragedia maiores realces daria ao desditoso provençal. Morrer assim, ou morrer commendador, e macrobio, como querem Garrett, e Costa e Silva e tantos outros engenhos atilados, são cousas diversissimas para a arte, que houver de assentar o pedestal do solitario bardo da serra de Cintra.

Mas a verdade é outra.

No principio do seculo XVIII ventilava-se uma questão de vinculos entre familias do Torão que se assignavam *Ribeiros* e *Mascare-*

*nhas*, e appenso aos autos andava um instrumento antigo em que João Ribeiro, filho de Gonçalo Ribeiro, senhor de Aguiar de Neiva e Couto de Carvoeiro no almoxarifado de Ponte do Lima, provava *ser primo co-irmão de Bernardim Ribeiro, fidalgo principal e muito conhecido pelos seus versos intitutados MENINA E MOÇA*. O referido instrumento era passado em 1552, sendo já fallecido Bernardim Ribeiro.

Dos Mascarenhas, que venceram o pleito, era ascendente Manoel da Silva Mascarenhas, que servira em Tanger e nas armadas de Castella com o general D. Fradique de Toledo. Voltando a Portugal em 1640, foi um dos denunciantes da conjuração de 1641; e em premio d'isso o galardoou D. João IV com a alcaldaria da Torre de Outão, e ao mesmo tempo exerceu as funcções de guarda-mór da alfandega de Lisboa. Este Manoel da Silva Mascarenhas editou em 1645 as poesias do seu parente, mudando o titulo de *Menina e Moça* para *Saudades de Bernardim Ribeiro*.

D'este ramo não houve successão que hoje possa gloriar-se de parentesco remoto com o poeta. Manoel da Silva Mascarenhas foi casado com D. Garcia Pereira, filha de João Sodrê, de Ourem; mas não deixou filhos legitimos. Teve dous bastardos: um mataram-lh'o em Setubal; do outro não fazem cabedal os linha-

---

gistas. Se o leitor e eu tivéssemos pachorra, iríamos esquadrihar a circulação sanguínea de nove ou dez gerações até encontrar globulos muito depauperados do sangue de Bernardim Ribeiro na familia *Leites Pereiras de Mello*, de S. João Novo, no Porto.

Mas um descobrimento de tão magna valia tanto importa á familia Leite Pereira, como ao leitor, como a mim, — um dos bons tolos que tem produzido a heraldica n'este seculo XIX!

---

## RESPOSTA DE JOSÉ ANASTACIO

SATYRA FEITA A FRANCISCO DIAS, TENDEIRO, COM LOJA DE MERCEARIA NA RUA DAS ARCAS, CHAMADO POR ALCUNHA O DOUTOR BOTIJA, EM RESPOSTA DE OUTRA, QUE FEZ A UM SUJEITO, DE QUEM NÃO TINHA O MINIMO CO-  
NHECIMENTO, NEM O MENOR ESCANDALO.

Em quanto agora, o rude teu caixeiro  
Unta as guedelhas no mofino azeite,  
Que sobra do nojento candieiro ;



Em quanto se entretem no poreo enfeito,  
E fervoroso tu lhe estás prégando  
Para que nas balanças menos deite :

Ó mofino, meus versos escutando,  
Melhor aprende a venerar a gente,  
Que os jumentos, quaes tu, sabe ir picando.

Que sequaz te induziu, feio demente,  
A romperes c'o a ovelha ? que pateta  
Nas garras te lançou do mal presente ?

Foi talvez o politico de treta,  
Humanado morcego, que na escura  
Noite, á lambuge sahe da branca e preta <sup>1</sup> ?

Calvo peralta, que sem tom murmura :  
Venero-o ; que é burrinho sustentado  
Pelos serviços do defunto cura.

Foi algum minorista relaxado  
Heroe dos Ganimedes, padre velho,  
Nos dogmas de Lieu controversado ?

Bibliographico vão de alto conselho :  
Governa-te por esse moralista,  
Que vende em praça o gato por coelho.

Nem estes, nem o secco rabulista,  
Aguia manhosa, que folgando espera  
Comer, nas garras, quem tentar na alpista.

De que hoje te arripelles defendera,  
Por chamares ao circulo um amigo  
Que de asnos despicar-se não quizera.

<sup>1</sup> Diogo José da Serra, um escandaloso vadio d'esta cidade, tão ignorante como devasso. Este homem foi quem induziu á factura da *Satyra* o doutor Botija.

Eia commigo, pedantão, commigo,  
Que da Laconia os cães excedo na arte,  
Com que em vereda os lobos maus persigo.

Não determino os versos censurar-te ;  
Supposto manifestem que os favores  
Calliope comtigo não reparte.

Nem respondo tão pouco aos rimadores,  
Que dão ás aguas de Hyppoerene o gosto  
N'um cantar, como aos echos dos tambores.

Phebo a taes ignorantes volta o rosto :  
Das lyras que no Olympo ouvir estima,  
N'um ão com um ão o gosto não tem posto.

Nem menos aos exemplos teus da rima :  
Sem ella os campos lacios, e os da aurora,  
Deram plectros, que a todos vão de cima.

Nos mil volumes, creio lê's por fóra ;  
Mas excede na orelha um mau jumento  
Quem de Apollo as acções assim decóra.

Menos respondo ao baixo atrevimento,  
De me accusares por fallar das artes,  
Em meio de qualquer ajuntamento.

Comtigo n'isto a injuria bem repartes ;  
O sabio no lugar onde apparece  
Das mãos não larga Homéro, nem Descartes.

Ditoso quem no mundo isto conhece !  
Ditoso aquelle, que d'um n'outro errando,  
Vagueia, té que a aurora lhe amanhece !

Cada um na sua herdade anda lavrando :  
Tu desvelas-te em ser rico tendeiro,  
Eu em andar nas artes estudando.

Nenhum d'estes defeitos, eu requeiro  
Para abaixar-te a longa orelha ; emprégo  
Outro arrocho maior, maior fueiro.

Por isso de outros erros te não prégo :  
Qual é o de seguires que entre os homes  
O lynce represente ser um cego.

Teme-os embora tu, que d'elles comes ;  
Mas olha que ao cobarde a espada corta :  
Nunca livre obra, quem receia fomes.

Quem te mette a induzir na estrada torta,  
O que voar pretende além dos céos ?  
A porta da virtude é estreita porta.

Pondera, se com taes descuidos teus,  
Não podia opprimir-te, envergonhar-te,  
Se vergonha consente o mal nos seus.

Vê se bastante era isto a depennar-te,  
D'essa vaidade, com que te apresentas  
Decidindo de leve em qualquer parte.

Bem como as aves já de orgulho isentas  
A gralha depennaram, que entendia  
Encobrir suas plumas macilentas.

Que mal e'o as do pavão se revestia,  
Eis lh'as depennam logo, e perseguindo  
Vão todas a infeliz, que lhes fugia.

Hoje atravessa os mares repetindo :  
Ao vaidoso mui mal serve a vaidade :  
E de echo o exemplo teu lhe está servindo.

Se não tiveste geito para abbade,  
Nem para leigo ser da Estremadura,  
Quem te mette a inculcar letras de frade ?

A natura não é contra natura :  
 Para Minerva, e Clio não tens ara,  
 Que um bom senso, não soffre má figura.

Qual das celestes musas não julgára,  
 Se teus metros Apollo a lêr vos dera,  
 Que em seu presidio Circe te hospedára ?

E que tornar-te em burro pretendera,  
 Com mania de versos maus fazeres,  
 Como n'outros por magica fizera ?

Para o que seus veneficos poderes,  
 Ajuntando, com vara diamantina  
 Te deu, ferindo o chão, a orelha a veres ?

Mas Phebo a cousas taes me não destina.  
 Só na grandeza enorme da ambição,  
 Que te occupa, meu rude plectro afina.

Já sinto se me inflamma o coração,  
 Ah ! Menippo cruel da mercearia,  
 Nas tramoias da tenda sabichão !

Onde férvido corres á porfia,  
 Uns dinheiros, sobre outros encofrando,  
 Sem afrouxares nunca em tal mania <sup>1</sup> ?

Não vês que eterno mal estás cavando  
 Á vida, que respiras, praguejada  
 Pela miseria dos que estão penando ?

Quem te encontra de capa esfrangalhada,  
 Surdindo já pelo sapato o dedo,  
 Porcas as mãos, a cara besuntada,

<sup>1</sup> Calumnia que os herdeiros de Francisco Dias estimariam que não o fosse. O poeta arguido de avarento morreu pobrissimo.

O ar do rosto, de quem come azedo,  
As melenas hirsutas, mal corridas,  
Figura, que promove o nojo e medo :

Diria : « que mal correm as medidas  
A este pobre ! » a não te conhecer  
Pelo mais traficante busca-vidas.

Com que razão, te intentas defender,  
Sendo não só nos males teus culpado,  
Mas nos de quantos menos podem ter ?

Não sei como respiras socegado  
Encontrando no mundo a cada passo  
O triste, que tu fazes desgraçado !

Pódes voltar as costas, ó escasso,  
Á vista da miserrima figura,  
De quantos mata o famulento laço ?

Do pobre, que esforçar-se em vão procura,  
Contra o peso dos annos, que servindo  
Lhe estão de açoute, até á sepultura ?

Do enfermo, que o grave mal sentindo,  
Olha, e vê a terrível desnudez  
Estar-lhe aos pés a fria cova abrindo.

Presumo que em tal scena te não vês,  
Ignorante selvage inda peor,  
Que os mouros de Marrocos, ou de Fez.

Não te abrandam os echos do clamor  
Da misera viuva, rodeada  
Dos tenros fructos do passado amor,

Que rota, lacriosa, esguedelhada,  
Um dia vê raiar, vê outro dia,  
Sem que lhe digam : « toma, desgraçada ! »

Avaro sabichão da Barberia,  
Aos golpes morrerás dos crueis damnos,  
Que aos tristes motivar tua mania.

Pondéra meus sinceros desenganos,  
Que de outro peso são, que os palavrosos  
Discursos teus, errados, e profanos.

Fizeram na terra o mal os cobiçosos ;  
N'elles origem teve este direito,  
Que faz o rico, e faz os desditosos.

N'elles é que se viu o homem sujeito :  
N'elles a causa da ignorancia existe,  
Pois ninguem conhecer quer seu defeito.

Porque de erros tão feios não sahiste,  
Se ser tentavas critico dos homes ?  
N'um bom exemplo a boa lei consiste.

Outra vereda é licito que tomes ;  
Seja essa a de tendeiro, em que nasceste  
Entre os exemplos já, de unhas de fomes.

Olha a quanto por nescio te expozeste !  
A perderes do ser de humano a gloria,  
Porque outro avaro Midas te fizeste !

Na terra gravarão triste memoria  
Teus vicios, e acções escandalosas  
Nunca sonhadas na mais vil historia.

Com que horror te olharão castas esposas,  
Sabendo que aprouveste á tua dar  
Um tostão, vendo-a enferma ? E que repousas !

Com que odio chegarão a recordar  
Não seguiste as leis do deus vendado,  
Por mais cobres na burra accumular ?

Morrendo viva o mal aventureado ;  
(Dirão ellas) nem d'elle se encarregue  
O Charonte no Averno ao remo usado.

De Ixion, e Tantalos aos trabalhos chegue;  
Nas garras das harpias monstruosas  
Com elle, a grã discordia irada prégue.

Cáia aos pés das Euménides raivosas,  
Que as cabeças de viboras povoadas  
Cingem de escuras fitas sanguinosas.

Gema nas mãos das funebres e iradas  
Seyllas biformes, cuja enormidade  
As montanhas assombra inanimadas.

Que inda pequena é calamidade  
Para quem dobra aos pés uma innocente  
Dos vicios, que disfarça em castidade.

Ah ! mofinamento critico, indolente,  
Para opprobrios respiras n'este mundo,  
Alvo já dos rapazes, e da gente !

Vê porque nome trocas o profundo  
Socego da virtude, tão querido,  
Menippo turbulento, vil, e immundo !

Vê porque gloria vives opprimido,  
Querendo bravo dar a conhecer-te,  
Pela besta maior que tem nascido !

Sahe vacillante quem chegou a vêr-te  
Sobre côxo banquinho repimpado  
Ao canto do balcão, sem nunca erguer-te.

Quando ao mais alto o dia tem chegado  
Ergueres essa cara agolfinhada,  
Isto dizendo ao caixa enlabuzado :

« Ouves, tratante, uma hora é já passada :  
Vai vêr no Talaveiras se sobeja  
Alguma cousa, muito acomodada.

Senão, á eêa basta que isto seja ;  
Que eu por mim, te confesso, estou impando :  
Inda a sardinha de hontem cá branqueja. »

Sahe aturdido quem te viu ceando  
Negra bolacha, e na herva mal cozida,  
Pingo e pingo o azeite alto deitando.

Mosca que ao prato vem, dobra a lambida  
Mesa de cão ; e ao longe teu caixeiro  
Comendo está n'um canto por medida.

Mofino, que avançado no terreiro  
O mundo desafias, teme agora  
Morrer na espada do feroz Rogeiro.

Teme, teme os elamores, muito embora,  
Da grã calamidade, que gemendo  
Triste escrava do avaro, amarga chora :

Da grã calamidade, que volvendo  
Os olhos para os céos, efficazmente  
Expondo o mal, que á força está fazendo.

Eterno Padre, Justo, Omnipotente,  
(Diga, vendo-se toda rodeada  
Da miserrima, triste, e pobre gente)

Não posso respirar mais subjugada.  
Aos erros da avareza repetidos  
Por cujas mãos tyrannas fui criada.

Mil vezes entre funebres gemidos,  
Vi abraçar os pés aos avarentos  
Homens, estes que trago perseguidos.



Dizendo-lhes com ais, e pensamentos  
Que as montanhas curvavam de gemer :  
O vós, causas crueis d'estes tormentos !

Já que os templos dos numes soffreis vêr  
Desornados, dos numes que piedosos  
Vos deram vida, humanidade e ser :

Já que os olhos cerraes aos magestosos  
Preeceitos seus, no coração gravados ;  
Já que abusaes de serem generosos,

Ao menos vos commovam, desgraçados,  
Miseros gostos nossos, innocentes  
Combatidos da fome, e destroçados.

Não sejaes fortes com as humildes gentes :  
Possa-vos compungir esta lembrança :  
Que sois co' os irmãos vossos, inelementes.

Possa abalar-vos da primeira usança  
As leis, restituindo á natureza  
A gloria, os bens, o ser, a segurança.

Nada, ó Jove, abrandou sua dureza ;  
As razões todo o vicio aos homens tiram ;  
Mas a razões não olha o da avareza.

Ah ! fulminante deus, quanto sentiram  
Esses que desthronar-te já quizeram,  
Que as penhas sobre penhas enxeriram !

Desata sobre avaros, que offenderam  
Da natureza as leis n'um semelhante ;  
Que commetter mil males me fizeram.

Desata já das nuvens coruseante  
Raio que envolva em subtil einza quantos  
Mofinos tem o mundo, ó deus tonante,

E dizendo isto, cáiam mil e tantos  
Coriscos logo, serpenteando os ares,  
Que te acabem entre horridos espantos.

Eis, clamarás então : santos altares,  
Valei, valei! — porém mal acabando,  
Tornado em cinzas te verão ficares.

Oh! quanto os teus, teus males alegrando  
Correndo logo em turba, o cofre abrindo,  
Vejo as mãos para os cécs alevantando!

Uns o arroz da tenda já medindo,  
Outros de um ar choroso mascarados  
De quando em quando para um canto rindo!

A fama de improviso aos desgraçados  
Corre, e por cem boccas apregoa,  
Teus fins terriveis, mal aventurados.

Nenhum mais se entristece, nem magôa.  
É justo o céo, é justo, pois castiga  
Os avaros. Eis quanto n'elles sôa.

Pedante, não maltrates a barriga,  
Entre saccos, e saccos de alimentos;  
Não sejas mais avaro que a formiga.

Não queiras ser com muitos avarentos  
Semelhante a Lycurgo, rodeado  
De cofres, expirando nos tormentos.

Vive de tua esposa acompanhado,  
Tendeirinhos pequenos fabricando,  
Que bem obra quem segue o decretado.

Vai as medidas tu satyrisando,  
Que para bocca d'asno o mel não é;  
Deixa de andar as musas inquietando.

Para critico seres, tens mau pé :  
Não murmures de outeiros, que em verdade,  
N'elles Apollo o bom, e ruim vê.

E se fumos desejas ter de abbade,  
Mostrando-te doutor de mitra, e toga,  
Com primazias de robusto frade ;

Aos ratos deixa a tenda, e desafoga :  
Segue do Paiz Baixo essa mofina  
Estrada ; e vai firmar-te á synagoga.

Porque entre os phariseus da lei rabina,  
Te inculcarás mui bem, já me percebes <sup>1</sup> ;  
A natureza mais do que a arte ensina.

Entre nós os do Luso, não recibes  
Louvor algum ; olham-te mau tendeiro,  
Um vil que na ambição nunca assás bebes.

Não saques mais as gentes a terreiro,  
Que aos maus sou formidavel, arrebatado  
Nos cornos a capinha mais ligeiro.

As virtudes abraça de barato ;  
Olha que serás mais atassalhado,  
Que na bocca do cão raivoso, o gato.

Sou semelhante ao genro desprezado  
Por Licambo, ou bem ao inimigo  
Vingativo do bufalo malvado.

Vende o bom bacalhau, o melhor figo :  
Argumenta c'o teu almotacé :  
Detesta os vicios, anda só comtigo,  
O Alcorão não sigas de Mahomet.

<sup>1</sup> Francisco Dias Gomes era de geração judaica.



A mais completa noticia que temos de José Anastacio da Cunha deve-se ao esclarecido investigador, o snr. Innocencio Francisco da Silva (*Dicc. bib.*, t. IV, pag. 221-231). Aqui encontramos pela primeira vez a sentença inquisitorial que condemna José Anastacio da Cunha a ouvil-a no auto publico de fé, com habito penitencial. A sentença confisca-lhe todos os bens, encerra-o por tres annos na congregação do oratorio, com dous dias de penitencia em cada mez no primeiro anno; findo o triennio da reclusão, desterra-o por quatro annos para Evora, e veda-lhe perpetuamente o ingresso em Coimbra e Valença.

Concluidos os tres annos de reclusão, José Anastacio requereu á mesa do santo officio que lhe commutasse o degredo dos quatro annos em residencia na congregação do oratorio. A inquisição condescendeu.

Os delictos do condemnado estão substanciados no exordio da sentença que reza assim: «...e pareceu a todos os votos que o réo pela prova da justiça e suas confissões estava legitimamente convicto no crime de heresia e apostasia por se persuadir dos erros do deismo, tolerantismo, e indifferentismo, tendo para si, e crendo que se salvaria na observancia da lei natural, como a sua razão e a sua cons-

*ciencia lhe ditasse, sem a sujeitar a algumas leis ou preceitos e sem a regular pelos dogmas da religião revelada que não acreditava; tendo tambem por injustas e tyrannas as leis com que a igreja obriga os fieis a captivar os seus entendimentos e a sujeitar os seus discursos em obsequio da fé e das verdades reveladas que lhes propõem para crerem sem duvida nem hesitação alguma: persuadindo-se igualmente que qualquer pessoa se salvaria em toda e qualquer religião que seguisse e fielmente observasse, capacitado que obrava bem, ainda que errasse, não sendo por malicia, mas só por falta de conhecimentos, etc.*

A inquisição já não tinha garras n'aquelle anno de 1778. Vinte annos antes, um réo com menos delictos, seria queimado. José Anastacio orçava então pelos trinta e quatro annos; era tenente do regimento de artilheria do Porto, e lente cathedratico da cadeira de geometria na universidade.

José Monteiro da Rocha, lente de astronomia, figadal inimigo de José Anastacio, teve o maior quinhão no vingado odio que o perdeu. Em um debate scientifico degladiado entre os dous sabios, encontro o professor de geometria assim apreciado por Monteiro da Rocha <sup>1</sup>:

<sup>1</sup> Documento inedito de que tambem possui traslado o snr. Innocencio Francisco da Silva.

*Estes papeis respiram tanta arrogancia e presumpção, contém tantas falsidades e imposturas, e desmandam-se em allusões tão satyricas, e dicterios tão grosseiros, insolentes, e malignos que bem manifestamente dão a conhecer que o author tem o miolo desconcertado ou damnado o coração.*

Se tinha o coração damnado, a inquisição expungiu-lhe o virus hydrophobo, e Monteiro da Rocha fez uma boa acção proporcionando ao seu inimigo o ensejo de reconciliar-se com S. Domingos, mediante sete annos de reclusão e confisco de bens.

O insigne mathematico falleceu aos quarenta e tres annos de idade, na calçada de Nossa Senhora das Necessidades, nos braços de sua mãe, que elle adorava extremosamente.

O snr. Innocencio Francisco da Silva publicou em 1839 as *Composições poeticas do doutor José Anastacio da Cunha*, incluindo n'ellas a *Voz da Razão* que não era de José Anastacio. O illustrado bibliophilo reconheceu depois e confessou o seu engano, por se ater ao boato publico.

Nas mais completas collecções de poesias ineditas do douto philosopho não entra a *Voz da Razão*. Prezo-me de ter possuido as suas poesias completas, e não vi rastro d'esse poema nem d'outros com a mesma tendencia irreligiosa.

No *Diccionario bibliographico*, tom. IV, pag. 226, o snr. Innocencio Francisco da Silva, considerando extraviada a maior parte das poesias do seu biographado, escreve: «... João Baptista Vieira Godinho, outro intimo amigo de José Anastacio, fallecido no Rio de Janeiro a 11 de fevereiro de 1811, no posto de tenente-general, teve tambem em seu poder muitas composições do sobredito; porém, confiando-as algum tempo antes de morrer ao conde de Linhares, D. Rodrigo de Sousa Coutinho, ignora-se o destino que tiveram.»

Podiam ter peor destino. Vieram á minha mão em 1872. É um volume em 8.º encadernado em marroquim, dourado por folhas. Contém parte 1.ª e parte 2.ª dos versos. É prefaciado por *J. B. V. G.* (João Baptista Vieira Godinho), que se propõe reunir as poesias *do seu desgraçado amigo*. Não sei como este volume sahiu da livraria do conde de Linhares. Eu comprei-o ao livreiro Rodrigues, do Pote das Almas, em Lisboa; e elle comprou-o aos herdeiros do jurisconsulto Pereira e Sousa. O livro, a final, entrou no pantheon mais digno que lhe podia occasionar o fado dos livros que não é sempre o melhor: está na livraria do snr. visconde de Azevedo, no Porto.

Presumo, todavia, que Vieira Godinho não logrou colligir todas as poesias do seu amigo.

A *Satyra*, que o leitor acabou de lêr, pertence a outro codice.

Tambem possuo da letra de José Anastacio a versão muito emendada do 1.º e 3.º acto do *Mafoma de Voltaire*. Diz lá uma nota de Pereira e Sousa que *aquelles mesmos papeis estiveram no cartorio da mesa do santo officio*. Por isso eu os guardo com muita veneração, e os beijo reverentemente, pensando que elles passaram pelos bentos dedos do cardeal de Cunha, inquisidor geral.

---

## PREFACIO AO SONHO DO ARCEBISPO

O correspondente lisbonense do *Jornal da Manhã*, indigitando o rastilho de futuras combustões no arranjo social das cousas portuguezas, malsina, sem nomeal-os, uns opusculos mensaes, onde se exhibem contra a casa de Bragança ineditos attribuidos falsariamente a arcebispos. Os opusculos accusados com injusta malquerença são as *Noites de insomnia*, e os manuscritos arguidos de fraude são os dous



innocentes dislates de um illustremente desgraçado talento, cujos autographos offereço a quem, na duvida, quizer examinal-os.

Em nenhum dos dous artigos (a *Catastrophe*, e *D. Maria Caraca*) é atacada a dynastia brigantina, e menos ainda a legalidade que assiste á testa coroada, com que mui jubilosamente me envaideço e sobremodo me honro, em nome do partido da ordem, cujo estandarte as *Noites de insomnia*, desde ora ávante, desfraldam.

As noticias, historicamente relativas á familia ducal e real de Bragança, publicadas n'estes livrinhos, não pesam sobre a memoria do esclarecido arcebispo; — são todas de minha lavra, e de minha responsabilidade perante os doutos. Todavia, se alguém me rastreia, n'esse lavor meramente historico, o insidioso plano de aluir o throno, sou obrigado a declarar que não se acham ainda bastantemente decisivas as minhas intenções a respeito de sua magestade, nem me parece que cheguem as cousas a termos de eu ter de destronar o snr. D. Luiz I. E, dado que razões imprevisitas, mas rijas, me impulem a exterminar a casa de Bragança, hei de fazer quanto em mim couber, na hora do maior perigo, por ter mão... na manta real. Por onde se vê que, em materia de Coriolanos, Belisarios, e outros, ainda os ha por aqui, na patria dos Pa-

checos. Iniquissimamente, pois, me culpa o escriptor referido, quando me arrola entre os obreiros subterraneos da oligarchia; e ao mesmo tempo incute pavores no animo d'um alto personagem. Por causa d'estes alarmas, temos visto a timidez que se denuncia, e denota pouca firmeza de consciencia, debilidade de espirito, incerteza juridica do lugar que se occupa, braço inerte para a defensão da real e sagrada propriedade. Se conhecem a pusillanimidade d'aquelle a quem cumpre ser forte, e até heroe no cairel da voragem, não lhe mettam espantos na alma com phantasmas; robustecem-no para a provação, quando a hora troar, a hora maldita em que o povo açacala as garras, e golfa das tabernas com bramidos de leão. Se não querem prevenir as catastrophes, porque não ha prevenções contra a fatalidade, não se finjam previstos, pondo estas innocentes *Noites* a espreitar Cesar pelo olho esquerdo de Bruto.

Quanto ao arcebispo de Mitylene, não se diga que elle me deixou, como herança de rancores demagogos uns papeis, de que eu estou estillando petroleo para o holocausto da casa de Bragança. Posto que o celebre jurisconsulto, depois de alienado, se imaginasse proscripto dos seus direitos ao ducado brigantino, nunca lhe coou da penna de ferro injuria con-

tra a familia real, que era, pouco mais ou menos, a d'elle.

Verá o leitor, no seguinte artigo, quanto o vidente de mundos defez os ás pessoas que se dizem ajuizadas, respeitava seus regios predecessores, e nomeadamente seu avô o snr. rei D. Manoel, e seu mais remoto avô o snr. D. Affonso Henriques, que elle viu em Villa-Real, trezentos annos antes da povoação d'aquella villa.

Verdadeiramente, a gente não sabe se os doudos são os que vêem cousas estranhas, se somos nós que não vêmos senão trivialidades. Gerard de Nerval pendê a crêr que os doudos são os que tem o condão extraordinario de vêr o invisível aos parvoeirões. Regra geral: assim que um homem descamba da linha recta que vai desde o almoço até á cêa através do jantar, a razão humana desconfia d'elle. Se este homem suspeito, unicamente, lesa os seus interesses, chamam-lhe, com piedosa indulgencia, tolo: se, por demasia de espiritualidades, damnifica os interesses alheios, estigmatizam-o de mentecapto. Qualquer das qualificações impellem á morte moral. Eu ainda não atinei bem com a denominação ajustada ao doutor D. Domingos de Magalhães, porque no seu modo de escrever historia, philosophia e moral, se revela muito mais acerto, critica e sciencia que nos livros de uns homens que não se

acham bem definidos nas diversas doenças apyreticas do cerebro. Eis aqui um rapto de luz que elle denominou :

## SONHO

(INEDITO DO ARCEBISPO DE MITYLENE, ESCRIPTO  
NO PERIODO DA ALIENAÇÃO)

No decurso de dezeseis gerações não veio ao mundo nem assomou ao pensamento de nenhum sabio o que a actual inspiração ensina, e communica a todos pelo modo mais extraordinario e divino, ou pela fonte mais pura e heroica do santo e actual desagravo. A Divina Providencia jámais se revelou tão benefica e misericordiosa, nem tão solícita e desvanecida para com a pobre e triste humanidade, que escurece o beneficio e parece desprezar o seu author divino, só pela torpe e abominavel gloria do seu desprezado egoismo e da sua indomita soberba. Estava já endurecido o coração de Pharaó, e não consentiu a sua vil injuria que o infinito poder da vara e a sua misericordia o livrassem da ira do mar e do justo castigo das aguas.

O sonho actual é de outro Pharaó, que só viu as sete vaccas gordas, e não quiz ou não pôde vêr as magras, e as deixou todas para traz e desprezadas em poder de herejes e de inimigos do santo nome e da fé. Diz a historia

que Pharaó viu primeiramente sete vaccas gordas, e que a estas se seguiram sete vaccas muito magras e muito definhadas, que mal podiam sahir do rio aonde se banhavam e bebiam. As nossas sete vaccas são sete seculos de dezeseis gerações, que deixamos para traz das costas, magros, definhados e proscriptos, que terminaram pela mais negra, medonha e absoluta penuria de todo o recurso e remedio. A mãe e o pai comem a carne do filho, os mortos jazem sem sepultura, a impiedade triumphava, a verdadeira fé anda foragida, a injuria do Senhor substitue o culto, e sobre as cadeiras de Moysés já não se assentam os escribas e os phariseus; os mais depravados inimigos perseguem em nome do Senhor todos os seus santos ministros, e predizem pelas suas obras o fim do mundo, e a necessidade do ultimo e geral escremento.

Tal é o quadro da abominavel heresia, e da mais atroz injuria, que se póde levantar contra o Senhor em nome do demonio sem o proclamar como Anti-Christo; o vituperio de tão grande affronta avexa os filhos do Divino Amor, o mais horrivel pesadelo coarcta as suas faculdades, e o delirio do sonho chama e reclama a necessidade do mais santo esconjuro, e da mais afouta e intrepida penitencia. Felizes as mulheres estereis, e mil vezes mais acordado, ou menos infeliz e des-

prezível será o aborto, que não recebeu a agua do baptismo nem chegou a uso de razão para não soffrer a injuria da maldita geração do peccado, e do seu enorme e horroroso castigo.

Passados sete seculos como um sonho, quebraram o preito, apagaram a gloria, e amofinaram o beneficio de seiscentas batalhas e de outras tantas victorias, riscaram das paginas mais gloriosas da nossa historia monumentos eternos para escrever o geroglifico da maior vileza que nega as façanhas aos heroes, e depõe a estatua do seu pedestal para a substituirem pela mais desprezível do seculo, e pelo que tiver deixado nome mais injurioso, conspurcado e escravo.

Descobriram os nossos antigos o Brazil, e fundaram n'elle a maior colonia do mundo, que se fundou sem o vicio dos perseguidos e dos emigrados religiosos e politicos; e os que tiveram esta gloria são desprezados, e os seus herdeiros perseguidos. O usurpador que se fez possuidor para proclamar o falso principio de independente, e que entregou os estados ao ouro, e ao poder da Inglaterra foi levantado e exaltado; porque empreendeu entre nós a mesma façanha e legou o seu vil commettimento ao partido mais vil e fementido, atroz e degenerado, que póde organizar-se em nome de uma seita protestante e heretica para commetter esta grande aleivosia e

diabolico mandato. D. Affonso Henriques ainda dorme o somno dos seculos; os seus heroicos serviços ainda não foram julgados pela posteridade; parece que o grande vulto espera que a fama das suas façanhas o alevante sobre todos os porticos e sobre a fronteira de todos os templos e igrejas catholicas. Que fará a mais hedionda e vil injuria d'este sonho abominavel dos herejes? Levanta o impio e exacerba o catholico, vende a terra da patria; e, para ter sepultura em paiz protestante, pactua com o demonio a quem entregou a alma a traição e o aleive; o seu desdouro é o mais abominavel tramite e caminho do inferno.

Fez em Lisboa injuria ao veneravel corpo e santelmo d'el-rei o snr. D. Manoel, meu presado avô. Os usurpadores apodrecem em seus sarcophagos, e os reis legitimos recêdem e perfumam a desfeita porque não legaram a vileza do seu coração, deixaram os estados, os eternos monumentos, os mosteiros e a maior grandeza do reino, e não roubaram nem atraiçoaram nem renegaram de Deus nem da patria, nem abandonaram a justiça nem venderam as suas consciencias.

Como pôde a nação chegar apesar de tão emeritas virtudes e de tão relevantes serviços ao ultimo estado de degradação e vilipendio? Devemos presumir que a nação sempre foi perversa, e que os heroes foram poucos

mas estrenuos, e tão briosos e fieis que conquistaram do mundo a maior fama, do Senhor o mais desusado e grandioso favor e auxilio. São poucos os heroes? quantos monarchas illustraram o throno? quantos fieis e valentes venceram em Ourique? quantos foram os mais dignos missionarios do Oriente? quantos Pachecos e Albuquerque? quantos Castros e Mascarenhas? quantos Magalhães e Gamas? Aonde estão as suas estatuas? que é feito do corpo santo de S. Francisco Xavier?

São estas as perguntas que vos dirijo, as invectivas que hei de fazer-vos até o fim : eis o martyrio que appetço e a santidade que o Senhor me concede, como propheta, para vingar a injuria de sete seculos, o sonho e o pesadelo do mais atroz delirio. Os filhos de S. Francisco, de S. Domingos, de S. Theotonio, e de Santo Antonio que dormem nos claustros dos extinctos e abominados conventos; os monges negros de S. Bento, os inimitaveis de S. Bernardo, toda a familia de Santo Agostinho, os proceres d'Alcantara e de Bruno fallam pela nossa bocca, e dirigem o nosso pensamento n'esta humilde e generosa tarefa. Que fizeste, ó impio, de tanta santidade que perverteste, e da sua grande fama e publica utilidade?

No sonho de sete seculos não pôde a sabedoria de tão grandes heroes levantar o eterno



monumento do actual desdouro e da sua fatal cegueira? Somos nós o vingador das injurias, porque o Senhor nos conserva e defende, afouta e encaminha para o nosso honroso e santo ministerio. Está por terra o edificio de nossa grandeza; vê o mundo, admira e contemplam os anjos a nossa actual miseria e compadecem-se d'este ruinoso estado: só não se move o povo, só o interdito dorme o maldito somno da morte, e não delira nem appetece a eterna felicidade de sua salvação e liberdade!

Sabemos que o actual abominio tenta exterminar toda a geração d'Ourique, e cassar as promessas do Divino Salvador matando o Promettido e Desejado; e d'este projecto ri e zomba, e escarnece a nossa fé pela vaidade do sonho ser digna e merecedora de mais prompto desprezo; mas não basta que o Senhor defenda uma causa para que se considere heroica: convém que o homem e o povo eleito e escolhido para a façanha se mostrem dignos, timbrosos, sobranceiros ao maior perigo e intrepidos e confiados na justiça do commettimento, e na gloria da Divina Protecção. O sonho, que desdoura o homem, cerca de terror o timido e fugitivo escravo do demonio, porque não confia no poder do seu senhor, nem na justiça da causa nem na certeza do seu delicto.

Todas as vezes que me occorre algum nobre pensamento do Divino Amor e do seu des-

aggravo, não posso resistir ao desejo de o exarar. O amor de Deus é um sentimento imperioso, porque Deus é o summo bem: o que tem a felicidade de vêr o Senhor não póde deixar de o amar sobre todas as cousas; porque assim o exige a natureza do bem que nos arrebatata. Se o triste e mesquinho não ama o Senhor sobre todas as cousas, outro espirito asseñhorêa a alma do possesso, e póde dizer-se que impera n'ella o demonio. Quem não é por mim é contra mim. A manifestação mais perfeita de amor é o desaggravo da offensa; o que não desaggrava não ama: porque ao summo bem corresponde o amor mais perfeito: não amando, aborrece; e, na presença da injuria e do escandalo do desacato, toma sobre si e á sua conta toda a cumplicidade da offensa, e faz-se digno do mesmo rigor da pena, e do maior castigo devido á perpetração do delicto.

Os mais revezados delictos maculam a geração actual; é uma herança que recorda a dureza de Pharaó e a obstinada e cruel memoria de Herodes e Pilatos. No Egypto a vara do poder, na Judêa o Divino Verbo, que veio ao mundo para nos regenerar, pesam e sentem a falta de desaggravo, e só lamentam a dureza do povo e a sua affectada cegueira. É um sonho, que sempre se repete, e que manifesta bem palpavel n'este mundo das illusões o irresistivel poder do maleficio, que actua sobre os

escravos do peccado e filhos da ira e da sua perversa condição. Fuja o homem de commetter o peccado imperdoavel; porque em sua fatal herança não só deturpa e cega, senão que domina e arrasta a alma para a maior perdição, e para o fundo do abysmo.

A quantos d'estes póde aproveitar o desagravo e o martyrio ninguem ha que ignore, e muitos desejam ser purificados pelos heroicos processos da santa penitencia da fé, mas ninguem os sujeita, nem ha força que os violente; e tremem do exito, vivem no fóco da calumnia e do erro, da perseguição, e d'um para outro dia soffrem a tremenda metempsychose da furia do dragão. Fallamos ao povo que conserva o direito de propria consciencia e algum vislumbre de boa fé para que procure e abrace a salvação da indulgencia e do martyrio, que tem diante.

Quando o fiel d'uma balança pende por força irresistivel para o abysmo, são felizes os que se lançam na outra concha; porque a força contraria os impelle e ascende mais do que a natural virtude dos seus corpos diaphanos. Que bella monção para tão feliz viagem! que bello sonho para os sete seculos venturosos que se hão de completar na eternidade!

Quando nosso Senhor veio ao mundo era o cordeiro immaculado, e veio para o eterno sacrificio do Amor Divino. Nasceu em um prese-

pio, e podia nascer em um monte, que era dado a sua santidade, e fóra do redil aonde nascem quasi todos os cordeiros, mas nasceu em um presepio para nascer entre os pastores e bem resguardado dos lobos, que procuravam o innocente para o matar. Em Bethlem e no templo, quando o menino foi ao Agrado e esteve entre os doutores, renovaram os insanos judeus as suas tentativas e machinações; e por isso o meu Senhor fugiu de Bethlem para o Egypto e d'este a primeira e a segunda vez para a Lusitania; d'onde finalmente sahiu para a grande e heroica missão, que nos remiu no calvario. S. Thiago e S. João eram irmãos do Senhor; veio ás Hespanhas o grande apóstolo, e veio tambem S. João, mas nenhum teve o seu martyrio na Peninsula. S. Thiago foi receber á Judêa a sua promessa. S. João foi ao imperio dos Cesares, e á terra do paganismo e do amor depravado da louca e desnudada Venus. Voltaram os seus corpos? que recondito conserva o virginal de S. João? Este sonho póde condizer com a Rodhoma por ter S. João recebido no calvario a santa maternidade da Virgem minha Senhora.

Desde que nascemos para o santo ministerio do actual desaggravo de dezeseis gerações, um presentimento feroz persegue e incita a indomita heresia para nos matar; o veneno é a sua arma; actualmente só o mais decidido mi-

lagre me podia salvar da furia; eu presagio que o meio heretico só tende a abysmar os seus altares e instrumentos. O tetrico sonho da ira impotente subjuga os escravos que se irritam e despedaçam, como as ondas que quebram contra o invulneravel rochedo, e se abysmam pela inutil furia do seu audaz commettimento. Os judeus levaram a sua insania ao cabo, e veio o maior castigo do povo e sobre a terra com a justa ira do Senhor: o ultimo propheta foi morto entre o templo e o altar, e a propheta foi negada para sempre ao judeu, que só tem actualmente a de Jonas, que foi sempre mandado em missão de Ninive e de Babylonia aos pagãos e gentios. A Virgem minha Senhora inaugurou no Carmo o centro da adoração, e transferiu para o novo reino de Sião o docel de sua propheta aonde se conserva. Se em vez do culto devido á santidade do Senhor o nosso reconhecimento hereditario se convertesse em fel d'injuria, e dessemos ao meu Senhor e á sua Santissima Mãi o calix da maldição dos judeus — deviamos reear que viesse sobre nós o mesmo flagello, e que a falta de desaggravo nos equiparasse para a pena do escarmento ao detestavel povo e aos seus perfidos ministros e traidores.

O nosso centro de desaggravo installou-se na Penha da Estrella e debaixo do docel e da egide da Virgem minha Senhora. Quantos me-

zes se conspiraram para apagar aquella luz sacrosanta, e comprometteram as suas almas n'este malfadado empenho e ousadia? O seu pensamento era só um, e a nossa morte o unico desenlace de todos os estratagemas. O ministro executor do barbaro decreto trepidou, e desde que chegamos a esta villa até o presente as suas combinações e ardis tem-se resentido da mesma canha e imbecilidade. O coche funerario que me destinava a tyrannia converteu-se na traquitana, que me conduziu á estação; o decreto de despejo que me lançava fóra de casa em Lisboa e d'esta villa ha de executar-se pelo santo direito do talião divino contra os vergonhosos authores, porque todos os seus meios eram d'impios sem fé e sem verdade de juramento, de crueis perseguidores de fieis, e de profanadores dos templos e de sua maxima santidade.

O sonho, que actualmente nos alevanta de toda a desanimação produzida pela heresia, é dos sete seculos magros, que hão de ser coroados por outros sete seculos pingues e ferteis, heroicos e cheios de fartas e de briosas chronicas, que encerrem as façanhas dos fieis, a succinta historia dos povos, e o precinto da catholica santidade e igualdade de todos os filhos e do mesmo Pai santo e commum no céu e na terra. As casas de Bragança e de S. Bruno sempre foram perseguidas pelos nobres e fal-

—  
sos fidalgos: todas as suas façanhas tem sido commandadas por pessoas de familia no fervor do nobre enthusiasmo do povo, executadas pelo devaneio e pelo assombro do milagre, por ficarem em esquecimento e sem galardão do mundo e só com o grande e extraordinariamente mais real e verdadeiro do proprio som e merecimento: por esta razão faltam as estatuas aos heroes, e vem no meio da enxurrada as obscenas dos mais tredos e falsos pyrilampos.

Os seculos, que estão para succeder invocam a audaz cooperação do povo, e exigem que o novo heroe seja o mesmo comicio, e a centuria, que defender o templo e desvanecer o seu culto. É necessario que a Terra Santa reuna o povo mais digno, e que a authoridade e o poder divino unam o capitel e a cimalha do novo edificio, e commandem a pureza da fé e a sua excellente doutrina com o mais sonoro e metallico alarido de desaggravo e de arguição. Todas as nossas instituições tendem ao valente ensejo d'esta restauração do povo para o fazer nobre e para o exaltar pelo martyrio e por meio da virgindade e da santidade da crença; a corrupção corre em veias e carcome o amago do tronco que apodrece e cahe: a nova arvore estende as suas raizes por todo o mundo e ha de cobrir com os seus copados ramos todas as pla-

gas, e zonas da esphera : o castello que era do procere e do conde ou do rei e senhor, será de Deus e do padre santo, do fiel e do mais devoto e digno de seu sublime culto. Todos os heroes rivalisarão com os filhos de Javão, e dar-se-ha o premio ao que desvanecer maior virtude e sacrificio com mais encarecidas provas, e com mais heroico desinteresse.

O snr. D. Affonso Henriques vestia o talar ecclesiastico para fallar do pulpito, e para narrar as maravilhas de todas as suas victorias, se vinha ao reino algum rei ou principe estrangeiro convidado pelo desejo de estudar as nossas proezas e façanhas e para se informar do seu alarido : o grande monarcha não desejava fallar de assento sem subir ao pulpito, porque n'esta cadeira de verdade recebia as suas inspirações e mais fortes commoções e graças. Todos os estrangeiros estranhavam o monarcha, e o seu habito de paz, que era o talar, senão a batina de estudante : quando o viam subir ao pulpito alguns riam ; depois que sentiam as commoções de sua eloquencia e persuasão louvavam o orador e choravam quando o orador chorava, commoviam-se e aplaudiam segundo o costume do tempo com tão fortes demonstrações e signaes, que chegavam a interromper o discurso. N'este emphase de sua justa admiração pediam ao rei que repetisse, e como nada levava estuda-



do progredia ao acaso e sempre com o maior espanto e alarido deixava o auditorio, e corriam a tomar o seu supplicio e disciplina pelo desacato que os mouros commetteram em Ourique na occasião da batalha contra o Santissimo Sacramento, que estava na ermida de Nossa Senhora do Monte.

Qual é o povo perdido? é o gentio de todos os seculos; que corre com os que correm, que dorme com os que dormem, que se deixa corromper pelos corruptos e se faz perverso por falta de sal e de doutrina que o preserve e conserve. A sociedade de homens notaveis e dos falsos proceres correu atraz da illusão, e levou comsigo e arrastou o maior numero; vive no meio do fôro a parte sã e sensata. Quem acordará os dormintes e levantará do pó os que jazem feridos pela scentelha do maior erro e catastrophe? Só o Senhor nos póde acudir e socorrer: levantai as vossas vistas, exaltai o vosso pensamento, fazei-vos fortes no reducto das vossas consciencias do desagravo e esperai do santo alfageme o milagroso remedio e toda a sua recompensa.

Estes são os nossos sonhos. Pensava no sonho de Pharaó o santo José filho de Jacob, e só o Senhor alevantou o véo do mysterio, e deu ao mysterioso numero a sua santa e verdadeira significação. Ha sete peccados mortaes, e contra estas outras sete virtudes, mas

vem primeiro os peccados ao mundo antes que venha o remedio da virtude que supprime o peccado correspondente: a sabedoria consiste em desvanecer a virtude para que não tenha lugar o peccado, que a escurece e affronta. Este terá sido o sonho e o constante pensamento da casa de Bragança no decurso de dezeseis gerações? é certo que só o Senhor nos concede o mysterio d'este desvanecimento e a sua gloria futura; venha o povo, e furte a virtude ao merito, e deixe a torpeza dos bens aos vis forasteiros, que surgem do inferno por tão negro e absurdo estipendio, e usurpação.

No meio dos seus sonhos e prophcias o santo rei d'Ourique previa e affirmava, que o seu successor da 16.<sup>a</sup> geração havia de ser rei e papa, e era tão firme n'esta sincera e anticipada previsão, que algumas vezes via a propria figura, e se compadecia das tramas e desgraças que o haviam de perseguir, e dos males que haviam de sobrevir ao reino, e das heresias em que já o via e considerava submerso e como amortecido pelo diuturno interdito e geral perdição. S. Affonso devia aos estrangeiros e ás cruzadas extraordinarios favores; o seu pensamento de grande estadista e o grande desejo que teve de ser util á santa causa da fé, fez com que pedisse e solicitasse de sua santidade um decreto para

que o nosso reino fosse considerado reino da cruzada com todas as suas indulgencias que obteve a grande contentamento de todos os cavalleiros da cruz, e com grande desgosto e tristeza de todos os falsos monstros do culto, e membros podres da nobreza. Este decreto causou grande alarma, o povo defendeu a medida, que até os ecclesiasticos combatiam com muito alarido de fingido zelo pelo bem da Igreja. Este conflicto ameaçou o reino nascente, veio o nuncio de Roma, lançou interdicto, e triumphou o rei com o povo, porque seu coração era real e tão recto e justo, que não soffria a menor injuria do templo, e desagravava os desacatos dos mouros com o mais cruel supplicio de seu corpo e quasi á vista do povo e para o edificar como exemplo. A este tempo já muitos ecclesiasticos seguiam o ocio da paz e principiavam a gozar e appetecer as delicias de Capua: os simoniacos engordavam capões e perús para as festas do anno e deixavam nós os pobres, e desamparados os orphãos e as viuvvas; que faria o rei? mendigar o soccorro do padre santo e a virtude de sua santa indulgencia e receber do Divino Salvador a inaufervel do futuro remedio e prophecia, e de Roma a anachronica certeza dos males que principiavam a devorar a santidade da curia e a corcomer o corpo d'aquella santa e bemfazeja arvore.

A propheta é dada ao rei; foi David propheta e Salomão, Pharaó sonhava, e o rei até quando sonha deve prophetisar para que o povo descance e confie na sua sabedoria e providencia. Todos os prophetas tiveram honras reaes e de santos, recebiam corôa de martyres e eram mandados ao povo, ou por causa do povo aos seus reis e ministros do governo.

Se o rei fôr santo certamente ha de ser propheta; porque todos os reis legitimos são constituídos por causa do povo; e por isso bem decidiu a santa sé pontificia quando deixou o complemento da santidade de S. Affonso reservada para o computo da 16.<sup>a</sup> geração: mas pareceu-nos que a ultima prova se devia presumir e dar por existente ou por verificada e cumprida como promessa divina, ou desnecessaria e superabundante.

Assim aconteceu sempre em Roma com o milagre d'Ourique; mas nem sempre o povo recebeu a fé viva d'este santo milagre: os que vivem da falsa opinião e exploram as más disposições erram e perdem as suas almas, e não cessam de condemnar as alheias; estes iracundos da propria alma tramam e conspiram com todos os aventureiros, para levantar o idolo de suas paixões e sensuaes appetites: não vos pareça menor o numero dos defensores da boa e santa causa, nem deis por per-

dida a mais arriscada e perigosa do juizo humano em quanto se conservar pura da fé, isenta de contagio, estrenua e airosa pela virtude do desaggravo, e pela mais sublime e divina da sua penitencia e martyrio: se fôr desvanecido por virgens, se não tolerar o desacato, nem a vil affronta do impio, nem o sarcasmo do judeu e do protestante, nem a simonia do falso e perfido, nem a atrophia das almas sem as marcar com o ferrete, e sem as entregar ao indefectivel juizo da santidade e da fé.

O nosso sonho foi uma visão ou previsão de S. Affonso, que se verificou em Villa Real, n'esta antiga villa ou cidade: nós vimos em sonho o que S. Affonso no seu tempo previu como propheta: o sonho tem uma historia necessaria para a sua explicação; e como vem os factos traçados e encaminhados para este mesmo fim, temos unicamente a acrescentar o seguinte.

S. Affonso foi rei d'Ourique por justa e divina aclamação, as côrtes e os poderes do estado applaudiram a eleição, juraram seus preitos, e deram todos os documentos de boa fé e de cordial testemunho, do sincero empenho e da resolução em que estavam de todos os sacrificios para sustentar a aclamação e para continuar a guerra aos infieis. S. Affonso pretendeu o voto universal por ser causa de milagre e de grande sacrificio e do maior tes-

temunho, e muitos ecclesiasticos que viviam nos prazeres do ocio, e que sentiam vêr retaliados pela guerra os campos das suas prebendas e passaes, e muitos ignobeis e falsos nobres, que seguiam a lei de seu egoismo, e d'estes em o maior numero commentavam a acclamação desfavoravelmente e persuadindo o povo a que não aceitasse o rei porque esta acclamação havia de causar grande descontentamento em Hespanha e traria comsigo algum maior dissabor da parte do supremo pontifice.

Havia com effeito da côrte de Roma duas exigencias muito fortes e constantes perante a côrte de Portugal: a primeira por causa do fôro de S. Pedro que é de morgadio do Divino Salvador, e a segunda por causa das cruzadas; por se dizer, que não irão do reino as cruzadas á Terra Santa, como eram obrigados todos os fieis. Sempre o conde-rei se tinha desembaraçado d'estas interpeilações com muito favor, e não cessava a intriga de urdir novos ardis; por virem de fonte conhecida e poderosa, que era a corte de Hespanha: mas obteve S. Affonso a bulla, que declarava o nosso reino Terra Santa e reino de cruzada, o seu rei como benemerito filho da santa Igreja e como antigo cruzado da Terra Santa de Palestina, e applicasse o fôro do Divino Salvador para as despesas da guerra. E logo a invicta monarchia obteve o suffragio e principiou a julgar-

se invencível: mas os seus inimigos não dormiam, e agora veremos o que urdiram em Roma mais calumnioso e atroz.

Formaram em Hespanha um processo secreto contra o rei com muitas testemunhas de Portugal, gente vil, desconhecida e de negra e atroz calúnia: os seus depoimentos recheados de torpezas e de peccados phantasticos que attribuiam ao rei, e com o principal artigo d'esta infame accusação que o monarcha a quem davam titulo de ambicioso seguia a falsa lei da polygamia, e que era no seu modo de viver semelhante aos reis mouros, e que tinha uma e duas mulheres em cada terra e que obrigava os meninos a beijar-lhe a mão como pai de todos, ou como papa; e que não havia mulher casada que não tivesse algum filho parecido com o rei, e que estava o reino cheio de malhados, e que por este signal se conheciam em melhor sombra do que os filhos dos negros. E mais diziam, que o rei só era generoso e de real doação para as mulheres, e que os homens andavam diante do soberbo califa como escravos d'harem. Levavam este recado os malignos tão bem encadeado, como se fosse verdadeiro: o demonio os ensinava a mentir a Deus e a jurar falso; verdadeira mentira é todo o engano, que se faz ao padre santo, que é vigario do Senhor.

E com o mesmo intuito e abominavel pen-

samento de homens de consciencia perdida, por terem paz occulta com os mouros e longas treguas, e por não quererem renunciar aos commodos e seu egoismo, acrescentava a calumnia, dizendo que S. Affonso era hereje, e pretendia provar a accusação com tres factos: primeiro, por subir ao pulpito de habito talar e de cota, para prégar como prégar a favor do divino apparecimento, que os calumniadores impugnavam e davam por fabuloso, dizendo que nenhum bispo portuguez se jactava do milagre, nem prégar a favor da sua existencia, e que os seus padres tambem não prégar tal façanha, e por isso subia o rei ao pulpito para o seu falso ministerio. O segundo facto que ligava ao primeiro consistia em dizer que distrahia das cruzadas os seus cavalleiros, e que os convidava para ficar no reino, e angariava para a deserção das suas bandeiras nacionaes com grandes promessas e doações de terras, que tirava á santa Igreja, e que n'este numero admittia sem escolha muitos e grandes herejes da mesma falsa escola dos homens mais ambiciosos, e que este D. Affonso era tão sofrego de ambição que tinha guerreado com sua mãe, e que a tivera presa até que morreu no castello de Lanhoso.

E ligavam a estes factos outro de maior atrocidade; porque directa e indirectamente



offendia a santidade do summo pontifice, mas a nada d'isto attende a calumnia, quando vem proferida pelo maligno espirito contra a maxima verdade divina; e diziam os calumniadores e verdadeiros herejes que S. Affonso obtivera a bulla do privilegio pontificio do reino por meio de grande e manifesta obcecação e por falsa causa que allegou, e que era o maior inimigo das santas cruzadas, e que no seu lidar e batalhar era semelhante ao demonio, e que jámais deixava de ferir o seu adversario, e que ás vezes o feria pela malha com a sua espada quatro e cinco vezes superior á abertura da malha ou rede de ferro, e que este milagre era do demonio; e que elle tinham vencido em Ourique contra a opinião dos seus generaes por ingerencia do demonio e por ser grande hereje.

O processo era secreto, e D. Affonso não pôde prevenir o exito da injuriosa e negra calumnia; andava lidando com mouros ao pé de Cintra, aonde tinha castello fronteiro, e tinham os mouros o seu sustentado pelos seus navios, e gente de mar e chegavam com as suas correrias até Lisboa e talavam os campos, matavam e roubavam; e alli vivia ao pé S. Affonso solícito do modo porque havia de extinguir o covil, e já tinha certa a sua presa, quando o surpreendeu a noticia que vinha de Traz-os-Montes vencendo leguas e horas, de

que andava um nuncio de Roma pelas igrejas principaes das villas e terras do reino a publicar um interdicto contra o rei e contra os seus soldados, se não abandonassem o rei no mesmo momento.

Apenas recebeu a tristissima noticia com todas as certezaas do que se publicava e ordenava, o rei chorou por tres causas: pela futura sorte do reino; pelo erro d'aquelles perfidos calumniadores; e pela fraqueza humana que sujeitava o vigario do Divino Salvador a tão capciosa e calumniosa illusão. Fallou aos seus, e nenhum o deixou só n'aquella altura; e contra a opinião dos que julgaram que devia aceitar uma tregoa proposta pelos mouros pela causa principal do perigo em que viu aquelle castello de Cintra, resolveu tomar o castello na mesma noite, e o mesmo foi que ser o rei o primeiro a saltar dentro — ainda havia luz — e tomou o castello em duas horas. Deu immediatamente as suas providencias, e partiu para Traz-os-Montes e correu na distancia de mais de sessenta leguas a outro maior perigo, por vir de Hespanha o nuncio, e de Roma, d'onde menos se devia esperar, o flagello. O providente monarcha deixou a tregoa com o castello tomado; os mouros já não lucravam o armisticio, mas tinham proposto a suspensão, e não podiam recusar o arbitrio.

Chegou D. Affonso em menos de tres dias

e de tres noites sempre armado de ferro, com a morte de alguns cavallos que deixou estafados para tomar outros, e já ninguem o acompanhava quando entrou em Villa Real, aonde o nuncio tinha publicado o abominavel interdito, e já ia no caminho de Lamego em direcção a Coimbra. O rei manda prevenir o legado de que estava em Villa Real para fallar com elle e de que o esperava n'aquella capital para o receber com todas as honras devidas á sua alta categoria e jerarchia. O nuncio era o principe real d'Hespanha.

Com esta providencia mandou tocar os sinos de alarma. A tropa que estava na terra reuniu para um lado, para o outro reuniu todo o collegio das humanidades com os seus balandraus e opas, mas sem cruz e sem nenhum ecclesiastico, porque estes se reuniram e assentaram por votos da maioria, que não deviam apparecer ao monarcha nem concorrer ao templo. O rei só com o seu talar á porta da igreja que estava n'esse tempo no sitio aonde está actualmente o templo incompleto da Senhora do Carmo esperava o concurso no meio de maior anciedade, e nenhum se resolveu a entrar. A irmandade e a tropa ouviam grandes vivas ao rei, e cada um sonhava que eram os vivas do outro bando, e não se moviam: o rei já não podia esperar, porque recebeu a certeza de que o nuncio não voltava

a Villa Real, antes havia de acclamar a sua desgraçada e infausta commissão até Lisboa.

Que faria? Chorava aquella desgraça e tendo resolvido correr atraz do nuncio para o informar e para pedir recurso do interdicto por não ter sido ouvido nem convencido de tão graves causas, via-se só á porta da igreja; olhou e viu a distancia o successor de dezeses gerações, que caminhava para o templo com o poder do summo pontifice e do provigario do divino Salvador, entrou, despiu o habito talar e partiu.

Nós vimos a scena que S. Affonso viu e previu, mas de que modo? Ouvimos os vivas, reconhecemos os dous bandos, vimos a porta meia aberta do templo, a estatua do homem ou do heroe, e sentiamos que se recolhia por nos vêr; marchamos só para o ministerio do templo, e os bandos receosos, desconfiados, mas desejosos de nos acompanhar não se moviam: perguntei de quem era o busto? que motivo tinha o povo e o exercito para se conservar em tão grande espectação, e recolhi a historia, que fica narrada, por muito santa e por muito verdadeira.

Antes de me dirigir ao convenio, estava eu no meio de muitos individuos contemporaneos, que ora me convidavam para o fumo de tabaco, ora para assistir a algum funeral; ora me assustavam com o perigo de grandes traições

que se armavam contra nós, e como as desprezei? deixando-os e ficando só.

E como levamos a narração de interdicto a esta altura devemos acrescentar em poucas palavras o que mais occorreu. D. Affonso devia estar cansado da lida e da jornada, o que mais tinha mortificado aquella indomita vontade com o receio do perigo que ameaçava o estado; apenas se confirmou no seu nobre intento com a previsão de santo remedio, cahiu cansado. Tinha em Villa Real um filho semelhante aos que trazia em outras terras, só este o acompanhava e seguia: com um afilhado que trazia nos estudos para adiantar o pobre mais esperançoso, porque d'isto tinha elle cuidado e geral intendencia; e o encarregou de lhe trazer alguma comida, e apenas comeu logo partiu para Lamego, e o acompanhou aquelle mancebo, que veio a ser conde de muito e grande merecimento no reino da Galliza.

Em Lamego tinha o nunció repetido o enganoso interdicto, e partiu logo para Vizeu, seguiu o rei aquella falsa e perfida colera de mal avisado vaticinio até Vizeu, aonde viu a mesma parodia de Villa Real e a scena de Lamego, e preparou-se de prevenir o nuncio em Coimbra: o que conseguiu matando-se com trabalho, d'indomito e de invencivel lidador.

Em toda a parte o rei encontrava ciladas de traição e de morte que o povo desco-

bria; e como julgava estes odios vindos d'Hespanha, matava immediatamente os traidores; e dizia: «Assim como o nosso rei está interdito, nós faremos justiça.»

Em Coimbra preveniu o nuncio, e convenceu-o facilmente da injustiça que commettia pelos principios do direito, e até á vista dos poderes que trazia de sua santidade; e reuniu um conselho de sabios, que accordou no meio que se devia seguir; o nuncio pareceu accordar, mas trahiou a sua missão; de madrugada affixou interdito e fugiu. Então foi apanhado pelo rei com tres matadores d'Hespanha, e d'estes não ficou um.

---

## O ULTIMO CARRASCO

Luiz Negro é o nome, terrivelmente adjetivado, do ultimo carrasco legal, que morreu no Limoeiro, ha poucos mezes.

Na provincia transmontana contam-se ainda, nos saraus aldeãos, as lendas sinistras do facinoroso soldado de dragões de Chaves.

O *Ultimo carrasco* é o bosquejo d'esse personagem, tão decahido da sua antiga importancia, mas tão considerado ainda no funcionalismo, que lhe concederam as honras, quando o desbalizaram do ordenado.

O snr. visconde de Ouguella possui, do proprio pulso de Luiz Negro, o escorço dos factos que o constituiram homicida legal, com estipendio; todavia, não podemos favorecer a memoria d'este executor da justiça, asseverando que elle cumpriu os seus deveres; por quanto, do contexto da obra vêr-se-ha que Luiz Negro, quando tinha de enforcar, pagava a quem o substituísse.

No prologo do *Ultimo carrasco*, no recamado estylo com que todos os seus escriptos se opulentam, o snr. visconde de Ouguella detem-se na antiga idéa de abolição da pena de morte. Entre os mais energicos apóstolos d'essa humanissima missão, está Carlos Ramires Coutinho, desde que passou dos bancos da universidade para a tribuna forense.

Os primeiros brados, que resoaram na imprensa, nos tribunaes e na consciencia publica, sahiram da alma liberrimamente generosa d'aquelle moço. Os annos volveram-se, os attritos do desengano desbotaram-lhe o verniz de muitas e queridas illusões; mas o sentir profundamente humanitario lá se lhe insurge, apesar dos dissabores, em pró das clas-

ses cuja emancipação os preconceitos retardam. Nem as insignias titulares, nem o egoismo tão irmanado com os bens da fortuna enervaram a alliança que travou o visconde de Ouguella com as aspirações da democracia. Para elle o titulo não é a inerte e absurda indifferença de fidalgo, nem da superabundancia de meios surtiu a atrophia dos fidalgos sentimentos que a pobreza, talvez, obrigasse a transigir com a fatalidade das circumstancias.

Queremos dizer que dos escriptos do visconde de Ouguella reveem, principalmente, os impulsos liberaes de um animo que não enfraquece nem descança na lucta. No prefacio, que vai lêr-se, do *Ultimo carrasco* resaltam um altissimo condoimento da ignorancia, que sob-põem o collo ao jugo, e uma vehemente invectiva aos que, se podessem, apagariam a immensa luz que lhes abriu caminho por onde se passaram dos tamboretos de couro para os flaccidos sophás.

## O ULTIMO CARRASCO

### INTRODUÇÃO

É dolorosa a tarefa.

São pungentes, tambem, as recordações.  
 Todavia a feição singular d'este nosso se-



culo exige imperiosamente estas luctas, e obriga-nos a estas pugnas, as mais das vezes, inglorias.

Seja assim.

Tão rapidamente se photographam, hoje, as metamorphoses dos apóstolos, allucinam-se com tanta promptidão os espiritos, e desvairam-se as consciencias em tão loucas vertigens, que temos nós — nós, os exploradores obscuros, e audazes obreiros — de lidar e mourejar constantemente, para affirmar, a cada hora, estes principios sacrosantos, que consubstanciam, e determinam a religião do dever.

Ainda ha pouco, uma das mais esplendidas intelligencias da peninsula, rica de todas as opulencias d'este nosso sólo do occidente, marcada com o sello divino, precursora da boa nova, sentinella e espia vigilante das mais puras crenças em que se basêa a democracia, esqueceu, nos delirios que dá o mando e o poder, todas as inspirações, e toda a religião do povo — religião das massas, que, elevando-o, o engrandeceram e divinisaram — e, acommettido pelas vaidades pueris dos Nabuchos de todos os tempos, exilou, deportou, e fusilou como se fôra elle — elle, o tribuno das escólas e dos congressos — um duque d'Alva nas ferocidades das conquistas do imperio de Carlos v, ou um deploravel Telles Jordão, nascido para sicario de todas as reacções.

É triste, é lamentavel, é afflictivo, que o Demosthenes da península hispanica, berço na actualidade da familia mais heroica da raça latina, deslembre e olvide, nas allucinações, que ensombram o fastigio do poder, principios inconcussos e sagrados, e venha dar senão razão, pelo menos pretexto a essas hordas barbaras de hunos, vandalos ou não sabemos se de bandoleiros, que atravessam e devastam as Vascongadas, a Navarra, e a Catalunha, missionando crenças, que seriam ridiculas e apenas abjectas, n'este seculo, se um rasto de sangue, de fogo, e de metralha não enchesse de terror e de luto as povoações por onde caminham e perpassam.

Não ha razão d'estado, não ha lei de salvação popular, não ha causa nenhuma, por mais artilosa, machiavelica ou especiosa que seja, que consagre nunca, e em caso nenhum, uma offensa feita ás leis geraes por que se rege a humanidade.

A vida humana é inviolavel sempre, e para todo o sempre.

Errem os homens — embora! — Succumbam momentaneamente as idéas grandiosas de emancipação dos povos — resignemo-nos, e esperemos. Mas salvemos todos esta arca santa, este sacrario das mais nobres aspirações da democracia.

Dêmos ao *sacer esto* das doze taboas a

única e verdadeira interpretação das sociedades modernas.

Não votemos o criminoso, qualquer que seja o seu delicto ou a penalidade em que incorreu, aos deuses infernaes. Rehabilitando-o, votemol-o á sociedade, ás verdadeiras crenças, á familia, e á patria.

A vida do homem é sagrada.

Como são sagrados todos os direitos absolutos, como é sagrado e mysterioso o fim do homem, como é sagrada, indiscortinavel, desconhecida e insondavel a causa da existencia humana, a razão da vida harmoniosa do universo, o pensamento supremo, que presidiu a todos estes esplendores, que se formulam e desenrolam nas magnificencias da criação.

E é o homem, na pequenez da mais miserima e limitada existencia, na ignorancia fatal das suas transformações futuras, nas trévas densissimas do seu porvir, que diz a outro homem — a um irmão seu, ao Abel da sua raça: «Eu mato-te, assassino-te, á face d'este sol esplendido, em presença de toda a criação, com a consciencia segura e tranquilla de que Deus me ouve, me vê, e me escuta, em nome d'umas leis que eu inventei, e escrevi, — por que eu, homem, pelo facto de ser legislador e juiz arvorei-me em carrasco, e rasgo e devasso consciencias, analyso e préso intenções, forjo e imagino crenças, e con-

demno em nome de Deus vivo, e da justiça absoluta de que me faço interprete, magistrado e saião!»

Crêmos firmemente que a misericórdia divina alcança ainda estas sinistras e ferozes aberrações dos verdugos e dos algozes.

Perdoai a todos, Senhor, e quando o perdão da vossa infinita bondade, n'esses effluvios repassados de sentimento, como pai e creador, descer sobre nós, que a vaidade pharisaica, o orgulho ignobil de todos os sacerdocios, e de todas as theocracias, scepticismo inconsciente de todas as ignorancias, e a blasphemia perdoavel, nascida do desespero, e da miseria, achem, nas pregas do vosso manto d'esquecimento, lugar onde se abriguem, pela omnipotencia do vosso poder, e pela misericórdia infinita dos vossos designios.

Que a religião do futuro seja um hymno de gloria, um hossana de perpetuo louvor, onde só a myrrha e o incenso subam aos vossos altares — e que as carnificinas humanas desde os homicidios nos *dolmens* dos deicidas até ás fogueiras do fanatismo catholico desapareçam e se extingam em presença do verdadeiro culto, que o ente humilde, e inconsciente da sua missão, na terra, presta á sublime causa, ao Ente que regula e dirige o universo.

VISCONDE DE OUGUELLA.

## CURIOSIDADES ARTISTICAS

No principio d'este seculo, as melhores pinturas ornamentavam as salas dos marquezes de Borba, de Angeja, de Abrantes, de Tancos, de Lavradio, de Bellas, e do visconde da Bahia que primava em originaes de grandes mestres. Manoel Joaquim Collaço e um padre João Chrysostomo, ambos de Lisboa, e ha muitos annos fallecidos, colleccionaram excellentes quadros. O possuidor das mais ricas estampas era, por esse tempo, um José Joaquim de Castro, vulgarmente chamado o *Agua de Inglaterra*, não sabemos se em razão de a preparar, se por descender do hebreu Jacob de Castro Sarmiento que a inventou.

Fr. José Mayne, confessor de D. Pedro III, legou á academia das sciencias o seu museu, e não sei se a sua galeria dos melhores pintores coevos, em que sobresahiam os quadros de Joaquim Manoel da Rocha, habilissimo na pintura da natureza morta. Tambem fr. Manoel

do Cenaculo, arcebispo de Evora, colleccionou soberbas pinturas, que tiveram variados e obscuros destinos.

No convento de Bemfica houve um quadro original de Wandycz: era o da Crucifixão. Presume-se que pouco mais possui Portugal d'aquelle grande artista. Na sala do Marquez de Alegrete (Penalva), havia um quadro de Raphael. Existia outro na igreja do seminario de Brancannes. Fallamos sempre no preterito, porque duvidamos que taes preciosidades se conservem, assalteadas, a um tempo, pelo desamor das artes e pelo amor ao dinheiro.

No templo de Belem ha tres quadros de Manoel Campello. O que representa Jesus Christo vergado sob a cruz está na escada principal do extincto convento. Os outros são o da Coroação dos espinhos e o da Resurreição.

Na tribuna da igreja de S. Roque ha o painel que representa a vinda do Espirito Santo: é de Gaspar Dias. Em 1740, o celebrado Pedro Guaranti arrebatou-se na contemplação d'aquella obra prima. É tambem do insigne pintor o Senhor do Horto que existe em Belem, e o de S. Roque, na capella da invocação do mesmo santo. São obras de primeira execução.

No refeitório de Belem, o quadro do nascimento de Jesus é do celebre Simão Rodrigues. De fr. Marcos da Cruz, coevo de D. João III,

---

havia na igreja do Carmo, de Lisboa, o painel de Santa Maria Magdalena de Paris. Os do arco cruzeiro de Jesus, já damnificados no fim do seculo passado, tambem eram d'elle ou se lhe attribuiam. (Vej. *Mem. hist. do ministerio do pulpito*, por fr. Manoel do Cenaculo, pag. 135).

De quadros de Vieira Lusitano temos antiga noticia de existirem o de Santo Agostinho na portaria do convento da Graça, o de S. Francisco na capella-mór da igreja, o de S. Pedro e S. Paulo em casa dos condes de Povolide, e alguns na igreja dos Paulistas.

Na casa de Tancos (Átalaias) estiveram oito paineis de Jacob Bassano, pelos quaes o principe Eugenio (1663-1736) mandou offerer duzentos mil cruzados, que foram rejeitados. Entre aquelles inestimaveis quadros havia um de Leonardo de Vinci, alguns de Corregio, de Miguel Angelo, de Salviati, e de Antonio Tempesta. Um primoroso Luiz XIV a cavallo era do famigerado Lebrun.

---

## CANTADA E CARPIDA

A marquezia de Tavora, D. Leonor, justificada no patibulo em 1759, foi a mais formosa fidalga das côrtes de D. João v e D. José I.

Morreu aos cincoenta e nove annos. Subiu intrepida ao cadafalso. Parecia inflexivel ao espectaculo do cutelo. Nem uma lagrima, nem um gemido supplicante! Mas o meirinho das cadeias e tres algozes tinham ordem de lhe arrancarem o pranto em um mais doloroso supplicio, que não constava da sentença.

Começaram, pois, mostrando-lhe, um a um, os instrumentos das execuções, que se haviam de fazer no marido, nos filhos e parentes: as aspás, em que deviam ser amarrados, as macetas de ferro com que haviam de ser-lhes quebrados os ossos dos braços e pernas, as cordas destinadas ao garrote, e a olandilha com que os desmembrados cadaveres seriam tapados até se accenderem as fogueiras.

A marquezia então chorou.

Quando o algoz lhe desvelou o collo para a degolar, D. Leonor, com gentil pejo, murmurou: « Não me descomponhas. »



Testemunhas d'este transe deixaram á escripta e á tradição oral que a marquezia era ainda magestosa no garbo, na altivez, nas reliquias admiraveis da belleza, raro permanente em annos tão adiantados.

Quando tinha cincoenta, acompanhou á India o vice-rei seu marido.

A familia real foi despedil-os até á praia, alli mesmo áquella praia de Belem, onde, nove annos depois, se passou a horrenda carnagem.

Foi em uma graciosa manhã da primavera de 1750, aos 28 de março.

D'entre os milhares de concorrentes á praia, por onde a heroica marquezia demandava o bergantim da sua nau, sahiu um poeta dos melhores entre os pessimos d'aquelle tempo, ajoelhou diante da vice-rainha, e depositou-lhe na mão, que o levantava da postura humilde, um rolo de papel atado por laçaria de sêda variegada.

A marquezia desenrolou, leu as primeiras linhas, sorriu-se amoravelmente, e disse :

— Não lhe perdôo a lisonja. Esqueceu-se que tenho cincoenta annos?

— A natureza é que se esqueceu de v. exc.<sup>a</sup> depois que lhe aperfeiçãoou os vinte e cinco annos— respondeu o galã.

A poesia constava d'isto :

Á ILL.<sup>ma</sup> E EXC.<sup>ma</sup> SNR.<sup>a</sup> MARQUEZA DE TAVORA NA HEROICA RESOLUÇÃO DE ACOMPANHAR SEU QUERIDO ESPOSO, O SNR. MARQUEZ DE TAVORA AOS ESTADOS DA INDIA.

Vai, ó formosa heroína !  
do mar essas ondas sulca ;  
que, se és Venus na belleza,  
Venus nasceu das espumas.

Vai, divindade, não temas  
da salgada agua as furias,  
que até impera nos mares  
a immortal formosura.

Vai ser de Thetis inveja,  
ser de Neptuno ventura,  
das sereias lindo encanto,  
das nymphas formosa injuria.

Os tritões, e as nereidas  
sendo alegres testemunhas,  
a nau carroça, tu, deusa,  
passeia as ondas ceruleas.

Vai, que é pequeno hemispherio  
um só mundo ás luzes tuas,  
e quem em um só não cabe  
justamente o outro busca.

São do sol os diamantes  
produção brilhante, e sua;  
se produz lá um sol tantos,  
tres que farão ? Conjunctura.

Vai examinar o Oriente  
d'onde sahe a luz mais pura ;  
verás do teu nascimento  
pelo exemplar copia justa.

Vai, que d'esta vez, senhora,  
ficará, por tua industria,  
a valentia formosa,  
a formosura robusta.

Vai, vai só com teu esposo,  
tudo o mais creio se escusa ;  
onde basta a sua fama,  
sobeja a sua figura.

Sem violencia no estrago  
terão teus raios fortuna ;  
se ao sol barbaros adoram,  
logo que chegas, triumphas.

Interesse, e não fineza  
tua heroica acção inculca ;  
com este excesso que obras  
immortal gloria procuras.

Se aníma entre os dous corpos  
uma só alma, e não duas,  
pois a não partes na ausencia,  
melhor a vida asseguras.

Á dôr da saudade foges,  
tens razão, mostras desculpa  
por um estrago suave  
trocar uma morte dura.

Agua, e fogo são contrarios,  
 teu amor naturaes muda ;  
 pois faz em novo milagre  
 que o incendio ao mar se una.

Vai ! Conheça o mundo todo,  
 mais alto poder divulga,  
 que o sexo que em ti domina,  
 o sangue que em ti circula.

. . .

As esperanças bem fundadas na sensatez e bravura do marquez de Tavora não foram menos cantadas que a gentileza da esposa. O regulo Canajá, infesto devastador de Diu, sentiu-lhe o peso do braço vencedor. Arderam as esquadras do inimigo, espavoridas ainda do arrazamento da fortaleza de Neudabel. O Bounsuló e o Marata fugiram-lhe a furia, levantando o assedio de Neutim. O rei de Sunda perdeu os seus fortes, e as terras de Pondá e Zambaulim. Em quatro annos de vice-reinado, o marquez de Tavora ceifára louros que lhe promettiam sombra e gloriosa resalva das contrariedades da fortuna.

E, apenas devolvidos cinco annos, depois que desembarcára, n'aquella mesma praia de Belem, que spectaculo! Um algoz lhe mostra os corpos despedaçados da esposa, dos filhos e do genro. Depois explica-lhe por miu-

do a acção dos instrumentos que o vão atormentar. E depois...

Repugnam os sabidos pormenores d'aquelle supplicio.

A descripção previa, feita aos padecentes, diz o snr. Soriano, na *Historia do reinado d'el-rei D. José I*, que deve com toda a razão ser attribuida ao cruel e ferocissimo coração de Sebastião José de Carvalho.

Ora, o snr. John Smith, author das *Memorias do marquez de Pombal*, diz que todas as ferocidades d'aquelle supplicio, constantes e não constantes da sentença, promanaram directamente do coração de D. José I.

Lá se avenham os dous algozes na presença do Supremo Juiz.

---

## BIBLIOGRAPHIA

(HENRY MURGER — PINHEIRO CHAGAS)

HENRY MURGER. *Scenas da vida de Bohemia*, traducção de GUSTAVO A. BARBOSA. *Livraria Internacional*. Porto. 1874, 8.º—424 pag. — É um romance urdido com os brilhantes fios da mais extravagante, verdadeira e esplendida vida de uns rapazes francezes que, ha quarenta annos, se chamavam os *bohemios*,

e depois attingiram o galarim das artes e letras, e encheram o mundo com o seu nome. D'esses, ainda ha poucos annos, sobreviviam cinco ou seis que voltavam ao passado a vista do coração — o olhar lagrimoso da saudade — em busca dos alegres convivas, ceifados pela morte, quando as messes da gloria, o ouro e a consideração não bastavam a esquecel-os da ridente pobreza da sua mocidade. Adivinham-se, no romance, os nomes mal disfarçados nos pseudonymos. Os grandes pintores, os criticos intrepidos, os dramaturgos laureados, os arrebatados poetas, os historiadores austeros, todos ahi entreluzem de entre as risonhas ficções, pintadas pelo scintillante estylo de Henry Murger.

Quanto á versão portugueza, é uma das mais aprimoradas que ainda vimos — um verdadeiro trabalho de intelligente e consciencioso esmero. O traductor arcou pertinazmente com as maximas difficuldades do original. Nenhum neologismo lhe afrouxou o alento na transposição acertada com que o aproximou da phrase portugueza. Por maneira que, a espaços, não se estremam bem as indoles das duas linguas, como se, entre nós, corressem analogas subtilezas no dizer, e as mesmas analogias do pensamento. Assim, comprehende-se que as traducções sejam thesouros litterariamente portuguezes; e ao esclarecido traductor

---

cabe distincto lugar entre os sabedores das duas linguas. E, quando de par com o estudo se allia o deleite do enredo, o livro, que proporciona dous prazeres tão poucos vulgares, é um livro excellente.

---

*O Terremoto de Lisboa*, romance historico, por M. PINHEIRO CHAGAS. Lisboa. *Livraria editora* de Mattos Moreira & C.<sup>a</sup>, 1874.—Haveria razão para não exigir livros primorosos de escriptor tão fecundo e variado em diferentes ramos das letras; mas, no author d'este livro, manifesta-se a rara excepção que constitue o engenho distincto. A fertilidade não lesa o detido cuidado no esmeril da linguagem. Os raptos da imaginação não descu-ram a cadencia da linguagem, o torneio da phrase, o decoro e pompa d'este nosso formoso idioma que só desserve aos que o exercitam com insufficiente estudo. N'este romance do *Terremoto de Lisboa*, pautou o snr. Pinheiro Chagas com rigoroso lapis os delineamentos das figuras historicas. Diogo de Mendonça e Sebastião José de Carvalho avultam aqui na tela romantica fidelissimos aos originaes da historia. Todavia, se, por vezes, o louvor tece corôas ao valido de D. José I com demasiado colorido de flôres salpicadas do sangue de illus-

tres e innocentes victimas, isso é um modo de vêr pela lente da politica, em cuja apreciação eu não entro, nem me arrogo o jus de contestar ao excellento romancista a veridicidade dos seus conceitos. As notaveis bellezas d'este romance assentam na habilidade da contextura, no tino com que as peripecias convergem para o desenlace justificado pelo titulo. Pelo que é da excellencia secundaria em uma novella, o estylo, isso é já de sobra apreciado nos muitos, posto que rapidos, trabalhos de Pinheiro Chagas. A florescencia é sobria, os atavios não estofam a penuria da idéa, os ornatos frisam rigorosamente com a conveniencia dos lances. Denominamos «secundaria» a excellencia do estylo em romances, porque sabemos, de propria experiencia, que os livros d'esta especie, mais lapidados, e, no dizer antigo, mais penteados na phrase, são, por viâ de regra, os menormente bem-quistos da maioria de leitores que desadoram palavras que lhes não sejam da maior familiaridade. Tem, todavia, o snr. Pinheiro Chagas o raro condão de escrever para todos, e a todos, lidos e não lidos, deve o abalizado escriptor a sua grande popularidade.



BIBLIOTHECA DE ALGIBEIRA

---

# NOITES DE INSOMNIA

OFFERECIDAS

A QUEM NÃO PÓDE DORMIR

POR

Camillo Castello Branco

---

PUBLICAÇÃO MENSAL

N.º 11 — NOVEMBRO

---

LIVRARIA INTERNACIONAL

DE

ERNESTO CHARDRON

*96, Largo dos Clerigos, 98*

PORTO

EUGENIO CHARDRON

*4, Largo de S. Francisco, 4*

BRAGA

---

1874

---

PORTO

TYPOGRAPHIA DE ANTONIO JOSÉ DA SILVA TEIXEIRA

62, Rua da Cancellia Velha, 62

—  
1874

BIBLIOTHECA DE ALGIBEIRA

---

# NOITES DE INSOMNIA

---

## SUMMARIO

O ultimo carrasco, pelo exc.<sup>mo</sup> out. visconde de Ouguella — O desastroso fim de Damião de Goes — A menina perdida — O heroe da ilha Terceira — O nariz — João Baptista Gomes — Auto da fé... a rit.



# O ULTIMO CARRASCO

## I

Para mim a sepultura é santa ; são santas as fundas agonias humanas, ainda quando associadas ao crime.

A HERCULANO.

Si l'on demande comment, avec de pareils sentiments, j'ai pu remplir si longtemps les horribles fonctions qui m'étaient échues en partage, je n'ai que ceci à répondre : qu'on vacille bien jeter les yeux sur la condition dans laquelle j'étais né... C'est le testament de la peine de mort par le dernier bourreau.

*Mémoires des Sanson* par H. SANSON,  
ancien exécuteur des hautes œuvres  
de la cour de Paris.

Felizmente a civilisação do seculo arrancou do nosso código esse negro artigo da pena de morte, e esta conquista da illustração, que a tenaz perseverança da philosophia alcançou gloriosa, depois d'uma porfiada lucta, já não póde retrogradar em Portugal, e pa-

rabens me dou a mim mesmo de não estar já ameaçado de commetter homicídios, e de sentir gotejar sobre a minha cabeça, n'estes meus já bem cançados dias, o sangue, que uma lei draconiana fazia espadanar no cada-falso.

*Historia (inedita) de Luiz Antonio Alves dos Santos — O NEGRO,*  
ultimo executor de justiça em Portugal.

A pena de morte será executada na forca pelo executor da justiça criminal, em lugar publico, com o acompanhamento da confraria da Misericordia, se a houver no lugar, e dos ministros da religião, que o condemnado professar: assistirá o escrivão dos autos para n'elles dar fé do cumprimento da sentença. Nas quarenta e oito horas marcadas no artigo antecedente, se ministrarão ao condemnado todos os socorros da religião, e os mais que por elle forem requeridos.

(Art. 1203 da *Reforma judicial novissima*, decretada em 21 de maio de 1841).

O meu quarto, o meu antro, a minha jaula tinha quinze passos de comprido e seis de largura. Era tão limitado o recinto que nos achavamos face a face — o carrasco e eu.

A primeira impressão que senti, ainda mal, porque se traduziu em factos — arrependi-me depois — foi recuar e esconder as mãos nos bolsos.

Na lei, que ordenava o homicidio, é que eu não devia tocar. Era para com o juiz, que

proferia a sentença, para com o jury, que condemnava, e para com o ministerio publico, que requeria, que eu devia guardar estas reservas e cuidados.

Para com o executor — não.

Este era o instrumento, era o cumplice, era a força physica, era a machina brutal, inconsciente, estúpida e passiva. Era a força, era a guilhotina, era o patibulo, era o cada-falso, era o pelourinho, era a gargalheira, era o potro, era o equuleo, era a cruz do supplicio — era finalmente o verdugo, o algoz e o saião. Era o carrasco.

Para com elle, o meu instincto de repulsão era um absurdo.

Toca-se nas rodas dentadas d'uma machina qualquer — quando postas em movimento, se o operario n'um momento de irreflexão e de imprudencia se aproxima d'ellas — despedaçam-no, esmagam-no. A roda é um agente: obedece impassivel ao impulso da diretriz, do motor.

E, aliás, ninguém despreza a roda, ninguém a reputa aviltante, ninguém a insulta.

Que mais vale o carrasco, para que o legislador lhe legasse o desprezo e a consciencia da sua infamia?

O movimento de repulsão, que actuou em mim, não fôra tão rapido que o não observasse Luiz Negro.

Observou.

Vi rebentar uma lagrima nas palpebras avermelhadas do velho. Rolou-lhe, depois, deslisando na concavidade das rugas, que lhe sulcavam as faces, e foi em espiral, mansamente, gota a gota, perder-se-lhe na espessura das barbas.

Conheci a affronta e corrigi-a sem detença. Estendi-lhe a mão. Apertou-a o carrasco com uma alegria convulsiva. Havia não sei que traços de gratidão desenhados n'aquella physionomia franca e aberta. Parece-me têl-os ainda impressos na memoria, para remorso eterno da minha consciencia.

« Posso apertar-lhe a mão com desafogo », exclamou elle, com uma voz surda e rouca. Senti-a primeiro no coração antes de me entrar nos ouvidos. « Felizmente, nos abysmos da minha profunda desgraça, resta-me uma consolação... » Hesitou. Depois proseguiu: « consolação unica, que me alumia a existencia, e mitiga os pezares que me vão n'alma: as minhas mãos estão puras, tenho-as immaculadas da força, não arroxearam jámais, com a sogá, a garganta dos padecentes — não derramaram nunca o sangue das victimas que a lei sem respeito pela vida humana, e a que por escarneo chama justiça, obriga outro homem a derramar.

« Venho, aqui, para o conhecer. Não tenho



por costume procurar presos. Nem os busco, nem lhes fallo. Mas sei que é adversario da pena de morte; quiz vê-lo face a face. Era justo que o carrasco e o homem de lei conversassem em intima convivencia. Estamos em presença um do outro: escutar-nos-hemos reciprocamente.»

E ao passo que Luiz Negro se exprimia assim, perguntava eu a mim mesmo — quantas mãos mais polluidas, menos nobres, menos dignas e menos puras teria eu apertado na minha vida.

Assim como Talleyrand, se Talleyrand era — não me falhando a memoria — asseverava, que a palavra fôra dada ao homem para mentir, tenho para mim que os respeitaveis e acreditados luveiros da nobre cidade de Lisboa foram nascidos e educados, para nos evitarem o contacto de mãos, que nos podem contagiar com estes virus paludosos, que por ahi vão medrando á sombra de magnificas protecções.

Quando o carrasco proferia as ultimas palavras, que acabo de narrar, chegava o meu almoço, trazido por um criado, e acompanhado por outro, que tem sido para mim como o Caleb de Ravenswood, descripto por Walter Scott. Em seguida appareceram amigos meus, trazidos ao Limoeiro pelo desejo de me acompanharem nas horas, em que, sendo-lhes per-

mittida a entrada, eu me achava mais só.

Sentaram-se em torno da mesa. Luiz Negro almoçava connosco. Fallavamos de tudo. Ignoravam todos o mister do meu novo hospede. Viam um homem avançado em annos, enolto n'um casaco escuro que tinha fórmãs de tunica, silencioso, calado e triste, comendo sem nos interromper a nós que esqueciamos as grades, os ferrolhos e os guardas — e arrastados pela nossa imaginação peninsular nem sequer pensavamos no governo.

Fui sempre um conspirador assim — em que pese esta modesta confissão minha ao illustre e meritissimo juiz do processo.

Não direi os nomes dos meus amigos, n'este jovial almoço, com receio de os denunciar ás iras, e aos instinctos odientos dos consules actuaes. Receio que lhes abram assento no santo officio regenerador.

A conversação ia cortada em dialogos cheios de vida, recamados de originalidade e opulentos na elegancia do dizer e na facilidade da phrase. Poderia parecer uma academia litteraria, se não fosse uma enxovia.

Vivia eu, então, n'um carcere que me dizem ter sido morada de Diogo Alves nas vespas do seu supplicio.

As paredes, se não conservavam tradições de taes luctas legaes, guardavam, pelo menos, os vermes, que formam o apanagio e arrhas d'es-

tes lugubres esponsaes com as nossas cadeias.

Ao terminarmos a nossa refeição, quando o fumo dos cigarros e charutos começava a ennovelar-se em densas espiraes, velando-nos as faces, disse para os meus amigos e alegres convivas, que me penitenciava alli d'um erro grave, erro de lesa polidez, porque os tivera, por tão largo espaço e em tão íntima convivencia, com pessoa para elles desconhecida, sem os apresentar, conforme ordenam e exigem as demoradas pragmaticas e minuciosas etiquetas britannicas.

Ninguem o conhecia. Só eu.

Enchi-me d'animo e terminei assim :

« Meus senhores, tenho o prazer de lhes apresentar o carrasco. »

Houve um silencio profundo. Parecia que um d'estes tremendos cataclysmos, de que só a natureza tem o segredo, se desencadeára em torno de nós.

As minhas palavras reboaram como o choque d'uma pilha voltaica — faltavam-lhes, apenas, as chispas electricas.

A sensação foi grande. Não era temor, não era medo, não era susto, que contagiára d'esta sorte todos os meus amigos. Era repulsão. Sentiam-se todos inficionados d'este contacto. Parecia que haviam respirado os gazes delecterios, os fluidos mephyticos d'algun charco paludoso.

E todavia diante de nós estava um homem, feito á imagem de Deus, segundo rezam as piedosas lendas biblicas. Estava um irmão nosso, um filho da mesma raça, nascido na mesma patria, educado na mesma religião de amor e de perdão, e fôra a lei e os seus levitas, que o haviam convidado, constringido ou subornado, a exercer as cruentas e sinistras funcções d'aquella magistratura de sangue.

Venerar e respeitar os authores das monstruosas carnificinas, que se appellidam em phrase composta e decorosa «pena de morte» desprezando, ao mesmo tempo, o mandante e forçado executor de uma penalidade absurda e irreparavel, pareceu-me sempre um contra-senso abjecto, um preconceito irrisorio, uma aberração torpe e villã. O pudor deslocado não é virtude: ou é hypocrisia ou imbecilidade.

Achei sempre muito mais racional a doutrina de De Maistre. Divinisava quasi o carrasco, elevava-lhe o mister á altura de sacerdocio. Bem haja elle. Pelo menos era logico, consequente e audaz. As situações definidas teem a severidade do raciocinio, a coragem dos dogmas que enunciam, o supremo valor e a immensa lealdade de aceitarem francamente as consequencias fataes e necessarias dos seus actos.

Em épocas d'uma triste cobardia moral,

escólas que formulam as suas doutrinas, sem tergiversações nem receios, merecem o respeito de todos nós; porque qualquer que seja o absurdo dos principios existe, pelo menos, alli, a fé viva que os escuda e defende.

Mas nas escólas dos doutrinarios ou conservadores modernos qual é o credo ou symbolo do seu programma politico e social?

Vejamos.

Explica-o Littré por fórma tal que me tira o desejo de o dizer:

«Não é só a França — é a Europa inteira que se acha dividida em tres escólas politicas: a escóla retrograda, a escóla revolucionaria e a escóla estacionaria ou conservadora. Buscam todos um d'estes tres balsões. E cada um se liga e enfileira ou ás instituições do passado ou trabalha para a sua destruição ou busca, n'um equilibrio — physica e moralmente impossivel — um ponto de apoio, no encontro d'estas duas forças oppostas.»

As resultantes, n'estas absurdas combinações de forças, são as catastrophes.

A escóla estacionaria, rigorosamente falando, não tem doutrina sua. Existe, medra e espreguiça-se no seio d'estas convulsões sociaes, aceitando os principios da revolução, cujas consequencias repelle, e dobra-se, curva-se e sujeita-se ás conclusões da escóla retrograda, ao *ultimatum* da sua doutrina reac-

cionaria — simulando, aliás, um profundo horror pelos seus principios. Não é um systema esta evolução do seu procedimento — é um expediente, que vive da impotencia a que por mais d'uma vez as outras duas escólas se tem reduzido. E ha tanta verdade n'estes confrontos, que vemos os conservadores, arrastados pelo medo — terror panico dos espiritos timoratos e dos homens enriquecidos á sombra das revoluções — mergulharem até ao lôdo das escólas retrogradadas, como em busca d'um local recondito e mysterioso onde possam esconder e occultar os seus haveres. O pavor produz estas allucinações. Como se o passado pudesse encobrir o trabalho accumulado para o futuro!

Luiz Negro era um homem intelligente. Percebeu que eu queria levantá-lo, alli, deixando a responsabilidade da sua profissão áquelles que lh'a deram, e que, em seguida, o desprezavam tambem.

Ergueu-se, olhou-nos a todos quando se achou de pé, e confesso que nos dominou.

O patibulo, que é um lugar elevado, deve ter fascinações e delirios deslumbrantes, como os tem os thronos, as eminentes funcções do estado, e a cadeira gestatoria dos pontifices e santos padres. Para alguma cousa deve servir estar mais alto do que os outros homens.

Foi n'uma montanha — rezam assim as

piedosas chronicas do Nazareno — que Satanaz quiz tentar Jesus.

O carrasco, no meio de nós, fitando-nos a todos — com um olhar profundamente triste, que era o resumo d'uma existencia horrivel — possante, herculeo e espadaúdo como um gladiador dos circos da Roma pagã — era mais do que um homem: era um phantasma.

A alegria esvahiou-se. Era tão profundo e completo o silencio, que o zumbido d'um insecto qualquer ter-nos-hia parecido uma convulsão medonha no globo que habitamos.

Já a mim mesmo me reprehendia eu d'esta apresentação inoportuna.

Luiz Negro mediu-nos a todos com um olhar profundo e scintillante. Havia o que quer que era de feroz e sinistro nos primeiros lampejos d'aquella vista penetrante. Depois amorteceu-se. Em seguida as lagrimas rebentaram-lhe por entre as palpebras, a ferocidade diluiu-se-lhe n'aquelle imperceptivel chôro, e momentos mais tarde havia um olhar de mansidão e de ternura a expandir-se, com uma meiguice extraordinaria, por sobre nós.

Desapparecera o carrasco. Estava o homem.

« Metto-vos mêdo? Faz-vos pavôr a minha presença? Não ha razão nem motivo para tanto. De mim sei dizer e posso assegurar que estou livre de odios e de ruins paixões contra

quem quer que seja. Tenho no meu coração um thesouro inesgotavel de perdões — ainda mesmo para aquelles que me acarretaram os infortunios da minha vida.»

Continuava o silencio.

Luiz Negro proseguiu:

«Sou christão. Aprendi, portanto, a perdoar nas lições do Divino Mestre. Elle — que levantou a dignidade do homem com o seu proprio martyrio.

«Quebrou as algemas da escravidão do mundo antigo para implantar, na terra, a liberdade, a igualdade e a fraternidade — trindade augusta d'esta religião d'amor.

«Ao visconde hei de eu contar largamente a minha vida. Hei de dar-lhe a narração escripta do triste fado da minha existencia. Quem, como eu, só espera do sepulchro — da valla, direi melhor — o silencio e o repouso, não pretende nem quer illudir ninguem.

«Retiro-me. Sinto-me aqui de mais. Apavora a minha presença com o sinistro nome que me deram.»

Devo dizel-o: estenderam-se-lhe todas as mãos. Nem uma só houve, que se esquivasse a este signal de pura cordialidade com que os homens se buscam e apreciam.

Ao cerrar da porta, ouvi que me dizia: «Até ámanhã.»

Este «ámanhã» seria a sua historia.



Ao passo que o carrasco descia os setenta e sete degraus, que conduziam á minha jaula, fiquei eu isolado e silencioso no meio dos meus amigos.

Perguntava a mim mesmo o que tinha ganhado a sociedade, nas suas cruezas e ferocidades, ainda depois da inquisição.

Havia ao menos — alli — a logica brutal das feras, havia os instinctos felinos d'aquelle tribunal catholico. E nós a recebemos e a apertar-lhes a mão — aos successores, e filhos dilectos d'estas infamias! E nem sentimos as chispas de fogo, as gotas de sangue, os gemidos de tantas victimas!

Muito podia e muito póde a reacção!

Diga-o Pelletan.

A inquisição não tinha só jurisdicção sobre a vida humana: não lhe escapava a propria morte. Assim como a hyena na ferocidade dos instinctos levantava, cavando, a terra dos cemiterios, assim ella, a inquisição, desenterrava os ossos dos suspeitos posthumos, escavava, nas vallas, a podridão dos cadaveres dos impios, fabricava, com esqueletos, hereiarchas e herejes, interrogava gravemente os espectros, queimava-lhes os detrictos, e as cinzas arremeçava-lh'as ao vento.

Fica entendido, que os bens — pelo confisco — não os entregava aos herdeiros.

E com todo este apparatus affectava ares e modos de suprema beatitude.

Havia cheiro de santidade em todo o seu procedimento.

Começava por si. Chamava-se a santa fé. Era a prisão a santa casa, o seu tribunal o santo officio, a sua policia a santa irmandade, o sambenito a sua libré, e para mostrar que em tudo seguia a phrase evangelica, proferia palavras d'uma mansidão ineffavel. Quando estorcia e quebrava os membros da victima, do paciente pela tortura, chamava a este hediondo factó: interrogar com bondade — *benigniter*. Ao condemnar á fogueira, acrescentava logo com doçura evangelical, que applicava a pena mais suave: *pœna clementissima*. Ao inscrever a sentença de morte, no seu registro funerario, designava o compendio d'estes horriveis morticinios, pelo nome de livro de vida: *liber vitæ*. Se entregava o padecente ao carrasco, em vocabulo tão amoravel que parecia absolvição, dizia que o relaxava: *relaxare*; e, quando, finalmente, o condemnado ia a caminho do supplicio escrevia, com letras d'ouro, na sua seraphica bandeira, a palavra *misericordia!*

A inquisição era dôce, suave e meiga na fórma, como o são todas as medonhas infamias e todas as fundas hypocrisias.

Conta-se do crocodilo, que imita, nos juncaes, os gemidos infantis da criança que se afoga, para arrastar os corações generosos a acudir-lhes e devoral-os.

No baixo imperio, quando as sociedades se estorciam, nas mais baixas e degradantes vassas de cynismo, de hediondez e d'abjecção, a polidez das fórmas era inimitavel e soberanamente cortez. Custava a conter na memoria as classificações, tão adjectivadas, dos mais ignobeis e crapulosos misteres palacianos. Rezavam as chronicas, estatuíam diariamente os rescriptos dos principes, determinavam os decretos imperiaes as designações de illustrissimos e eminentissimos senhores — applicadas e votadas estas grandezas — se grandezas ha, n'esta torpe nomenclatura — á escoria dos eunuchos e dos devassos das aulas regias.

Todos estes vocabulos iam envoltos na podridão e na torpeza da mais vil malvadez, e no lôdo aviltante, e vasa immunda e mephytica dos escravos, levantados, sem crenças e sem fé.

Vieram depois os barbaros.

Vieram bem.

Sahirão agora do quarto estado?

Talvez.

A raça latina carece d'uma nova transformação.

D'onde virá?

---

Aviltada, corroida, podre e corrupta em França, na Italia e em Portugal, olha a medo para a Hespanha. Estremece de susto e pavor ao encarar os delirios d'um povo que parece barbaro, e que faz esforços sobrehumanos, para se regenerar e tomar assento nas ágapes das civilisações modernas.

Poderá concluir e completar esta transformação?

Não posso nem quero crêr na aniquilação dos povos da familia latina.

Nós somos a expressão mais perfeita da raça indo-europêa.

Assim como, em 1789, a nobreza devassa, leviana e egoista preparou o engrandecimento da burguezia, assim, tambem, os gravissimos e repetidos echos d'esta classe estão apressando e dando vida ao futuro indestructivel do quarto estado — á regeneração da nossa raça pelo povo.

Seria longo estudar, aqui, as numerosas causas da decadencia e da fatal destruição, que vão gangrenando, sem elixir reparador, a nobreza, o clero e a classe media.

Um dia o povo escreverá a historia de todas estas podridões.

---

Os meus amigos sahiram pouco depois do carrasco.

Esperei ancioso pelo dia seguinte.

Na solidão da cadeia, entregue por tão longas horas da tarde e da noite ao silencio e á reclusão, ignorando a sorte que me esperava, e os planos que forjavam os meus inimigos, buscava todas as distracções, que o acaso ou a sorte me deparavam, para sahir do torpôr moral e da tristeza profunda que me ia n'alma.

As horas corriam tão lentas e vagarosas, que me aconteceu, por vezes, esperar, com prazer, os momentos em que os guardas vinham, no silencio da noite, correr-me os ferros da minha janella, para se confirmarem e terem a certeza de que eu não tentava fugir. Sorria-me sempre a este acto nocturno e sollemne da minha vida de prisioneiro d'estado.

VISCONDE DE OUGUELLA.

## O DESASTROSO FIM DE DAMIÃO DE GOES

Não era boa pessoa. Tinha talento, fazia chronicas de reis, escrevia em variados assumptos; mas era mordacissimo, deslinguado, e desluzia as gerações dos seus inimigos com a injustiça propria da sua malquerença.

D. Antonio de Athayde, conde da Castanheira, e valido de D. João III, foi um dos fidalgos mais aggravados.

Uma satyra appareceu na côrte por aquelle tempo, precisamente no anno 1554. Um homem vestido de frade a entregou pessoalmente ao rei.

Diogo de Paiva de Andrade (*Memorias ineditas*) refere assim o caso:

*Um frade capucho, ou, como tambem se disse, pessoa que vestiu aquelle habito, procurou com grande empenho fallar a D. João III, que estava no paço da Ribeira, em occasião que se recolhia a dormir a sesta; e, pelo esforço que fazia em se lhe dar recado, se deu parte a el-rei; o qual mandou entrar o frade. Este se queixou extraordinariamente de um regulo que havia na sua terra, pedindo a sua alte-*

za desaggravasse o opprimido povo; e, acabando de fallar, se retirou, entregando-lhe um papel. Abriu el-rei o papel; e, vendo que era uma satyra contra o conde da Castanheira, D. Antonio de Athayde, ordenou logo fossem em busca do frade; e, por maiores diligencias que se fizeram, não foi possível encontral-o. Este papel guardou el-rei na sua guarda-roupa, d'onde o pôde haver Damião de Goes que, copiando-o, o deixou junto a um nobiliario, que tinha escripto das familias d'este reino, e d'aqui teve origem, sem fundamento, a seita puritana; porque, depois de descompôr o conde na figura e nos costumes, o infamou na familia, nas seguintes quadras:

*Mestre João sacerdote,  
de Barcellos natural,  
houve de uma moura tal  
um filho de boa sorte.*

*Pero Esteves se chamou;  
honradamente vivia;  
por amores se casou  
com uma formosa judia.*

*D'este (pois nada se esconde)  
nasceu Maria Pinheira,  
mãe da mãe d'aquelle conde  
que é conde da Castanheira.*

Em outro lanço das *Memorias*, Diogo de Paiva, reportando-se novamente a este caso que estrondeou n'aquella época, acrescenta:

*Damião de Goes, bem conhecido n'este reino por seus escriptos, foi grande inimigo de D. Antonio de Athayde, 1.º conde da Castanheira, e valido de D. João III; porque apparecendo em palacio a celebre satyra contra o mesmo conde, que deu causa á murmuração de Maria Pinheira, Damião de Goes a ajuntou a um nobiliario que tinha escripto; — sabendo-o o conde, o esperou na rua Nova de Lisboa uma noite, e lhe deu com um pau. Augmentou-se de parte a parte a inimizade; e, achando-se D. Antonio de Athayde na casa da India uma manhã, como vedor da fazenda, e Damião de Goes como feitor de Flandres, que havia occupado, ahi se travaram de razões, e o conde lhe deu com umas luvas na cara.*

A satyra, que D João III releu muitissimas vezes, e outras tantas fechou no contador dos seus papeis particularissimos, devia de ser acerba para o vingativo conde, e mortalmente funesta para Damião de Goes.

O leitor, sem duvida, deseja vê-la, porque, se a não viu manuscripta, com certeza a não encontrou ainda impressa. As tres quadras trasladadas por Diogo de Paiva são as unicas apenas conhecidas dos leitores de genealogias; mas o mordaz poema comprehende sessenta e quatro quadras.

Por não empecer á curiosidade, dou pri-



meiro o traslado da satyra; hão de vêr depois outras cousas importantissimas no caso.

## TROVAS

QUE SE MANDARAM DAR A EL-REI D. JOÃO III POR UM FRADE DE SANTO ANTONIO, DOUS ANNOS ANTES DA SUA MORTE, E AS TINHA NA SUA GAVETA, E AS LIA ALGUMAS VEZES, E AS MANDOU QUEIMAR POR MANOEL DE S. THIAGO NO DIA QUE VEIO DA MISERICORDIA, TRES DIAS ANTES DO SEU FALLECIMENTO QUE FOI A 22 DE JUNHO DO ANNO DE CHRISTO DE 1557.

### 1

Deus sabe que esconder  
a minha tenção não posso;  
e, por seu serviço e vosso,  
digo quanto aqui disser.

### 2

Se sobre isto o dessirvo,  
com a clemencia que sóhe,  
como a vassallo e captivo,  
que o ama, me perdoe.

### 3

Um poeta dos latinos  
a um seu amigo escrevia:  
«Já agora a terra cria  
«homens maus e pequeninos.»

## 4

Como que, com a idade  
tudo cança e nos esquece,  
afóra só a maldade,  
que esta sempre prevalece.

## 5

Homens bons de muito ser  
n'esta terra haver sohia ;  
ainda os ha ; mais haveria,  
se os deixassem viver.

## 6

Os que mettem pelos portos  
mercadorias defezas,  
com que os mortos são mortos  
e os vivos são suas prezas,

## 7

Esses no reino metteram  
mentiras e judiarias,  
baixezas e hypocrisias  
que toda esta terra encheram.

## 8

E tanto quê, mór valia  
tem já isto em Portugal  
que droga, cravo e tincal,  
nobreza e cavallaria.

## 9

Mas de um, que tudo pendê <sup>1</sup>,  
vos direi, senhor, um pouco,  
em que me tenhaes por louco;  
que Deus calar me defende.

## 10

Pois dá brado sem cessar —  
diz Izaias — e canta;  
como trombeta, levanta  
tua voz sem descançar.

## 11

E elle, que tudo é, tudo  
nos salva pela tenção!  
Vêr eu tanta perdição  
me faz fallar, sendo mudo.

## 12

E eu, com esta ousadia,  
o direi, porém com febre,  
que em sua physionomia  
vereis melhor que tem lebre.

## 13

Convenho no que se diz:  
Dês que o mundo se criou,  
aquelle a quem Deus bem quiz  
no rosto lh'o amostrou.

<sup>1</sup> Principia a desancar o valido.

## 14

Após isto, no cabelo,  
na sombra tão infernal ;  
de estopa de ruim pello  
nunca se fez bom sayal.

## 15

As sobrancelhas hirsutas  
maiores que abecedouro,  
no meio da testa justas,  
signal é de mau agouro.

## 16

Olheiras por meio rosto,  
olhos tristes, embaciados,  
risinhos falsos, sem gosto,  
pensamentos esfaimados.

## 17

Esfaimados de cobiça,  
de soberba e de inveja,  
de quantos males atiça  
quem todo o mundo deseja.

## 18

Esfaimado de suspeitas,  
enganos e falsidades,  
e palavras contrafeitas  
onde nunca entrou verdade.

Esfamado por lançar  
o reino e terra a perder,  
o preço, a honra, e o ser  
dos que são para estimar.

Esfamado e esfamado  
por acabar de roubar  
honra, fazenda e estado  
de quem isto lhe foi dar.

Ente do seu parecer,  
nas obras de tanta perda,  
parentesco deve ter  
co' ladrão da mão esquerda.

É um sem fundo, adverso  
da direita e do envez,  
em ser ruim e perverso  
da cabeça até aos pés.

Do qual ousei afirmar,  
a um seu (ninguem se espante)  
pardelhos e calcanhar  
são mores que por diante.

São de ladrão calcanhares,  
dizem todos a uma voz,  
faz com ratos nos altares  
mais lavoura que na foz.

Té quando, pois, durará,  
Senhor, tão cruel engano,  
sortido em tanto damno,  
trinta e tres annos ha!

Ponhamos em termos isto,  
vejamos quem tem razão,  
seja juiz Jesus Christo  
em quem não ha suspeição.

Vossa alteza que achou  
n'este homem feito empelado,  
que assim se apoderou  
de si e do seu estado?

Entregues á sua vontade  
d'onde dependem as leis,  
tudo podem dar os reis,  
salvo sua liberdade.

Este, tudo tem de vós,  
com que se fez soberano,  
ingrato, cruel tyranno,  
a Deus, a vós e a nós.

Este, a mais sobre todos,  
este crêdes desde a... <sup>1</sup>  
este tem convosco os modos  
de D. Alvaro de Luna.

Senhor, que engano é este?  
como não fugis d'este homem  
de que tantos outros morrem  
por ser o seu mal de peste?

Que só dous, tres dias, dura  
qualquer outro em vossa graça,  
logo de vós a rechaça  
sua levacão <sup>2</sup> sem cura.

Não podem ser todos maus;  
elle só é virtuoso,  
sendo, á fé, falso rapôso  
todo cheio de *desvaus* (?).

<sup>1</sup> Palavra inintelligivel.

<sup>2</sup> Tumor.

Faz quanto se lhe antoja ;  
e diz, quando adocece :  
« Quem me visita, me enoja,  
« Quem o não faz me aborrece. »

Olhai lá pelo virote !  
Amaes-lhe os cabellinhos ?  
Cria-lhe bem os filhinhos,  
governai por este norte.

Em qualquer outra pessoa  
passára isto por graça ;  
que quem não tem cousa sua,  
ponha os seus bofes na praça.

Malditos sejam os pais  
que geraram tão má cousa,  
de que todos dão mil ais,  
e nenhum fallar não ousa !

Por terem reconhecido  
ser de vós apoderado,  
como Deus é adorado,  
como o diabo é temido.



Dai ao demo este diabo,  
dai este diabo ao demo!  
Não é bom, não vol-o gabo,  
de governalho e de remo.

Não se lhe sabe virtude,  
não viu leão nem pelejou,  
nem mortos resuscitou,  
dos vivos tolhe a saude.

Pois que milagres são estes,  
que siso, que discrição,  
pois que assim lhe concedestes  
o da vossa jurisdicção?

Se elle fôra sisudo  
e discreto em seus modos,  
não governára elle tudo,  
e mais com dolo de todos.

É da gloriosa lei,  
que a todos nós ensina,  
imigo, e de Deus e Rei  
ante quem todos malsina.

## 44

Se vos tem amor ou não,  
não é texto de Hipocrás;  
as obras vol-o dirão,  
não cureis dos seus *salás* <sup>1</sup>.

## 45

que são figuras, e basta,  
villãs reverenciaduras  
com que vos caçou e arrasta  
por nossas desaventuras.

## 46

Que o criado verdadeiro  
que tem verdadeiro amor,  
mais que o seu, e primeiro,  
sente o mal de seu senhor.

## 47

Nos conselhos, vossa alteza  
em elle sómente crê;  
sendo tudo na grandeza  
da perdição que se vê.

## 48

Por seu conselho casou  
a princeza em Castella <sup>2</sup>;  
vêde como Deus livrou  
este vosso reino d'ella.

<sup>1</sup> Zumbaias.

<sup>2</sup> D. Isabel. Casou com o imperador Carlos v, em 1525.

49

Por seu conselho deixastes  
quatro lugares aos mouros <sup>1</sup>;  
verdade é que poupastes  
com isso grandes thesouros.

50

Mas por seu procurador  
poz Deus boas contraditas,  
que não fizessem mesquitas  
nos templos do Salvador.

51

Ao duque poz suspeição ;  
que sempre em tudo procede  
por ser parente d'Abrahão  
e tambem de Mafamede.

52

Que como homem antigo  
parece que lhe sabia  
a sua genealogia,  
que é esta que aqui digo :

53

Mestre João sacerdote,  
de Barcellos natural,  
houve de uma moura tal  
um filho de boa sorte.

<sup>1</sup> Safi e Azamor foram abandonadas á mourisma em 1524.  
Em seguida, perdemos Arzilla.

## 54

Pero Esteves se chamou,  
honradamente vivia,  
por amores se casou  
com uma formosa judia.

## 55

D'este (pois nada se esconde)  
nasceu Maria Pinheira,  
mai da mãe d'aquelle conde,  
e sua avó verdadeira <sup>1</sup>.

## 56

Vêde se era bem provada  
esta sua suspeição ;  
mas não aproveita já nada  
onde sobeja a affeição.

## 57

E com juiz tão suspeito,  
mal inclinado, teimoso,  
desalmado, cubiçoso,  
todos perdem seu direito.

## 58

Farto trabalho receio  
lhe faz tal sentença dar :  
christão e sisudo meio  
para o meu aproveitar.

<sup>1</sup> *Que é conde da Castanheira, variante de Diogo de Paiva.*

## 59

Antepôr a Deus fazenda  
receio, e maior trabalho ;  
nunca já será atalho  
mas rodeio sem emenda.

## 60

Veja isto vossa alteza  
nas cousas que tal causaram,  
pois que todas se dobraram  
e muito mais a pobreza

## 61

E como, para poupar  
gastos, se faz a tal obra,  
Ai ! da nação que sossobra,  
e dobra-se o individuar.

## 62

Em os taes conselhos vão s  
verá o mais a que veio ;  
nascirão mil de um receio  
de mouros aos bons christãos.

## 63

O trabalho era d'além  
em meritoria guerra ;  
agora, a além e áquem,  
em todo o mar e na terra.

Vós, senhor, não tenhaes  
 pouca culpa n'este feito;  
 peço-vos tudo gemaes  
 sempre dentro em vosso peito.

O author da satyra era o proprio Damião de Goes, que ajuntára a copia ao seu nobiliario; e o portador d'ella a D. João III fôra um familiar do conde da Portella, inimigo do conde da Castanheira. Assim m'o assevera o padre D. Manoel Caetano de Sousa, aquelle doutissimo theatino, cujas 289 obras em varias linguas catalogou o conde da Ericeira, no livro intitulado *Bibliotheca Sousa* <sup>1</sup>.

Entre os manuscriptos que tenho do insigne academico está a satyra copiada com mais razoavel orthographia da que Damião de Goes interpozera na genealogia do conde da Castanheira.

*Formosa*, lhe chama elle. A mim me não quiz parecer cousa para mediana admiração. A escóla de Sá de Miranda não póde gabar-se de mui notavel alumno no engenho de Damião de Goes; todavia, mais como documento histori-

<sup>1</sup> D. Manoel Caetano de Sousa nasceu em 1658, e falleceu em 1734.

co, e pouquissimo como modêlo de poesia, a considero dignissima da publicidade.

O esclarecido possuidor da satyra invectiva contra Damião de Goes alcunhando-o de detrahidor de alheios creditos. Eis a textual exprobração do clerigo:

*Tudo isto continha aquella formosa satyra de que se não sabem mais que as coplas 53, 54 e 55, as quaes malicia e inveja encomendaram mais á memoria por encerrarem em si falta que se transfunde na posteridade quando não é tão falsamente imposta como n'este caso. Cheias andam as Memorias dos genealogicos de argumentos que convencem de falta aquella impostura; aos quaes eu só acrescento que não quero maior prova de sua falsidade do que vêr aquellas coplas, entre tantas tão maledicas, que dizem de um só homem, e tão grande como aquelle conde foi, tantos defeitos que não cabem em tantos homens vis e facinorosos; e vêr que nas coplas 9, 10 e 11, quer o author com pouco respeito ás divinas escripturas attribuir a impulsos do Espirito Divino os que só são efeitos do espirito maligno que sem duvida levaria consigo ao inferno o author das coplas, se elle antes de morrer se não desdisse como se afirma que desdisse. E Deus que é summamente justo quer que aquelle mesmo conde, cuja descendencia, n'esta satyra, se emprehendeu*

*infamar, tivesse uma mui esclarecida descendência, cheia de varões insignes em santidade, letras, armas, dignidades ecclesiasticas e seculares as maiores que se podem conseguir em Portugal, como sabem os que tem menos que mediana noticia das familias d'este reino, na qual sempre os mais sisudos tiveram estas coplas por falsidade* <sup>1</sup>.

Damião de Goes, em favores ou desfavores genealogicos, não era extremamente consciencioso. Quando recolheu das suas illustradas viagens, procurou Antonio Carneiro, secretario de estado d'el-rei D. João III, e entregou-lhe um papel em que demonstrava que a sua familia d'elle secretario descendia do duque de *Mouton*, de França, que a portuguezado dizia «Carneiro». O ministro sorriu-se de zombaria á destampada lisonja, lançou o papel, sem o abrir, ao brazido de uma chaminé, e disse a Damião de Goes: — «Contento-me com que os meus descendentes contem como

<sup>1</sup> A casa da Castanheira passou ao segundo Marquez de Cascaes por herança de sua prima D. Anna d'Athayde, ultima condessa da Castanheira, fallecida no meiado do seculo xvii. Na casa de Cascaes succedeu a de Niza. E em ambas succederam o defunto snr. José Maria Eugenio e outros que medraram quando a casca do mundo antigo se poz do envez, e as heras absorveram a seiva dos troncos.



progenitora a honra com que procuro viver sendo util ao rei e á patria.»

Antonio Carneiro bem sabia que não procedia dos *Moutons*. Era natural do Porto, e de familia honrada. Foi a Lisboa por dependencia que tinha de Pedro Fernandes de Alcáçova, escrivão da fazenda d'el-rei D. João II. Pedro Fernandes tanto se lhe affeiçoou que, além do prompto despacho, o convidou a ficar na côrte, empregando-o no expediente do seu officio. Como Antonio Carneiro fosse o encarregado de levar a despacho real o sacco dos papeis, n'estas idas ao paço, deu trela ao coração, e requestou D. Brites de Alcáçova, filha do seu protector, e dama da rainha. Casou-se com ella a furto; mas, publicado o delicto, foram ambos degredados para a ilha do Principe. Decorridos annos, as reiteradas supplicas da desterrada commiseraram o coração do pai. Veio Antonio Carneiro para o reino com sua mulher, e logo se habilitou para secretario do despacho universal de D. Manoel, revelando-se politico sagacissimo. Semelhantes honras lhe concedeu D. João III, e com ellas o senhorio da ilha do Principe, onde havia gemido degredado e pobre. Morreu aos 86 annos de idade, deixando larga descendencia.

Se leram *Damião de Goes, e a Inquisição de Portugal*, estudo biographico de Lopes de Mendonça, ou sequer a summariada noti-

cia que escreveu o snr. Innocencio Francisco da Silva, sabem que o adversario do conde da Castanheira, denunciado pelo padre Simão Rodrigues, foi preso como lutherano nos carceres da inquisição, d'onde o mandaram penitenciar-se em reclusão austera no mosteiro da Batalha.

Concluido o prazo da expiação, quando já orçava pelos setenta annos, transferiu-se a sua casa.

Um dia — diz o snr. Innocencio, atido ao testemunho de memorias contemporaneas — o velho chronista d'el-rei D. Manoel foi encontrado morto, *quer de accidente apopletico, quer assassinado por domesticos ou estranhos.*

D. Manoel Caetano de Sousa refere que a maledicencia heraldica de Damião de Goes não despontára com a velhice, antes se afiára mais na pedra do rancor aos que elle suspeitava seus inimigos. O segundo conde da Castanheira, desforrando-se dos velhos e renovados ultrajes a Maria Pinheira, mandou criados seus moêrem com saccos de arêa o ancião no pateo de sua mesma casa; e de modo se houveram, que Damião de Goes apenas teve forças que o arrastassem á cama, onde se desprendeu da vida, e mormente da lingua que tantos trabalhos lhe custára.

Esta relação do theatino Sousa encontrei eu confirmada em um Nobiliario de Pinheiros,

que pertence ao meu joven e illustrado amigo Vicente Pinheiro de Mello e Almada, filho do primeiro visconde de Pindella, e tambem descendente de D. Maria Pinheira.

Concluo rogando aos barões do meu conhecimento que me não façam moêr com saccos de arêa, se eu alguma vez lhes lembrar a tripeça dos avós. Eu lhes asseguro que, em suppostos casos, levo mais em vista nobilital-os que envilecêl-os pelo honrado trabalho de seus avoengos. Ainda assim, não está no meu animo — diga-se verdade — comparar ss. exc.<sup>as</sup> aos condes da Castanheira, nem confrontar-me a mim com Damião de Goes. Todos nós somos mais ou menos sapateiros nos baronatos e nas sciencias.

---

## A MENINA PERDIDA

Em novembro de 1873 chegou a Braga uma senhora, que as suas criadas negras e o seu escudeiro inglez chamavam baroneza.

Vi-a no *Hotel dos dous amigos*. Figurava trinta annos, ou pouco mais. Feições fortes, duras; mas bonitas d'esta belleza rija das camponezas da Maia. Garbosa sem delicade-

za nem a flexura da casta flebil e fina. Mulher a valer. Era o ideal de um morgado de Cabeceiras de Basto, que vestisse o seu ideal com os musculos e feitios da mulher menos corpulenta que a femea do elephante.

Entendi-me com o escudeiro inglez, ácerca de sua ama.

Viera do Brazil em agosto d'aquelle anno. Era viuva do barão de... Ipiranga — supponha-se que era de Ipiranga; mas não era. Quanto mais verdadeiros são os contos, mais forçosa e urbana é a mentira.

— É portugueza ou brazileira? — perguntei ao inglez.

— É portugueza.

— Que faz em Braga esta senhora? veio vêr o Bom-Jesus do Monte?

— Não, senhor. Anda a procurar a mãe; disse-m'o a sua criada grave.

— A procurar a mãe em Braga?! Como foi isso? Perdeu-se aqui a mãe, ou...

— Não sei como foi —olveu o escudeiro.

N'este comenos, entrou no hotel um meu amigo, que foi conduzido á sala, onde a baroneza tocava piano melancolicamente. Deteve-se algum tempo. Esperei-o, e perguntei-lhe que romance era aquella mulher.

— Um romance, com toda a certeza.

— É certo que esta baroneza procura a mãe?

— É, e encontrou-a.

— Então... — acudi eu tão incommodado com a escuridade d'aquelle caso como se me faltassem ao respeito, não m'o communicando previamente e em quatro palavras. — Então como é isso? A mãe quem é? onde estava a mãe? como se perdeu a mãe? como se encontrou a mãe?...

— Se a tua impaciencia consente, conversaremos de espaço — objectou o meu amigo; — mas peço á tua soffrega curiosidade que se contenha até á noite. Vou d'aqui ao recolhimento da Tamanca procurar um velha chamada Anna de Jesus, que é mãe d'esta baroneza. Já sabes quem é a mãe, onde está a mãe, como se encontrou a mãe. Depois te direi como se perdeu...

— A dita mãe? Pois até logo. Confio em ti.

. . .

Reduz-se a poucas linhas tudo que o sujeito me disse. A baroneza nascera em uma aldeia, visinha do Porto, á beira-mar, chamada Nevogilde. Seu pai era official-calafate; sua mãe era filha de um agricultor remediado. Os paes amaram-se, e propagaram *extra-matrimonium*, como diz o snr. professor e historiador Viale, quando dá noticia dos filhos bastardos dos reis. O artista safou-se para o Brazil. A menina ficou com sua mãe, que a teve comsigo

até aos quatro annos, vestindo-a e alimentando-a com aceio e abundancia, em quanto lhe durou o producto de uns grossos cordões de ouro, que herdára d'uma parenta. Seus paes expulsaram-na de casa, e obrigaram-na a esconder-se com o escandalo da filha em outra aldeia proxima de Leça.

Quando se lhe exauriram os recursos, Anna de Jesus foi servir para o Porto, deixando Amelia aos cuidados de uma gente pobre, a quem entregava mensalmente os seus salarios; porém, como não bastassem á alimentação da filha, resolveu entregal-a aos parentes do pai, que eram proprietarios em Mathosinhos.

Isto dizia a baroneza que lh'o referira o marido; mas não sabia contar como a levaram de Leça para o Pará, quando tinha seis annos. Lembrava-se de ter sido apertada nos braços de um homem, que fôra a bordo, e lhe chamára filha; que esse homem a levára para um collegio allemão, d'onde nunca mais sahira, senão aos dezoito annos para casar com um negociante rico, pardo e velho, que, ao depois, se fez barão.

Acrescentava que via seu pai no dia 1 de cada mez e que nunca lhe perguntára por sua mãe. E, por lh'o referir o marido, soubera que seu pai a não levava a casa, porque era marido de uma riquissima mulata, velha e doente,

de quem esperava herdar tudo, a não intervir entre elles algum caso que irritasse o genio ferocissimo da esposa. Mais dizia a baroneza que a mulata acabou os seus dias antes de acabar a paciencia do marido, e o instituiu herdeiro; mas, como lhe tinha empeçonhado o sangue, pouco lhe sobrevivera o viuvo. D'onde resultou ficar Amelia opulenta herdeira, sob a tutela do paraense que a fez sua mulher. Concluiu, finalmente, a baroneza, mostrando ao meu amigo de Braga dous numeros do *Periodico dos Pobres*, do Porto, de agosto de 1845, os quaes ella encontrára nas gavetas de seu pai, e d'onde inferira o pouco que sabia do seu nascimento, e se lhe afervorára o filial desejo de procurar sua mãe, e afortunarlhe os ultimos annos, se ella, por ventura de ambas, existisse.

Mostrou-me o meu amigo os dous numeros do *Periodico dos Pobres*, que diziam assim:

« MENINA PERDIDA. — No dia 31 de julho pelas 8 horas da noite appareceu batendo a uma porta na rua de Sant'Anna, freguezia de Mathosinhos, uma linda menina, de idade de 4 annos, branca, bem nutrida, cabello louro liso, com uma trança de perto de um palmo, olhos grandes azues, vestido curto de cassa riscada de vermelho, guarnecido de trancelim; calça de paninho branco com dous

entremeios de renda; saia de paninho, e outra de baeta de algodão; collete de atacador de linho; chapéo de papelão coberto de sêda verde; sapatos de duraque cinzento acoturnados com botões ao lado, meia comprida de linha, ligas de fitas de nastro cosidas nas meias; — diz chamar-se *Amelia*, e que a mãe se chamava *Aninhas*, a qual vivia com um *snr. Antonio*. Esta criança foi vista ás 6 horas da tarde na estrada de Mathosinhos na companhia d'uma mulher de mantilha e vestida de preto, e um individuo de pouca idade vestido de calça e jaqueta azul e boné.

«Estes individuos haviam convidado uma mulher para levar a criança ao collo até Mathosinhos; como elles fossem ficando muito para traz, dando a entender desejarem livrar-se da criança, a mulher desconfiou d'alguma cilada, e os obrigou a tomarem conta da criança. Convidaram então um rapaz a quem prometteram 50 reis, o qual a levou ao collo, até que, vendo-se de repente abandonado dos ditos individuos, a deixou no lugar indicado e fugiu. A criança diz que a sua casa é perto do rio; que continuamente via barcos; que ia aos banhos com a mãe; que fugia para a ponte do rio; e que o *snr. Antonio* ralhava; que brincava com outra menina que morava no andar de baixo, chamada *Julia*, a qual tinha bonecos para brincar, etc. Suppõe-se que ti-



nha sido furtada a seus paes, ou por elles abandonada, e por isso se publica este facto para conhecimento de quem pertencer; a criança está em poder do actual administrador do concelho de Bouças em Mathosinhos.»

Até aqui o numero de 3 de agosto. Segue o numero de 6:

« No dia immediato áquelle em que a menina foi encontrada, achou-se atraz da parede n'um campo uma trouxa de roupa de criança, e uma carta; foi tudo apresentado ao administrador do concelho, que pelo seu conteúdo descobriu a historia d'aquelle acontecimento, os nomes dos paes e parentes, etc. Era remettida pela mãe aos parentes do pai, por este se achar ausente no Brazil, e pela falta de meios que ella tem para se sustentar, crescendo achar-se enferma. Parece que os parentes a não quizeram receber, e que o rapaz que a conduzia, voltando ao lugar da estrada de Mathosinhos d'onde havia deixado os individuos que lh'a haviam entregado, não os encontrou, e, temendo comprometter-se, a lançou n'um campo com a trouxa e fugiu.

« O administrador do concelho obrigou a familia do pai, residente em Leça, a tomar conta d'ella, o que teve lugar no dia 3 do corrente á noite, em quanto se não descobre onde

pára a mãe para se verificar até que ponto sejam verdadeiros os factos de que se faz menção n'aquella carta. Varias pessoas teem querido tomar conta da menina; porém isto não tem podido ter lugar em vista do que fica exposto, e porque os parentes do pai estão em circumstancias de podêl-a sustentar.

«Consta ultimamente que a mãe fôra para Braga, chama-se *Anna de Jesus Lima*, tem sido criada de servir em algumas casas d'esta cidade.»

Na margem do jornal, onde está escripto: «diz chamar-se *Amelia*, e que a mãe se chamava *Anninhas*, a qual vivia com um *snr. Antonio*» — o pai da baroneza, sublinhando o nome appellativo *Antonio*, escrevera umas palavras que estavam cancelladas e inintelligíveis. O mesmo succedia mais abaixo, no ponto em que se diz: «que fugia para a ponte do rio, e que o *snr. Antonio* ralhava.» Parece que este «Antonio», commentado á margem, explicava o silencio do marido da mulata a respeito da mãe de *Amelia*. Eu não sei nada positivo a tal respeito, nem formei ainda opinião com que possa alumiar a vereda de ulteriores pesquisas.

O que sei é que no recolhimento da Tamanca existia, desde 1855, Anna de Jesus, como criada de uma velha fidalga que para alli entrára em 1834, obrigada pela moral que a condemnára a expiar na clausura uns amores de gran vilta para seus avós. Sei mais que Anna de Jesus sahiu do convento sem verdadeiramente saber a razão porque sahia, pois lhe disseram que ia tratar com os seus parentes a restituição da legitima que lhe haviam extorquido. Que foi recebida no quarto da baroneza para quem olhou com respeitoso assombro vendo-a coberta de velludo e peliças de varios feitios. E que, ao vêr-se abraçada por aquella senhora, rodeada de pretas, e lhe ouvira pronunciar a palavra *mãe*, perdera os sentidos, e os recobrára, dizendo extravagancias. Finalmente, como a felicidade não faz endoudecer ninguem — para se não parecer com a desgraça — Anna de Jesus, remoçada, alegre até ás lagrimas, e a cuidar sempre que a sua vida era um sonho, foi para o Pará com sua filha, tão angelica, tão santa que lhe perdoou o desamparal-a do seu amor de mãe, por onde lhe adveio o acaso mais amparador da riqueza, que somma 1:000 contos, 500 da mulata do pai, e 500 do marido mulato.

E mais nada.

## O HEROE DA ILHA TERCEIRA

Cypriano, Ciprião ou Scipião. O leitor conhece o valente governador da ilha Terceira, o portuguez intransigente com Castella, o partidario inflexivel de D. Antonio, prior do Crato, que reinou uma hora em Santarem, outra hora em Setubal, a derradeira hora entre a plebe de Lisboa. Onde elle reinou deveras foi no coração e na consciencia dos seus raros amigos.

Os historiadores portuguezes chamam *Cypriano* ao heroe dos Açores; os francezes chamam-lhe *Scipião*, nobilitando-o, por analogia do nome e dos feitos, com o general romano. Nas Provas da Historia genealogica da casa real leio *Ciprião*. Elle mesmo a si se chamava *Scipião*, para não desfazer no glorioso nome que Henrique IV lhe dava, e Philippe II tambem, como ironia ou como lisonja<sup>1</sup>.

Procedia de estirpe illustre, não tanto co-

<sup>1</sup> Assim subscreve a aprovação do testamento de D. Antonio, e assigna uma carta a Philippe II que ao diante se lerá.

mo diz uma neta de seu irmão Sebastião Gomes de Figueiredo. Esta neta é mad. Gillot de Saintonge, que, em 1696, publicou a *Histoire secrete de Dom Antoine Roy de Portugal, tirée des memoires de Dom Gomes Vasconcellos de Figueiredo*. Engrandece a poetiza franceza a prosapia de sua mãe com a costumada ignorancia dos francezes quando entendem connosco. Diz que *Jean, fils de Pierre, le Justicier, roy de Portugal, épousa Marie fille de Martin Alfonse Tello, & d'Aldonze de Vasconcellos sœur de la reine Eleonor, femme de Ferdinand*.

Que mixtiforio ahi vai!

Se Aldonsa (ou Dulce) de Vasconcellos podesse ser irmã de Leonor Telles, nem assim Scipião de Figueiredo procederia, por *Vasconcellos*, d'essa linhagem.

O pai de Scipião era de Alcochete. Chamou-se Sebastião Gomes de Figueiredo: casou com D. Antonia Fernandes de Vasconcellos, filha do bispo de Lamego, D. Fernando de Menezes, que morreu arcebispo de Lisboa, e dotou a filha com o prazo de Velloso, doação riquissima em direitos reaes.

Teve cinco filhos o genro do bispo. O primogenito, Duardos de Figueiredo, era representado em 1716 por Nicolau de Tovar e Vasconcellos, sargento-mór de batalha. O segundo, Scipião, doutorou-se em direito canonico

imperial, e foi mandado governar a ilha Terceira, não por D. Antonio, como diz o historiadôr Rebello da Silva <sup>1</sup>, mas por D. Sebastião, como diz o proprio prior do Crato na carta latina ao papa Gregorio XIII, em 1583. Teve um filho illegitimo, que se chamou Constantino. O prior do Crato inscreve-o no rol dos amigos que o seguiram no desterro. Ignoro o destino do filho de Scipião. Os outros irmãos do governador da Terceira chamaram-se Ruy, que ficou no reino bem aconchavado com os Philippes; D. Brites, que casou com um Ribeiro Soares; e Sebastião, de quem darei ampla noticia, avô de mad. de Sainctonge, ou Sainct'Onge, como se escreve modernamente.

A porção mais estafadora d'este escripto conclue aqui.

. . .

Quando chegou á Terceira a noticia da aclamação do prior do Crato, Scipião pro-

<sup>1</sup> *Historia de Portugal...* t. II, pag. 602. D. Antonio nomeou Scipião de Figueiredo conde de S. Sebastião — accessorio que nenhum escriptor menciona, senão Caramuel (*Philippus Prudens*, pag. 302), que tratou com singular benevolencia os partidarios de D. Antonio, por entender que nenhum contrapeso faziam na balança em que Philippe III, em 1869, no ultimo anno do seu reinado, mandava pesar os seus direitos.

clamou-o rei, sem lhe discutir a illegitimidade.

Era portuguez D. Antonio? Era. Logo era legitimo como D. João I, o filho de Thereza Lourenço.

Rei castelhano é que elle não queria. Morrer na defeza da sepultura não pisada pelo sapato ferrado do hespanhol — cahir em terra ensanguentada, mas portugueza — valia tanto como um triumpho para o faccionario do filho da Pelicana.

A onça de Castella affrontára o leão na sua caverna. Elle surgiu fóra, e espedaçou-a. A ilha Terceira era inexpugnavel com tal caudilho na vanguarda de alguns bravos fanatisados pelo heroismo de seu chefe, e talvez atemorizados pelo terror das suas cruezas com os partidarios de Hespanha.

Philippe II, em outubro de 1581, mezes depois que D. Pedro Valdez voltára derrotado dos Açores, tentou pela segunda vez a fidelidade de Scipião de Figueiredo, enviando de Lisboa á ilha Terceira Gaspar Homem com uma carta de seu proprio punho. Na brandura das insidiosas expressões, reçumbra o aviltamento a que descia o parricida castelhano para haver á mão o unico baluarte de D. Antonio. Calcule-se com que rancoroso disfarce Philippe II não offerceria perdão e mercês ao indomito governador, que apenas lhe deixára

vivos cincoenta soldados, e nem um só dos officiaes aguerridos como D. Diogo Valdez e D. Luiz de Baçan.

Dizia assim a carta de Philippe <sup>1</sup>:

*Doutor Scipião de Figueiredo, eu el-rei vos*

<sup>1</sup> A carta e resposta de Scipião de Figueiredo possuímol-as na collecção de *Ineditos* de D. Manoel Caetano de Sousa. Nos historiadores apenas encontramos noticia perfunctoria de haver sido tentado o suborno do governador pelo principe de Eboly.

Estas cartas foram impressas em uma apologia de D. Antonio, escripta por Scipião de Figueiredo contra D. João de Castro. Na duvida em que estão os bibliophilos sobre a authoridade d'essa apologia decide João Caramuel no seu *Philippus Prudens*, etc. pag. 171 e 172, na lista dos authores que escreveram a favor de D. Antonio: *Cyprianus de Fuigueredo... sed Seipio... publicavit Epistolam, quâ notas facit Philippo II, causas quibus movebatur ut individuus comes non desereret ipsum Antonium, cui ab annis pluribus in honore maximo serviebat. Edidit etiam Apologiam pro Antonio contra D. Joannem de Castro, olim ex Antonianis, etc.*

O titulo do livro que o cisterciense Caramuel denomina «apologia» é *Reposta que os tres estados do reino de Portugal, a saber Nobreza, Clero e Povo, mandaram a D. João de Castro, sobre um discurso que lhes dirigiu sobre a vida e apparecimento d'el-rei D. Sebastião* (s. 1.), 1603, 8.º Diz o snr. Innocencio que entre pag. 75-80 está a carta que este dirigiu a Philippe II. Não sei se allí se encontra a carta que Philippe lhe enviou por Gaspar Homem. Este livro é um dos rarissimos da livraria portugueza.



envio saudar. Não podendo deixar de crêr de vós que cumprireis com a obrigação que tendes a meu serviço, e ao bem d'essa ilha, e ao que particularmente vos toca, me parece encommendar-vos isto mesmo que de vós confio, que fazendo-vos assim como é de crêr, não sómente vos perdôo as culpas passadas, mas que folgarei de vos fazer mercê quanto serviço que de vós n'isto espero, para que se escusem os grandes damnos d'essa ilha, e dos moradores d'ella, e seu povo; indo sobre ella o apercebimento que tenho mandado fazer de gente, navios e munições, como tudo largamente vos dirá quem vos esta minha carta dará. — Escripta em Lisboa a 14 de outubro de 1581.

O governador respondeu com alguma intermissão de tempo:

Vi a carta que V. M. me mandou por Gaspar Homem, na qual me dizeis que não podeis deixar de crêr de mim que cumprirei com a obrigação que tenho a vosso serviço, ao bem d'esta ilha, e ao que particularmente me toca. Prouvera a Deus que tivera V. M. lembrança da em que estaes aos reis de Portugal, e principalmente ao serenissimo infante D. Luiz, que com seus vassallos e pessoa sempre em guerras ajudou ao imperador vosso pai; porque nem as fizereis contra o reino levantado com el-rei D. Antonio seu filho, offendendo tanto a Deus Nosso Senhor nos estragos de honras, vidas e fazen-

das, que causastes no meu, e nem os portuguezes verdadeiros seus vassallos deixariamos de vos servir como a rei christão, e a quem sempre amou a nação portugueza, mas como V. M. se esqueceu de tão devida razão, e da do sangue pelo muito parentesco que tendes com os reis de Portugal, nem a V. M. lhe cabe querer que eu o sirva, como vassallo, nem a mim convém obedecer como subdito. Esta ilha, e moradores d'ella são de el-rei D. Antonio a quem juraram por seu rei e natural senhor, assim pela successão do reino lhe pertencer, e o povo d'ella o ter eleito, como por a cidade, e camara de Lisboa isso escrever. As razões e justiça que para isso havia não posso eu crêr que V. M. não as tenha muitas vezes passadas pela memoria; e ainda que outras não houvera mais que a eleição do povo que n'este reino por muitos actos tem direito de nomear rei (faltando descendentes adquiridos) bastára entrar V. M. n'elle com mão armada, estando em litigio, para ainda que tivereis muita justiça perderdes todo o vosso direito; mas em Deus confio que tudo ha de tornar ao estado, que nem V. M. por occupar o alheio perca sua alma, nem o que está por ora usurpado deixe de vir ao poder do seu dono. Não me tenha V. M. por atrevido, mas julgue-me por desinteressado; e prouvera a Deus que os reis tiveram homens livres, e pouco ambiciosos em seus conselhos;

porque nem el-rei D. Antonio chegára aos termos que o pozeram tamanhas traições, nem V. M. a perigo de perder o seu, e pôr em risco toda a christandade. Coitado d'aquelle que ha de dar conta no final juizo das honras, mortes, fazendas de tantos, da liberdade, e gosto da vida; porque para quem se perdeu não haverá arrependimento que baste em satisfação, por se lhe acabar o tempo. Se V. M. bem cuidar na hora da morte que vos espera, e quantos males n'ella se vos hão de representar, e as penas que, pelo que tendes em Portugal feito eternamente haveis de ter, e justamente haveis de padecer, lembrando-vos quão perto estaes de se vos acabar tudo, ah! como dareis uma volta tão grande ao passado porque tudo se vos ha então de ser presente! Quanto melhor vos fôra estar em vossos reinos pacifico, vossos vassallos quietos, amado de todos os reis christãos, e servido de todos os seus, que com o que tendes feito em Portugal! não sómente os christãos, mas todas as nações infieis vos terão intrinseco odio. Cuidai quantos innocentes matastes com o vosso exercito: cuidai nas honras das viúvas, e donzellas roubadas, e nos gemidos que ante a divina justiça estão pedindo vingança de vós. Lembrem-vos quantas casadas ao adulterio forçadas são apostatadas! os templos de Deus que profanaram, as religiosas que deshonraram, a servidão em que pozestes os moradores de Portugal, e fi-

nalmente tudo o que n'elle causastes que Deus tem tomado á sua conta, e toma-vol-a com rigorosa justiça; como por um reino que mais que todos do mundo nobilitou dando-lhe as suas sagradas chagas, com que nos redimiu, por armas, que foi signal e penhor de nunca o desamparar. As cousas que padecem os moradores d'esse affligido reino, bastavam para vos enganar, que os que estão fóra d'esse pesado jugo queriam antes morrer livres, que em paz sujeitos. Nem eu darei aos moradores d'esta ilha outro conselho, porque não perca minha alma, nem minha honra, que trocarei quantas vidas tivera, e pudera possuir por morrer leal a meu rei que jurei, porque um morrer bem é viver perpetuamente; d'aqui me vem ter mais conta com perseverar até o fim da vida n'esta lealdade, que temer os vossos apercebimentos de gente, navios, e munições com que V. M. na sua me ameaça; porque confiando em Deus que peleja por nós, para os navios está o mar, e portos d'esta ilha aparelhados, para as munições as fortalezas e trincheiras e muitos poços para metter n'elles toda gente que nos vier buscar, a quem se não perdoará, pelos males que resultam de perdões. Não me ponha V. M. culpa, por que jurei a D. Antonio por meu rei e senhor, e de defender esta corôa; que tambem fizera o mesmo por vós se vos tivera jurado (posto que não com tanto gosto) porque basta ser rei por-

tuguez: e, se a desventura me chegasse a estado que ficasse com vida sujeito, e, por fazer o que devo, me mandassem matar, perdendo a vida pelo senhor rei D. Antonio, então a ganhava, e tambem não perderia a memoria de minha lealdade, nem se perderia a fama da vossa crueza, e sem justiça. Eu não sirvo a el-rei D. Antonio por interesse (posto que d'elle se podiam esperar maiores mercês que de nenhum outro rei) mas sirvo com a pureza de minha obrigação de que resulta não me moverem mercês promettidas, que foi o laço em que cahiu Portugal; porque fóra do que devo nenhuma cousa me poderá mover a troco de vender a honra, e lealdade que não tem preço nem ha nenhum que eu tanto estime; lição que a muitos fidalgos esqueceu. Nosso Senhor leve a V. M. para o seu reino e restitua o de Portugal ao seu amado rei o snr. D. Antonio como os verdadeiros e leaes portuguezes desejamos.

*D'esta muito nobre, e sempre leal cidade de Angra, ilha Terceira de Jesus Christo.*

SCIPIÃO DE FIGUEIREDO DE VASCONCELLOS,  
governador da ilha dos Açores.

. . .

Este lance de patriotismo não impediu que a fidelidade de Scipião fosse suspeita a D. Antonio, por insinuações de perfidos, se é bem

provada a seguinte pagina de Rebello da Silva :

« Os detractores não descansavam, porém, e a fim de offuscarem o animo do prior reproduziam as accusações, asseverando que Figueiredo principiava a vacillar, pintando-o inclinado aos jesuitas, contrafeito na lealdade, e disposto a restituir a liberdade aos presos politicos. Concluïam, por fim, que o corregedor se entendia secretamente com os castelhanos. D. Antonio, se não deu inteiro credito a estas vozes, tambem não cortou, como devia, os enredos pela raiz, e chamando Cypriano de Figueiredo para seu lado, feriu nos brios e no conceito o homem que acabava de lhe conservar a Terceira. Desconfiado e voluvel, facil em esquecer os serviços, mas lembrado e resentido dos agravos, justificou mesmo na desgraça em vários lances a nota de ingrato. Na pequena côrte de proscriptos, que o rodeava, só Diogo Botelho, alma de todos os conselhos, viveu exceptuado da desatenção com que feriu os portuguezes, que tinham sacrificado patria, bens e posição para o seguir. Faltou-lhe sempre a magnanimidade, realce do infortunio, porque tanto engrandece na prosperidade, como serve de quilate e de timbre na desgraça aos caracteres heroicos.

« Abrindo os ouvidos ás queixas contra Figueiredo, e preferindo para o substituir no

governo da ilha a Miguel da Silva, nomeado conde de Torres-Vedras, o pretensor, punido pela má escolha, praticou uma acção injusta, e commetteu um grande erro. As honras vãs, de que assim mesmo se não mostrou prodigo com Cypriano de Figueiredo, na idéa de lhe adoçar o que havia de cruel e de iniquo n'este golpe, não apagaram de certo no peito do honrado cavalleiro a nodoa de se vêr immolado á calunnia. Offendido na lealdade, e quasi injuriado publicamente pelo triumpho concedido aos adversarios, Figueiredo calou a afronta, e veio encerrar junto do principe, no desterro, a carreira, que abrira, abraçando uma causa vencida, e rejeitando as promessas de Philippe II, insinuadas pelo principe de Eboly <sup>1</sup>.»

Descreio que D. Antonio escutasse as intrigas, e afrouxasse na confiança do seu validissimo amigo. Na carta latina que escreveu a Gregorio XIII, em 1583, avalia d'esta maneira o defensor da Terceira: «...entre outros, está o egregio doutor em direito canonico imperial, integerrimo governador, em nome de el-rei D. Sebastião nas ilhas Terceiras; do qual, incorrupto a promessas e lisonjas para que entregasse as praças que lhe haviam sido confiadas, confiscou-lhe os bens como costuma, apossou-se d'el-

<sup>1</sup> *Historia de Portugal*, 1. c.

les; e, sem embargo este constantissimo fidalgo manteve o povo em sua fé e promessa e deveres, foi quem primeiro, n'estes nossos tempos, domou os castelhanos com gloriosa victoria, e grangeou nome de capitão e fidelissimo governador e tal soldado se mostrou aos inimigos que muito é reluzam n'elle a um tempo esplendor de letras e grandeza militar.

Acresce que Scipião de Figueiredo é, juntamente com Diogo Botelho, testamenteiro de D. Antonio, e mais que todos os seus amigos, recommendado á gratidão de seus filhos. O testemunho de Sebastião de Figueiredo, irmão do valente defensor da Terceira, insurge-se tambem contra a calumnia, nas memorias que sua neta, mad. de Sainctonge publicou: *Dom Antoine qui croïoit qu'il ne donneroit pas peu d'affaire a Philippe, s'il conservait ses Isles, ne pouvait se lasser de louer le courage de Scipion; il avait une si forte passion de le voir, qu'il eut l'imprudence de lui écrire de le venir trouver, pour se rejuir avec lui de sa victoire, et de laisser le soin de sou gouvernement à Manuel da Silva qu'il lui envoyoit qui etoit une personne de confiance. Voila ce qui fit croire à ceux qui ne jugent des choses que par les aparances que Dom Antoine se défiolt de lui...*<sup>1</sup>.

<sup>1</sup> *Histoire secrete de Dom Antoine roy de Portugal*, pag. 101.



Se é aceitavel o testemunho dos contemporaneos, alliviemos a memoria do prior do Crato d'esse imputado crime de ingratiidão ao homem que deixou, na carta a Philippe, o mais energico testemunho de patriotismo, n'aquella vergonhosa conjunctura em que tantissimos fidalgos chatinaram a consciencia.

. . .

Scipião de Figueiredo assistiu, em 1595, ao trespasse do quasi mendigo D. Antonio. Pobremente viviam todos os amigos que o rodeavam. A pensão que Henrique IV lhe esmolava deprehende-se qual seria da mobilia do prior do Crato, inventariada por sua morte<sup>1</sup>. Essa mesquinha pensão continuou-a o rei em beneficio dos filhos e amigos de D. Antonio, consoante a carta, enviada de Lião, a Scipião de Figueiredo:

*Seigneur Scipion de Figueredo, j'ay porté le regret que je devois de la mort de mon feu cousin le roi de Portugal, pour la perte que j'ay faite d'un bon amy, et je seray toujours aussi prompt á faire paraître á l'endroit de ses serviteurs, la bonne volonté que je lui por-*

<sup>1</sup> Veja tom. II das *Provas da Historia genealogica da real casa portugueza*, pag. 537 e seg.

tois; comme j'ay de déplaisir et de compassion de vôtre infortune; j'ay appris par vos lettres, qu'il vous a fait executeur de son testament, avec le sieur de Diogo Botheillo, il ne pouvoit faire un meilleur choix, car je m'assure que vous vous acquiterez fidèlement de ses dernières volontez.

J'écris á ceux de mon conseil des finances, de payer ce qui étoit du de la pension dudit roy, jusqu'à la fin de la presente année, dans lequel tems étant sur les lieux, je réglerai et ordonneray ce que je pourray faire à l'avenir pour mon cousin Dom Christolphe son fils, et auray à plaisir de gratifier tous ceux de sa famille en ce qui me sera possible, et vous en particulier, aux occasions qui se presenteront, priant Dieu, seigneur Scipion de Figueredo, qu'il vous ait en sa sainte et digne garde.

Écrit á Lion, le vingt de septembre, mil cinq cent quatre vingt quinze.

Transpira d'esta carta a bonissima alma de Henrique IV a favor de um principe que tragava as penurias a que não foi estranho o filho de Joanna d'Albret. Àquelle tempo ainda elle não era marido de Maria de Medicis, que lhe permittiu contar com o almoço seguro e um gibão sem remendos. Quem diria que tão nobre e querida alma se iria a Deus, quando o corpo se estorcía debaixo do punhal de Ravailac! Menos infeliz e menos

amado, morrêra tranquillamente o proscripto Antonio, graças a Henrique III que o defendeu do sicario duque de Mercœur, bisavô da rainha portugueza Maria Francisca Isabel de Saboya<sup>1</sup>.

Scipião despendeu com D. Antonio e seus filhos os bens que adquirira na governação da ilha Terceira.

Falla-se de um brilhante que o prior do Crato empenhára por quarenta mil libras, na mão de mr. du Harley Sancy, um dos mais pecuniosos fidalgos de Paris, de quem depois houve mais sessenta mil libras, por trespasse completo da joia (proximamente 18:000\$000 — o producto total do brilhante). A pedra preciosa era do neto d'el-rei D. Manoel ou de Scipião? Mad. de Sainctonge refere a passagem de modo que nos persuade ser do amigo de D. Antonio: *Scipion Vasconcelles de Figueredo avoit déjà vendu pour lui (D. Antonio) tout ce qu'il avoit apporté de son gouvernement, et avoit engagé un diamant d'un prix inestimable pour quarenta mille livres, à Monsieur de Sensy qui étoit si honnête-homme qu'il lui donna encore vingt-mille écus voyant qu'il n'étoit pas*

<sup>1</sup> Veja a *Lettre du roy Henry III au duc de Mercœur* (sic) a pag. 120 da *Histoire secreta de Dom Antoine*, por mad. de Sainctonge.

*en état de le retirer.* Parece dizer que o proprietario do diamante era Scipião de Figueiredo<sup>1</sup>. Esta pedra, considerada quanto aos quilates, o oitavo diamante conhecido, foi depois empenhada por du Sancy, em Metz. Um hebreu d'aquella cidade emprestou dinheiro para pagar aos suissos de Henrique III, revolucionados por falta de pagamento. O proprio du Sancy cahiu em apuros, por 1605, e vendeu a pedra a Sully que a comprou por 150:000 escudos em nome do rei. Não sei que mãos percorreu o diamante. Em 1870 foi vendido em Calcuttá, por ordem da princeza Demidoff, originaria da Russia, e aparentada com a familia Bonaparte<sup>2</sup>.

<sup>1</sup> Diversifica da primeira importancia da pedra a outra menor que lhe dá a escriptora franceza. Mr. Edouard Fournier extrahiu a noticia das *Memoires de l'Estoile* por Lenglet Dufresnoy. Veja *Un prétendant portugais au XVI<sup>me</sup> siecle*, par Edouard Fournier. Paris, 1852.

<sup>2</sup> Parece que D. Antonio já em Londres, no anno de 1582, empenhára ou vendera um brilhante de mais quilates. No *Museu Britannico, Bibliot. Cottoniana*, fol. 295. Nero, B. I. ha um diamante que o S. F. F. de la Figanière descreve assim :

«Carta, em inglez, do proprio punho de lord Burghley, dirigida á rainha Isabel, na qual, em conformidade das ordens que lhe haviam sido transmittidas pelo conde de Leicester, dá a sua opinião sobre o destino que deveria ter o grande diamante de D. Antonio (prior do Crato), o qual estava em poder do mes-

. . .

Em 1586, tinha Scipião comsigo em Paris um irmão de vinte e cinco annos, lá conhecido por D. Gomes de Vasconcellos, que por alli se andava estadeando a sua pobreza e inutilidade. Pediu Scipião a Catharina de Medicis que lhe empregasse o irmão no exercito do marechal de Brissac. A rainha-mãi escreveu a favor de *Sebastião de Gomes* a affectuosa carta que sua neta publica a pag. 162 da *Histoire secrete*, etc.

Poucos mais vestigios restam de Scipião de Figueiredo até 1601. N'este anno Maria de Medicis recommenda-o encarecidamente ao gran-duque de Toscana, por carta escripta de

mo conde, como penhor pelo dinheiro emprestado a D. Antonio por certos negociantes inglezes, que instavam muito pelos seus creditos, julgando lord Burghley, que, em attenção ao seu grande valor, seria conveniente que a rainha embolsasse os ditos negociantes, ficando com o diamante como penhor, da quantia emprestada, etc. Esta carta tem apenas indicado o anno de 1582. Consta de uma pagina. Lord Burghley pede desculpa da carta que envia á rainha por soffrer muito da perna, e haver-se-lhe exigido resposta immediata. Com effeito parece antes um borrão do que uma carta que se dirigia a uma soberana.»

A venda do outro diamante em Paris é posterior alguns annos.

Lion, em 10 de janeiro. Ahi lhe expõe que o seu protegido vai a Italia *pour aucunes siennes affaires*. Não é possivel rastrear os negocios particulares de Scipião em Italia. O pretendente era já morto desde 26 de agosto de 1595. Póde ser que o testamenteiro de D. Antonio ainda conspirasse a favor dos filhos.

Não sei se se demorou muito em Italia. Sabe-se que, na volta, foi morar nos arrabaldes de Paris em uma aldeia chamada *Les Fontaines*, perto de Lagny, d'onde ia a miudo visitar o filho de seu defunto amo, D. Christovam de Portugal, que vivia em Paris bastante descuidado dos seus interesses e honra<sup>1</sup>. Poucos annos viveu em *Les Fontaines* soccorrendo os portuguezes expatriados com a pensão que lhe dava o rei. Ahi morreu, depois de 1606, e foi sepultado no proximo mosteiro dos Agostinhos. O rei continuou a dar a pensão aos commensaes de Scipião, reservando em beneficio de D. Gomes seiscentas libras annuaes, uns 110,5000 reis pouco mais ou menos.

Ora este D. Gomes tem sua historia, longa e arrastada, porque morreu em idade de noventa e sete annos, reinando já em Portugal D. João IV.

<sup>1</sup> Em um dos proximos numeros darei noticia laboriosamente averiguada dos descendentes de D. Antonio.

Se o leitor pôde esforçar a sua paciencia, e dar-me relevante prova de que os estudos serios, grossos e profundos lhe são agradaveis, leia até ao fim o que eu lhe vou contar, muito pela rama, do irmão do heroe da Terceira.

. . .

D. Gomes, soldado valoroso e aventureiro, que expunha a vida na perspectiva da morte ou da fortuna, sahiu de uma das suas batalhas com uma perna quebrada e o rosto desfigurado por um gilvaz que lhe esbrucinára parte do nariz.

Quando se levantou curado das feridas, e se viu no espelho, trespassou-se-lhe a alma de tamanha paixão que esteve nos colmilhos da morte. *Il pensa mourir de chagrin de se voir si different de ce qu'il avoit été*—diz sua neta mad. de Saintonge.

A fealdade pungia-o tanto quanto elle era caroavel de damas, galanteador bemquisto, e famoso no bom successo das suas empresas amorosas.

Como allivio de seus males, alistou-se de novo na milicia de Luiz XIII. Affrontou a morte com desesperado menospreço de si mesmo, e vingou apenas ajuntar novas cicatrizes á gloria das outras, que o não resguardaram da pobreza nos tristes dias de nonagenario.

Voltando a Paris, foi acolhido por D. Christovão, filho do defunto prior do Crato, que o estimava em extremo.

Quando orçava pelos sessenta annos, Sebastião Gomes de Figueiredo, que tinha a maior no coração o que lhe minguava no nariz — orgão importante da cara humana, segundo a opinião do dictionarista Couto Guerreiro — apaixonou-se por uma menina parisiense, formosa, illustre e pobre, com a sobrecarga de espirituosa.

E casaram — o que foi mau; e tiveram tres filhos — que foi peor.

Dous morreram; a mãe tambem morreu aos dezoito annos de casada, deixando-lhe uma galante menina de quatorze annos, conhecida na boa sociedade por mademoiselle de Vasconcellos.

D. Gomes era pobre, e o futuro da filha torturava-lhe o coração paternal. A estas penas acresceu a da morte do seu amigo D. Christovão, em 1638, em cuja parcimoniosa mesa elle tinha certo o talher.

Porém, n'esta noite da desgraça alvorejou uma aurora de esperança.

Em 1640 foi aclamado rei portuguez. Sebastião Gomes, com bom fundamento, imaginou-se chamado á patria e reintegrado nos bens que Philippe II lhe confiscára.

Assim que chegou a Paris D. Francisco



de Mello, primeiro embaixador de D. João IV, Gomes de Vasconcellos apresentou-se-lhe. O embaixador abraçou o ancião, dizendo que não esperava encontrar n'este mundo um irmão do heroico Scipião de Figueiredo, cujo nome ainda soava em Portugal gloriosamente. Perguntou-lhe o velho se seria licito esperar que el-rei de Portugal lhe permittisse voltar á patria e apossar-se dos seus bens. Respondeu D. Francisco de Mello que era illicito duvidar da justiça e probidade d'el-rei. Grandes jubilos no seio d'aquella pobre familia!

Escreveu o embaixador para o reino aos seus amigos mais conjuntos do monarcha. Todos, á uma, lhe responderam que o rei faria justiça.

Pactuaram logo sahirem juntos para Portugal; mas como D. Francisco tivesse um filho enfermo, demorou-se; e, quando o filho convalescia, teve de seguir o rei de França a Compiègne, e deixou o filho entregue aos cuidados de Gomes de Vasconcellos.

O rapaz tinha vinte e dous annos, era até certo ponto aparvalhado, fôra educado portuguezmente, não tinha a minima pratica de sala, e não sabia palavra da lingua franceza.

Com o fim de o recrear nos desalentos da convalescença, Gomes de Figueiredo levou-lhe a casa a filha, que era bella, e mais algumas amigas de mademoiselle Vasconcellos — moças

garridas, buliçosas, desenxovalhadas, francezas desde as plumas até ao talão — cousas gentilmente satanicas que se pareciam tanto com as damas de Lisboa como elle com os estouvados de Paris.

Assim que lhe entraram ao quarto, o rapaz, que as não percebia, contemplou-as com a mais sincera cara de tolo, não obstante ser prevenido da visita. *Il ne laisse pas de paroître déconcerté* — diz mad. de Saintonge, a filha da gentil Vasconcellos — *elles en attribuerent la cause au peu d'habitude qu'il a voit de voir des femmes.*

Mas habituou-se logo; o amor ensinou-lhe tudo, sem excepção do francez. Por essa occasião lhe disse o velho:

— Este modo de viver francez deve ser estranho a um moço de paiz onde os homens não tem a menor convivencia com as senhoras.

— Gosto d'estes costumes! exclamou o rapaz.

De quem elle já gostava muito era da menina Vasconcellos; mas a paixão que o apañhou de salto não impediu que elle se mostrasse portuguez de lei, mandando pôr na mesa bocêtas de dôce nacional para regalar as meninas, e por signal que o avantajaram ás confeiteiras francezas: *bassins de confitures sèches beaucoup plus belles que celles qu'on fait en France* — diz a citada historiadora.

O convalescente deu logo alta, e transfigurou-se.

Bailes, merendas, passeios campestres, lyrisimo, conjugação dos verbos regulares e irregulares de parçaria com as pequenas, revelações, confidencias, leituras de novellas, etc. Em resumo, D. Francisco de Mello, quando voltou a Paris, não conhecia o filho, de gordo, de folgazão, de peraltice, e até d'uns vislumbres de poeta pelo ar provençal com que fallava das graças das francezas, e particularmente de mademoiselle Vasconcellos.

Amavam-se e projectavam voltar juntos e casados a Portugal. Assim o tinham decidido em sorrisos de mutua e louca felicidade n'um baile em que o moço, toda a noite, valsára com a noiva. *Mais il ne prevoioit pas que la France seroit son tombeau*, escreve a snr.<sup>a</sup> de Saintonge. Ao sahir d'esse baile, aconchegando do seio o ramilhete da adorada menina, constipou-se, e morreu de uma pleuresia seis dias depois.

Sobre este infortunio outro maior.

N'estes dias, appareceu em Paris um neto de D. Antonio, D. Luiz de Portugal. Este sujeito, que não degenerava dos vicios do avô e do pai, ainda, dous annos antes (1639) escrevêra uma carta a João Caramuel, defensor dos direitos de Castella ao throno portuguez, confessando a legitimidade de Philippe

III, e offerecendo o seu braço na defeza da usurpação. A carta corria impressa, já em Portugal era conhecida, e o leitor póde vê-la nas primeiras paginas do in-folio intitulado *Philippus Prudens*.

Pois não obstante este villanissimo testemunho da sua indignidade, ousou D. Luiz apresentar-se ao embaixador portuguez, encarregando-o de perguntar a D. João IV se poderia voltar á patria, e á posse dos bens de seus avós.

D. Francisco de Mello fez a pergunta a D. João IV que respondeu d'est'arte: « Perguntas d'essa natureza não se fazem. »

Mas, como D. João IV soubesse que Sebastião Gomes de Vasconcellos vivia amigavelmente com o neto de D. Antonio, recusou tambem recebê-lo em Portugal; e, quanto á restituição dos bens, disse que não podia tiral-os ás pessoas a quem Philippe II os dera, porque se considerava obrigado a premiar os filhos d'essas pessoas, dos quaes fôra bem servido na sua acclamação.

A resposta era infame porque não era sincera; e, ao mesmo tempo, injuriava os que haviam trahido a patria, recebendo como paga os bens dos Vasconcellos, e injuriava os filhos d'esses traidores que tambem atraíçoa-ram a casa de Hespanha que lhes enriquecera os avós e os paes.

Sebastião Gomes supportou corajosamente este golpe, que ainda não devia ser o ultimo. Um dos seus amigos mais valedores era um residente que D. João IV mandára a França: Manoel Fernandes Villa-Real. Aproveitemos a descripção de mad. Sainctonge qual ella ouvira de sua filha: *C'etoit un homme d'un agreable commerce; il n'avoit rien dans l'humeur de ceux de sa nation; son esprit étoit d'un caractere à le faire beaucoup d'amis; aussi tous les gens de qualité et de bon goût se faisoient un plaisir de le voir; on étoit charmé de son air ouvert et de ses manieres aisées; tous ses dehors étoient d'un parfaitement honnête homme et on ne pouvoit le connoître sans l'estimer*<sup>1</sup>.

Manoel Fernandes de Villa Real tinha casado em Rouen com a filha de um portuguez opulento, israelita, escapulido ao santo officio. O residente de D. João IV não era — diga-se verdade — mais sincero christão que seu sogro.

Em compensação era intelligentissimo. Tinha escripto, em defeza dos direitos de seu rei, o *Anti-Caramuel*, que o leitor conhece. Era poeta. Fazia versos francezes, que o leitor encontra em uma collecção de elegias á *Memoria da snr.<sup>a</sup> D. Maria de Athayde*. Como illustrado, ria-se dos sermões bordalengos do pa-

<sup>1</sup> *Obra cit.*, pag. 234 e seg.

dre Francisco de Santo Agostinho de Macedo, prégados nos pulpitos de Paris, com descredito nacional. Censurava as baixezas que o mesmo ex-frade praticava, agenciando dinheiros com torpes pretextos. Era um homem de bem, quanto pôde sê-lo um incircumciso, como o leitor e eu.

Quem o denunciára de judaisante para Portugal fôra o padre Macedo, attribuindo-lhe simultaneamente a redacção de uns papeis enviados ao cardeal Richelieu, e adversos a D. João IV.

De repente, é chamado Manoel Fernandes á presença do rei de Portugal. Contristou-se na hypothese de que ia ser substituído, depois de tão briosamente haver procedido no serviço d'el-rei. Os sustos de Sebastião Gomes anteviram mais negro desenlace. Aconselhou-o o ancião que não viesse a Portugal, pois era casado e rico em França, e tinha inimigos conjurados a perdê-lo.

Não o demoveram o amigo, a esposa e os filhos.

Partiu, quando Sebastião Gomes dizia á filha: «Elle se arrependerá; mas tarde.» Figueiredo sabia que o seu amigo era christão-novo; mas esta denominação terrível tanto lhe confragia a alma que nem á filha a denunciou.

D'ahi a pouco tempo, o novo residente, que

voltou a Paris, levou a triste nova de que Manoel Fernandes Villa-Real estava nos cárceres da inquisição processado como judeu, e não muito depois soube que o seu amigo fôra condemnado á morte de garrote, e queimado no dia 10 de outubro de 1652 <sup>1</sup>.

Alquebrado pela decrepidez, Sebastião Gomes ainda achou um amigo no residente que substituiria Manoel Fernandes.

Era aquelle Duarte Ribeiro de Macedo cujas cartas impressas o meu leitor illustrado conta em o numero dos seus mestres de bem escrever. Nos braços d'elle, e de sua filha — esposa de um cavalheiro illustre, pai da escriptora de Sainctonge — expirou o irmão do heroe da Terceira, aos noventa e sete annos de idade.

Que recordações revolteariam n'aquella alma! Que synopse de immensas angustias! Como veria elle desdobrarem-se noventa annos de recordações, desde a infancia de D. Sebastião, através da catastrophe de Alcacer, dos heroismos dos Açores, dos sessenta annos de esforços vãos contra a pobreza amparado

<sup>1</sup> A pag. 182 e seg. do romance intitulado *Olho de vidro* vem integralmente publicada a sentença da inquisição. Nos *Manuscriptos addicionaes* do Museu Britannico, n.º 15:170, fl. 243 v. ha um soneto de Manoel Fernandes Villa-Real escripto no carcere do santo officio. (Figanière, *Catalogo*, pag. 284).

pela honra do nome portuguez, e por fim... morrer alli, ás sopas de estranhos, porque D. João IV lhe dissera :

«Morre de fome, que eu não vou tirar os teus bens aos filhos dos que venderam a patria!»

## O NARIZ

Na poesia moderna tem adquirido bastante importancia o nariz.

E, posto que a época vá muito de idealismo, repara-se mais nas ventas que nas faculdades moraes dos personagens epicos.

É certo que o nariz tem servido para formar maximas e aphorismos no regimen social, na sciencia chamada *ethica*—sciencia de que ninguem falla desde que a educação da mocidade passou a *tisica* com apparencias de *hydropica*.

Tudo esdruxulo.

Do nariz inferiram os observadores certos signaes de qualidades do espirito, e formaram anexins e regras que ainda vigoram, e já vem dos gregos, os quaes tambem tiveram nariz — (*nira*), por anagramma *nari*.



Em portuguez, ha muito proloquio sobre nariz e ventas.

Camões, querendo indicar a alegria na rubidez de um nariz a reçumar bom sangue agitado pelo jubilo, cantou em termos altos:

*Tem vermelho o sangue do nariz.*

«Ter cabellos na venta».

«Dar com as ventas n'um sedeiro».

«Não vêr um palmo adiante do nariz».

Conhecem tudo isto.

«Nariz de cêra» — a musa dos tribunos, a inspiração dos pré-gadores, a rhetorica dos romancistas.

«Senhor do seu nariz». Nem sempre. Às vezes os poetas fazem-nol-o propriedade sua.

«Nariz de palmo e meio» — imagem que exprime a embaçadella — ou, á franceza — o desapontamento. Exemplo: o leitor, no fim d'este bonito trabalho.

«Chegar-lhe a mostarda ao nariz», etc.

O cão tambem collabora nasalmente n'estas analogias: «É sebo em nariz de cão».

∴

Em cima, disse eu que o nariz tem adquirido bastante importancia na poesia moderna.

Justifica-me um brilhante livro, que está no coronal das modernas publicações.

É *A morte de D. João*, do snr. Guerra Junqueiro, uma verdadeira flôr entre os espinheiros da nossa charneca litteraria.

D. João viu, em sonho, os phantasmas das mulheres que desgraçára. Algumas

*... que foram lirios juvenis,  
Já carcomidas pelas larvas frias,  
Caminhavam sem olhos, sem nariz.*

Reduzido a miseravel histrião e cornaca de ursos e dromedarios, D. João

*Possuia um nariz vermelho, incendiado.*

Não era de certo *o nariz vermelho*, acceso pelo jubilo, de que falla o Camões.

Mais abaixo, o mesmo D. João, no deplorativo dizer do snr. Guerra Junqueiro,

*Cheirava muito a alho  
E tinha no nariz verrugas biliosas.*

Elle mesmo, o escalavrado amante de Imperia, exclama:

*Tornou-se-me o nariz esqualido purpureo  
Por causa das paixões e do ultra-romantismo.*

Faz pena o diabo do homem!

E, para fecho de desgraça, quando está nas ultimas,

*O seu nariz purpureo  
É uma esponja de carne a distillar mercurio.*

Por onde se vê que a poesia moderna tira grande partido do nariz, já cortando-o, já alongando-o, umas vezes enverrugando-o, outras vezes esponjando mercurio d'elle, consoante lhe convém.

Não é completamente novo isto.

Em Portugal houve sempre esta mania de fazer litteratura nas ventas das pessoas dotadas d'esse orgão com saliencias extraordinarias.

No fim do seculo XVII, galhardeavam grandemente os poetas n'esse genero. Eu, entre os meus papeis, tenho um poema consagrado a um nariz, em que não havia verrugas nem azougue; mas sim uma grandeza magestosa e limpa. Veja o leitor se acha graça a isto:

### A UM NARIZ GRANDE

Tratava de encarecer-vos;  
porém logo (ó caso estranho!)  
vos achei, nariz, tamanho,  
que não pude comprehender-vos.

Que sois nariz tão fatal  
em ser comprido, e ser grosso,  
que n'um reconeavo vosso  
se escondeu um arraial.

Alguem vos chama infinito;  
mas eu, que em razão me fundo,  
as quatro partes do mundo  
sei que são vosso districto.

Pareceis cá baluarte  
dos chinas, bem que o venceis,  
e com Deus vos pareceis,  
porque estaes em toda a parte.

E um velho da Saxonia  
diz vos viu mui grande espaço  
servir, nariz, de compasso  
da torre de Babylonia.

Mas affirma quem se humana  
mais nas vossas maravilhas,  
que tendes as trinta milhas  
da ponte do Guadiana.

Que sejaes, senhor nariz  
tão comprido e tão fatal,  
que já cá de Portugal  
cheiraes na Arabia Feliz.

Que sois o farol do Egypto  
que toma de mar a mar,  
se se póde comparar  
finito com infinito.

E jurou certo moderno  
(não diga elle algum desmancho)  
que podeis servir de gancho  
que tire as almas do inferno.

E que, se nos horisontes,  
nariz, vós nascereis d'antes,  
escusaram os gigantes  
de pôr montes sobre montes.

Bem podeis, senhor nariz,  
estar onde mais quizerdes ;  
mas, se ao sol vos pozerdes,  
fareis logo ser sol-criz.

A vós, nariz, o gran monte  
do Parnaso se assemelha ;  
pareceis arco da velha  
que toma todo o horisonte.

E dizem quatro juizes,  
segundo a sentença diz,  
que tiram de vós, nariz,  
a massa dos mais narizes.

Inda que estar queiraes só,  
vos verão, em que vos pez,  
que tamanho Deus vos fez  
como a escada de Jacob.

E assenta certo moderno,  
no que acerta, quanto a mim,  
que sois sem principio e fim,  
e que sois, nariz, eterno.

Ao arraial do Maluco  
daes n'uma venta estalagem ;  
e podereis dar passagem  
de Lisboa a Pernambuco.

Para que el-rei se desvela ?  
Se el-rei quer estar seguro,  
ponha-vos, nariz, por muro  
entre este reino, e Castella.

A vós só, nariz, se deu  
pena eterna, e gosto eterno ;  
que tendes posto no inferno  
um pedaço, outro no céo.

Ha no mundo narigote,  
ha nariz, e narigão,  
houve nariz de Sansão,  
e nariz de D. Quixote.

Sois nariz archi-potente,  
porque só vós assombraes  
do Occidente, onde estaes,  
os narizes do Oriente.

D'onde, nariz, presumi  
chamar-vos gran narigão ;  
porque sei que ha ahi gran Cão,  
que ha gran turco, e gran Sophi.

Se não se póde alcançar  
nunca a medida do mundo,  
nem nunca ao mar se achou fundo,  
vós, nariz, sois mundo e mar.

Parece, quando espirraes,  
(cousa para o mundo nova !)  
Eolo que sahe da cova  
com todos os ventos mais.

Eras bom n'uma fronteira ;  
que d'essas ventas o vento  
é pelouro mais violento,  
que de bombardas, e roqueira.

Outros, encontrando a fé,  
dizem atrevidamente  
que em vós se salvou mais gente  
que na arca de Noé.

E em fim sois, porque conclua,  
nariz tão mal ensinado,  
que vos viram cavalgado  
então nos cornos da lua.

Do sol dizem que enfiava ;  
da lua, que então gemia ;  
e do céo, que estremecia  
co'o peso que sustentava.

Sois mór que a serra da Estrella ;  
porque eu vi por uma venta  
vossa, na maior tormenta,  
passar um navio á vela.

Esse rosto deshumano  
onde pôr-vos o céo quiz,  
chama-se cento-nariz,  
como o outro centimano.

E de quem n'elle vos pôz  
saber me dera gran gosto,  
se andaes vós, nariz, no rosto,  
ou se o rosto anda em vós.

Bem que o rosto é cousa rara  
de maneira que só diz  
tal cara com tal nariz  
e tal nariz com tal cara.

Da limpeza foreis centro,  
se vós deixareis entrar  
cem mil homens, a limpar  
as furnas, que lá vão dentro.

Mas ser sujo não me espanto ;  
pois jámais vos assoastes,  
nariz, porque não achastes,  
linho que abrangesse a tanto.

Para a India uma nau ia,  
eis que um peixe se levanta  
no mar, de grandeza tanta,  
que a nau á vela cobria.

Eram tudo paroxismos  
na nau, tudo estremecer,  
quando lhe mandam fazer  
por um padre os exorcismos.

Mandou-lhe n'este comenos  
o bom padre, que a nau deixe,  
e o que eriam que era peixe,  
era o demo, quando menos.

Entrou-me no pensamento  
mandar-vos exorcismar,  
sómente por alcançar  
se sois nariz, se portento.

Que nariz não pareceis ;  
e, pelo rosto em que estaes,  
a nariz assemelhaes,  
e no rosto não cabeis.

Salvo, nariz, se sois tal,  
e de tão má condição,  
que ides comer ao Japão,  
e purgaes em Portugal.

*Etc. etc.*

Posto isto, em quanto o leitor boceja nos preliminares de um agradavel somno, apresso-me a dizer-lhe que não está no meu animo detrahir nem menoscabar a seita poetica, a hoste da Idéa Nova em que o snr. Guerra é o alferes da bandeira. Gosto do nariz de D. João; e, quanto ás verrugas biliosas e á distillação de *licôr de Van-Svieten*, prefiro estes narizes pôdres das pessoas afflictas aos narizes de cêra dos litteratos.



## JOÃO BAPTISTA GOMES

Conhecem perfeitamente o famoso author da *Nova Castro*.

Seria opprobrio desconhecerem o poeta portuense, honrado na Allemanha ha trinta annos, desde que Alexandre Wittich traduziu a tragedia de Ignez.

João Baptista Gomes, filho de outro de igual nome e appellido, foi guarda-livros no Porto. Casou com uma formosa menina, D. Anna Benedicta Gomes. Morreu na flôr da idade em 20 de dezembro de 1803. Nos braços da sua viuva — que contava vinte e quatro annos — deixou uma menina, D. Thereza Benedicta que veio a ser esposa do dr. José Machado de Abreu, que morreu barão de S. Thiago de Lordello.

A viuva do poeta falleceu em 1844, aos sessenta e seis annos de idade. A bisneta do author da *Nova Castro*, D. Maria Ismenia de Abreu, ainda vive, casada com o snr. Guilherme Francisco de Almeida e Silva, coronel de cavallaria. O dr. José Machado de Abreu, reitor da universidade e barão de S. Thiago

de Lordello, contrahiú segundas nupcias. A exc.<sup>ma</sup> baroneza, que enviuvou na flôr dos annos, casou com o snr. conselheiro Adriano de Abreu Cardoso Machado, tão notavelmente respeitado nas boas letras, como na politica militante, á qual não chamo tambem *boa*, para me forrar a contendas com os que militam na politica diversa.

João Baptista Gomes, ainda em fevereiro do anno em que morreu, levado de generosa inspiração, escreveu um *Elogio aos cidadãos do Porto*, concorrentes a um beneficio destinado a suavisar a desgraça dos presos. Foi o *Elogio* recitado no real treatro do Principe na noite de 16 de fevereiro de 1803. Esta poesia inedita não é talvez a unica reliquia desconhecida d'aquella forte, dado que inculta intelligencia, da qual Garrett escreveu: *Atalhou-o a morte em tão illustre carreira, e deixou orphão o theatro portuguez, que de tamanho talento esperava reforma e abastança*. Por ventura, no espolio de sua viuva, se encontrariam as paginas soltas da historia dos seus reciprocos amores, e, talvez, as fatidicas tristezas da morte que empeceu ao desabotoar das vergontas d'aquella poderosa phantasia. Como quer que seja, desde que João Baptista Gomes se extinguiu, raras vezes as honras posthumas lhe enverdeceram a gloria na lembrança dos vivos, nem alguém se lembrou de

lhe estremar os ossos sepultados na igreja de S. Francisco.

No *Elogio* aos portuenses, ha versos de profundo sentimento, de elevado conceito, e dos mais condimentados com as especies arcaicas d'aquelle tempo.

Queiram-lhe bem os portuenses ao seu poeta, e inscrevam mais este nome no numero dos que, depois de cantarem duas ou tres primaveras, quebraram a lyra na pedra do sepulcro. Que mysterio haverá n'esta ceifa da morte, n'este golfão que tantos cerebros grandes e ardentes dissolve na leiva dos cemiterios? — Coelho Lousada, Evaristo Basto, Soares de Passos, Arnaldo Gama, Ernesto Pinto de Almeida, Guilherme Gomes Coelho, e ainda hontem o maximo entre os melhores, Guilherme Braga!...

..

João Baptista Gomes, dez mezes antes de se arrancar não sei se ás alegrias, se ás amarguras da existencia, pedia esmola para os encarcerados, e deixava aos seus portuenses talvez os derradeiros sons da sua harpa.

Dizia assim :

Louvores á virtude aos céos aprazem :  
 Nas aras da verdade puro incenso  
 Respeitosa tribute a humanidade  
 A quem da humanidade os males pungem,  
 A quem aos males da indigencia acóde ;  
 Com piedosa mão, mão generosa,  
 Da macilenta face ao desgraçado  
 O pranto enxuga, que a penuria arranca.  
 Sensíveis cidadãos, porção mimosa,  
 D'alta prole de Luso esmalte, e gloria,  
 Meus hymnos relevai, que aos vates cumpre  
 Honrar a quem dá honra á especie humana :  
 Beneficas acções, que almas transportam,  
 Por desafogo d'alma applausos pedem.  
 Na sinuosa habitação do crime,  
 Nas pavorosas, lobregas masmorras,  
 Onde fome, e nudez (oh dôr !) outr'ora,  
 As miserandas victimas ralavam :  
 Onde o estridor horrisono dos ferros,  
 D'imprecações, de pragas, de blasphemias  
 Era, não sem razão, acompanhado ;  
 Alli onde animados esqueletos  
 Bradavam pelo jus, que á vida tinham,  
 Em quanto justo oraculo de Themis  
 Castigo aos crimes seus não arbitrava ;  
 E os descarnados braços, d'entre os ferros  
 Famintos estendendo as mãos escassas,  
 Com lamentosa voz, parco alimento,  
 Quasi desfallecendo em vão pediam ;  
 Alli, onde impio throno a morte alçára,  
 Tem agora seu throno a humanidade.  
 Amavel, divinal beneficencia,  
 Dos céos emanação, innata ao homem,  
 Lei filha da razão, que a natureza  
 Indelevel gravou no peito humano !

Só tu fazes heroes, só tu distingues  
Os entes racionaes das brutas feras.  
Cobreste, ó natureza, os teus direitos,  
Desaffrontada estás. Exulta, ó patria!  
Na estancia destinada ao crime, á infamia,  
Inconcusso padrão teus beneficios  
Fabricado já tem á gloria tua.  
Os carceres contempla, e goza o fructo  
Das acções, que praticas generosa,  
Em louvores trocadas as blasphemias ;  
Co'a justiça abraçada a humanidade ;  
Abundancia frugal alenta os tristes,  
Que inerte esquecimento abandonára  
Nas garras da penuria, e dos flagicios :  
Como se não bastasse aos desgraçados  
Do crime o peso, o peso dos remorsos,  
Da justa punição a idéa horrivel !  
Quem ha que delinquente ser não possa ?  
E ha de auxilio negar-se aos delinquentes ?  
Os culpados não deixam de ser homens :  
E á compaixão dos homens tem direito,  
Compaixão, não esteril, prestadia.  
A bem da humanidade taes dictames  
Leu em seu coração heroe prestante ;  
De honrosa instituição motor ditoso,  
Com seu sopro accendeu piedoso incendio  
Em corações dispostos á piedade :  
Liberaes á porfia generosos,  
Sobeja caridade exercem todos.  
Oh dadiva do céo ! alma sublime,  
Que recto, imparcial punindo os crimes  
Pranteias compassivo os criminosos,  
E ao culpado infeliz auxilio prestas,  
Aligeiras seu mal, a mão lhe estendes,  
Que invergavel d'Astrea a vara empunha,  
Illustre... Mas que faço ? o teu preceito,  
Tua nobre modestia me prohi

Teu nome proferir porém debalde :  
 Mesmo entre ferros o profere o afflicto,  
 Que de lisonja vil não é suspeito ;  
 Perenne gratidão aos astros manda  
 O nome teu, que impresso em nossos peitos,  
 Transmittido será de paes a filhos!...  
 Mais quizera dizer ; dissera pouco  
 Por muito, e muito, que dizer podesse :  
 Custa ao vate conter d'alma os transportes :  
 Mas silencio m'impões, silencio guardo.

## AUTO DA FÉ... A RIR

O meu benevolente mestre e amigo, o snr. Innocencio Francisco da Silva, alludindo ao que se escreveu no n.º 10 das *Noites de insomnia*, a respeito do infeliz e talentoso José Anastacio da Cunha, diz-me o seguinte: *A proposito, occorreu-me offerecer-lhe o papel junto, copia de outro que possuo ha bons quarenta annos. É uma noticia assás circumstanciada e divertida do auto da fé, em que sahiram penitenciados o mallogrado professor da universidade e seus companheiros. Se acaso v. entender que a narrativa agradará a alguns leitores das NOITES, póde dar-lhe ahi as honras da publicidade, etc.*

Segue o curioso papel que, a meu vêr, é a photographia das cousas e das pessoas d'quelle tempo, avultando á primeira luz do painel o cardeal da Cunha, inquisidor geral :

Noticia presencial do auto da fé a que presidiu o cardeal da Cunha em 11 de outubro de 1778.

«Meu pai tinha grangeado, não sei como, a amizade, e era muito da obrigação d'esse cardeal inquisidor geral, que na vespera do auto da fé, em que sahiu José Anastacio com os outros seus companheiros, veio a nossa casa e recommendou a meu pai, que ao outro dia, *para boa doutrina e exemplo*, mandasse seu filho assistir a esse acto de religião: «*venha o rapaz* (disse o tonto); *venha cedo; que almoçará commigo, e depois tambem lhe darei de jantar.*» Assim m'ô encommendou o meu velho, quando n'esse dia me recolhi a casa, e não tive eu mais remedio senão apresentar-me ao outro dia na casa triste, aonde cheguei a tempo de vêr levantar-se da cama o alarve do inquisidor, que enceroulou os seus calções largos, e esfregando os olhos, bocejando, e fa-

zendo cruces na bocca, me levou para a mesa do almoço, que nos foi servido de café com leite e as torradas competentes. D'ahi abalamos para a capella da inquisição, aonde foi a minha boa fortuna o ficar assentado junto a um frade de S. Domingos, homem com menos de meia idade, mas de juizo inteiro, segundo o mostrou no discreto e gracioso motejo, que fez de quanto se passou n'aquella santa e religiosa feira da ladra. Tivemos missa inteira, e depois tivemos sermão, que bem fôra o ter sido partido por todos os dias do anno, por o muito que nos enfadou com um sem numero de sandices o prégador. Quando as este vasa-va do sagrado almofariz, não escapavam ellas ao meu visinho, que para mim se voltava, dizendo admirado: «*arre! e como é eloquente o prégador!*» E tambem, quando ao lêr da sentença, os réos, segundo o chavão e formulario do santo officio, foram alcunhados de deistas, atheistas, herejes, scismaticos, etc., o bom do meu visinho, pondo os olhos no céu com grande compunção, dizia: «*Jesus Maria! Que gente tão ruim!... Atheistas e deistas ao mesmo tempo!... E ainda com mais o tram-bolho de herejes e scismaticos!... Valha-nos Deus com tantos peccados!*» Todavia, a gravidade e recolhimento discreto desamparou a esse bom frade, assim como a maior parte da companhia, quando se leu a sentença, havendo



por intervallos uma assuada geral de gargalhadas, rompida por os fidalgos, que assistiam de familiares. Quem não havia rir? Entre os cargos, que se faziam aos réos, entrava o de que nos dias d'abstinencia deitavam postas de vacca em baldes d'agua, d'onde tiravam a carne com um gancho, e a chamavam *pescada*, que mandavam guisar para o jantar! Entre os mais graves capitulos era o que se fazia ao réo João Manoel d'Abreu, o qual, perguntado — qual tinha por mais violento, o fogo do inferno ou o do purgatorio? Respondeu: *O do purgatorio*. E instado por a razão de o julgar assim, tornou a responder: *porque o do purgatorio, além de queimar as almas, tem a força de aquecer as panellas de tantos mil frades e clerigos, que d'ahi vivem*. Sonora gargalhada, que retumbou por toda a capella, com grande escandalo dos *padres tristes*.

José Anastacio, com todos os mais penitenciados, tinham velas de côr amarella nas mãos <sup>1</sup>; estavam todos com o semblante car-

<sup>1</sup> A côr amarella é de reprovação, e a usavam os inquisidores nas velas e sambenitos dos penitenciados, talvez por ser d'essa côr a tunica, que sempre em todas as pinturas se dá a Judas traidor, assim como n'ellas a S. João sempre se deu a tunica verde. D'ahi vem talvez a côr das fitas e capellos na faculdade de medicina, a qual era antigamente a menos nobre das faculdades em a nossa universidade, e por isso segui-

regado e melancolico, senão o major de rartilheria de Valença, que se estava sorrindo; e, acontecendo pôr os olhos nos d'um conhecido seu, logo lhe fez uma cortezia com o brandão de cêra, por o modo, que o fazia com a espada, se estivesse mandando uma parada. Emfim, acabou-se a farça; sahiram d'ahi os penitenciados para os lugares de suas reclusões, e nós para o abundante jantar, que nos deu o cardeal. Quando assentados á mesa, voltou-se elle para mim, e começou a me admoestar por esta maneira: *Então, snr. V... viu vm.<sup>ce</sup> a piedade e misericordia da santa inquisição? Veja como deu castigo brando a tamanhas culpas! Porém, isso foi por a primeira vez; que se tornarem a delinquir, não hão de ficar assim.* A isto respondi eu — que me parecia deviam os penitenciados ser mais d'uma vez perdoados; porque, perguntando Pedro a seu divino Mestre, quantas vezes se havia perdoar ao peccador; se deveria ser até sete

da, por a mór parte dos que o povo infamava com o titulo de *christãos-novos*. Todavia, já nós conhecemos época, em que a côr amarella andou mais em moda, que a de purpura, e foi em França, legisladora de modas e vestidos; pois quando ahi nasceu por 1811 ou 1812 um filho a Bonaparte, foi tão geral em todos a alegria, que para solemnisar tão feliz acontecimento, todas as senhoras trajavam de côr do excremento do menino. Oh francezes!...

vezes, Christo lhe respondera: *não só sete vezes, mas sete vezes setenta; pelo que (continuei eu) multiplique v. exc.<sup>a</sup> sete por setenta, ou 70 por 7, e achará a conta de 490 vezes, que se deve perdoar ao peccador, e d'ahi se a inquisição quizer seguir a doutrina da Escriptura, ainda aos que foram agora penitenciados se deve 489 vezes o perdão.* A este tempo estava um dominicano, frei José da Rocha, grande valido do cardeal, por traz d'elle, fazendo-me signaes para que não continuasse o discurso; e para esse frade, como para arbitro e qualificador, se voltou o cardeal: *hui! oh frei José! Aquillo que diz este rapaz vem lá na Escriptura?* Depois d'algum empacho, respondeu o frade: *Isso lá vem por algum modo, como v. exc.<sup>a</sup> sabe melhor do que eu; mas, para que é agora acarretar a Escriptura para o jantar? O que se agora ha mister é refeição corporal, e não espiritual.* Ficou com a decisão um pouco turbado o cardeal, mas logo, dando maior pinote, poz termo á questão dizendo: *Pois se isso vem lá na Escriptura, nós cá é outra cousa.* E como isto disse, foi entrando pela sopa.»



BIBLIOTHECA DE ALGIBEIRA

---

# NOITES DE INSOMNIA

OFFERECIDAS

A QUEM NÃO PÓDE DORMIR

POR

Camillo Castello Branco

---

PUBLICAÇÃO MENSAL

---

N.º 12 — DEZEMBRO

---

LIVRARIA INTERNACIONAL

DE

ERNESTO CHARDRON

96, Largo dos Clerigos, 98

PORTO

EUGENIO CHARDRON

4, Largo de S. Francisco, 4

BRAGA

---

1874

---

PORTO

TYPOGRAPHIA DE ANTONIO JOSÉ DA SILVA TEIXEIRA

62, Rua da Cancellia Velha, 62

—  
1874

BIBLIOTHECA DE ALGIBEIRA

---

# NOITES DE INSOMNIA

---

## SUMMARIO

O que eram frades — Quem desterrou José de Seabra da Silva? — D. João 4.<sup>o</sup> e as regateiras — Fielding — Mania e bypochondria — Aos diplomatas descontentes — Bibliographia — O ultimo carrasco, pelo exc.<sup>mo</sup> sur. visconde de Ouguella — O horror da demencia — Prestauração de um documento historico valioso — A dança — Fim.





## O QUE ERAM FRADES

Houve-os de santa vida, que prégarão o evangelho dos bons exemplos, e deixaram na terra vestígios do martyrio — o grande martyrio do coração abafado e morto na estamemha do habito; e d'esses alguns deixaram livros divinos, desde o pensamento até á linguagem. Ganharam assim duas eternidades luzentissimas: a do seio de Deus, e a benção dos que, n'este mundo tão outro e tão estrondeado do caboucar do progresso, alta noite, os estudam á lampada solitaria do seu ermosinho, onde sorri a paz, porque a inveja lá não entra.

Houve-os, tambem, frades funestos que escavaram com pulso sacrilego a sepultura dos bons no atascadeiro da politica; e a politica, na hora em que pôde arpoal-os, na torrente dos seus enxurros, atirou-os, bons e maus, ao monturo das instituições podres e pestilenciosas.

O descredito das ordens monasticas é quasi coevo da sua instituição. Os santos padres, os concilios, as communas, os poderes civis lavraram desde os primeiros seculos protestos formidaveis contra as religiões alheias do primitivo espirito do seu instituto. Á volta do seculo XVII, os mosteiros em Portugal, desatados do vinculo da humildade, e cegos da sua opulencia e authoridade no animo dos principes, haviam tocado o cairel da voragem. E logo que, depois da perda de D. Sebastião, a guerra civil fermentou nos bandos faccionarios dos pretendentes ao throno, e a corôa resvalou da frente do cardeal-rei, a fradaria sahio dos seus cenobios, e saltou para as praças e arraiaes arrancando a espada do talabarte que cingia o habito.

Reportando-se aos indisciplinados frades d'esse tempo, referem as historias que, no anno 1580, se passou um escandaloso motim no mosteiro dos Jeronymos de Belem. Rebello da Silva repete assim o caso com as particularidades noticiadas por *Conestagio*:

«Os monges do mosteiro de Belem, da ordem de S. Jeronymo, vendo o reino sem monarcha, as justiças sem respeito, e os abusos sem castigo, intentaram tambem prevalecer-se da desgraça do tempo para vingarem antigas queixas.

«Usando dos poderes de principe e da auctoridade ecclesiastica de legado pontificio, e violando a regra e observancia monastica, o cardeal D. Henrique tinha arrogado a si a nomeação dos prelados da casa. Pareceu apropriada aos padres a conjunctura para sacudirem o jugo; e juntos em communidade foram bater á porta da cella de fr. Manoel de Evora, que exercia as funcções de provincial. Abriu-lhes, sobresaltou-se, e acabou de cahir das nuvens, quando lhe disseram que se demittisse logo, porque não tendo sido eleito em capitulo, era nulla a sua jurisdicção, competendo-lhes a elles prover, e designarem por suffragio quem os havia de governar.

«Resistiu; altercaram; lançou-lhes em rosto a demasia e a desobediencia, clamaram; negou-se positivamente a consentir, e viu-se de repente maltratado das mãos dos subditos, preso e encarcerado em um celleiro.

«Achou modo de avisar os parentes, uniram-se e supplicaram ao nuncio, Alexandre Frumento, que se interpozesse, obrigando os frades a soltarem e reconhecerem o seu prelado.

«Responderam com soberba, que o nuncio não era seu juiz. Foi necessario recorrer ao braço secular. Informados de motim tão escandaloso e offensivo da humildade religiosa ás abas da capital, os governadores do reino

mandaram aos ministros da cidade, que fossem executar a sentença apostolica acompanhados de tres bandeiras de soldados.

«A resistencia dos padres não diminuiu. Cerraram as portas do mosteiro, deixaram as da igreja abertas, e de dentro das grades do côro na capella-mór respondiam, cantando os officios divinos, ás advertencias e admoestações dos magistrados.

«Por fim a paciencia exauriu-se; a tropa entrou no templo, e arrombou a grade do côro, que era de pau. Seguiu-se um verdadeiro alvoroço; os guardas forcejando por prender os monges; estes esquivando-se em tropel, ou a um e um, e oppondo as armas espirituaes ás temporaes, bullas, crucifixos, ceriaes, tocheiros, monitorias e excommunhões ao pulso vigoroso dos perseguidores.

«A final, cercados e rendidos, foram quasi arrastados em triumpho pelos vencedores ao celleiro aonde jazia o provincial captivo, e para maior desgosto tiveram de lhe beijar a mão em publico e de ajoelhar aos seus pés como subditos arrependidos. Entretanto não se submeteram sem o protesto de que cediam constrangidos pela força, e de que appellariam do nuncio de Roma.»

Até aqui o distincto historiador.

Porém, outras causas que vou contar mo-

tivaram a insurreição dos monges contra o seu prelado.

Eu não me assombrarei se o leitor me atalhar o entusiasmo, com que pretendo illustrar-o, dizendo-me no arrugar da sobrançelha que se dispensa de saber profundamente as causas que amotinaram uns frades ha duzentos e noventa e quatro annos. Todavia, em menoscabo dos meus creditos de escriptor futil, insto no esclarecimento d'este episodio de abastardamento do heroico Portugal, que Luiz de Camões cantára.

O documento, que vou publicar e nos alumia o escuro caso, nunca esteve em mão dos que escreveram a historia.

D. Christovão de Moura não perdia lango de remover estorvos á usurpação de Philippe II. Acudia prompto com a corrupção onde quer que palpitasse coração portuguez. Se a peçonha do ouro não vingava ulcerar as consciencias, empregava a persuasão dos direitos de Philippe, mediante a eloquencia de jurisconsultos castelhanos e nacionaes.

Sabia o confidente do rei de Hespanha que a maioria dos mosteiros pendia ao duque de Bragança, ou ao prior do Crato; e, entre os mosteiros mais temiveis na propaganda a favor de monarcha portuguez, estremava-se, quando o cardeal-rei falleceu, o convento de Belem.

Urgia-lhe, pois, influir no espirito d'aquelles monges com a eloquencia de varões authorisados, que submettessem á lei e á justiça as demasias peccaminosas de um patriotismo incongruente com a legitima soberania.

Vieram de Castella dous frades bem apropiados ao intento; e, como fossem da mesma ordem, hospedaram-se em Belem.

O cardeal D. Henrique morrera no ultimo de janeiro de 1580, e já a 10 de fevereiro os dous frades castelhanos colhiam na rêde da sua rhetorica o cardume das consciencias dos frades Jeronymos, a occultas do prelado fr. Manoel de Evora, cujo affecto aos Braganças era inflexivel.

Não obstante o segredo com que os commissarios de D. Christovão de Moura corrompiam o mosteiro, fr. Manoel de Evora deu tento da perfidia, e intimou a sahida aos frades forasteiros. Não lhe obedeceram, animados á rebeldia pela contumaz defeza da communiidade. O prelado desobedecido deu conta do estranho successo aos governadores do reino, que demoravam em Almeirim. Os cinco governadores, eleitos pelo defunto cardeal, immediatamente ordenaram a expulsão dos dous monges castelhanos, em um aviso que eu possuo autographo, escripto por mão do arcebispo de Lisboa, e assignado pelos seus quatro collegas D. João Mascarenhas, Francisco de Sá, D. João

Tello de Menezes, e Diogo Lopes de Sousa.

A carta é do seguinte theor. Nem lhe altero a orthographia nem a parcimonia da pontuação:

*Os guovernadores e defensores destes Reynos e senhorios. fazemos saber a vos Reverendo padre presidente do conuento de nossa sôra de Belem da ordẽ de saõ Jeronimo, que a ese conuento saõ cheguados dous frades da vosa orde castilhanos, e pello que delles se tem entendido e do seu yntento, naõ conuem á quietação destes Reynos estarẽ n'elles, pello que tanto que vos esta for dada lhes mandareys cõ obediência, ou da maneira que vos parecer, e isto mais eficazmente se possa conseguir que dentro em dois dias se sayað fora da cidade e seu termo, e dentro de oyto se sayað fora do Reyno, porque naõ o fazendo e sendo n'elle achados seraõ castigados como merecerẽ, e avisareis a todas as cassas da vossa ordẽ que yndo a elas ter estes frades com tenção de fazer mays detença que os ditos oyto dias os naõ recolhãõ nem aguasalhẽ e o fação a saber ao corregedor da comarca ou juiz de fora do lugar omde estiverẽ para niso proceder da maneira que o poder fazer e que volo faça loguo a saber, de que tambem nos avysareis e do mays que delles tiuerdes emtendido por que asy conuẽ. Scryta em almeirij a 16 de fevereiro de 580.*

*Arcebispo de Lisboa. D. João Mascarenhas.  
Francisco de Sá. D. João Tello de Menezes.  
Diogo Lopes de Souza*<sup>1</sup>.

Tirantes o arcebispo e D. João Tello de Menezes, os governadores signatarios d'esta ordem, poucos mezes depois eram escravos submissos de Christovão de Moura; ainda assim, é justo presumir que em fevereiro de 1580, expedindo tão severa ordem contra os emissarios de Philippe II, mantinham ainda a honrada energia digna d'aquelle D. João de Mascarenhas — o defensor de Dio!

Como quer que fosse, a ordem da regencia transmittida pelo prelado aos seus conventuaes, produziu a rebellião descripta por Rebello da Silva, de pag. 361 a 363 do tomo II da *Historia de Portugal*. Se o leitor quizer marginar o seu exemplar com o resumo d'es-

<sup>1</sup> Não sou exacto no traslado das assignaturas, porque difficilmente as perceberia quem não tiver lido com a calligraphia e abreviaturas d'aquelle tempo. A excepção do arcebispo, os outros governadores são imaginosos nos garabulhos a termos de não se perceberem. Por exemplo: D. João Mascarenhas, assigna: *df<sup>o</sup>mozs*. E Francisco de Sá: *ffrançisq̄ deSá*. D. João Tello de Menezes, escreve: *Tello. m.* E Diogo Lopes de Sousa: *Gd.<sup>o</sup> lop; sus*. Na orla da carta está o selo das armas reaes. Sobrescripto: *Por os governadores. Ao presidente do conuento de nossa sorã de Belem da ordẽ de S. Jeronimo.*



ta noticia tem preenchido a lacuna; e, se por curiosidade, quizer vêr o documento justificativo, mostrar-lh'o-hei com outro mais valioso de que vou dar-lhe traslado.

Havia n'aquelle tempo um grande fidalgo chamado D. Pedro da Cunha, antigo governador de Ceuta, general das galés que defendiam a costa do Algarve, e capitão-mór do reino quando D. Sebastião passou a Africa. Este era pai do celebrado arcebispo D. Rodrigo da Cunha.

O ancião, tão querido de D. João III, e respeitado do infeliz de Alcacer-kibir, foi ainda bemquisto do cardeal até á hora em que se manifestou contra Castella; e, governando as armas em Lisboa, ameaçou repellir das suas muralhas o rei estrangeiro, se D. Henrique deixasse a corôa portugueza ao castelhano.

Os governadores, nomeados no testamento do cardeal, veneravam D. Pedro da Cunha, e solicitavam-lhe o beneplacito, indo ao encontro da sua vontade com mercês e promessas de maiores galardões. Porém, no modo como o faziam, transluzia-se o muito respeito que lhe tinham, e o tino com que se esquivavam a melindrar-lhe a dignidade.

É o que se vê de uma carta original que Diogo Lopes de Sousa lhe envia, desde Almeirim, aos 23 de abril de 1581. A copia é

textual. Veja-se como escrevia um dos homens illustres d'aquelle tempo, o regedor das justiças, e governador da casa do Porto, o antepassado que tão grande parte foi no luzimento e nos haveres dos condes de Miranda, dos marquezes de Arronches e dos duques de Lafões. E tamanho varão escrevia assim:

*Sñer. Oje sabado receby de v. m. e loguo maõdey <sup>1</sup> pedir a bastiaõ <sup>2</sup> dias a portaria, maõdoume <sup>3</sup> esa dos dosemtos mil reis de temça que maõ do <sup>4</sup> a v. m. a dos cem mil reis que hada ver cadano <sup>5</sup> lhe maõdarei loguo ou quadodo v. m. qua <sup>6</sup> mandar fazer o padraõ dos dosemtos mil reis antam se fará a provisãõ deste cemto que hadaver quadano o que poso afirmar a v. m. he que estaõ postos os sñers g.<sup>dors</sup> <sup>7</sup> a sirviremno nacomenda e emtodo o mais que nelles forem como v. m. uerá pois eu eyde ser o solicitador.*

*Tiuemos aguora requado de Castella. El-Rey aimda esta em seu opiniaõ. tornamos aguo-*

1 Mandei.

2 Sebastião.

3 Mandou-me.

4 Mando.

5 Que ha de haver cada anno.

6 Cá.

7 Governadores.

*ra a repliquar, queira deus que aproveite, elle vemse a merida<sup>1</sup> que he ja perto de nos, bem podera v. m. ouvir o Uasques<sup>2</sup> para o aconselhar, posto que o que v. m. fez foy como portuguez antigo, por que nos mordénos uaõ qua graõdes velhaquarias<sup>3</sup>. temos emleitos<sup>4</sup> dom dioguo de Sousa e martin guomsalues da camara a fazer as armadas e fartar este cleriguo de negocio por que sempre diz que se não faz nada<sup>5</sup>. O criado de v. m. não tenho visto,*

<sup>1</sup> Merida.

<sup>2</sup> Bem podéra v. m. ce ouvir o Vasques para o aconselhar. Este Vasques, inculcado por Diogo Lopes de Sousa, era um jurisconsulto hespanhol, de nome Rodrigo Vasques de Arse, que juntamente com outro jurisconsulto, doutor Molina, tinham vindo de Castella com Christovão de Moura, como vogaes da junta consultiva nos negocios de Portugal, para explicarem aos fidalgos portuguezes juridicamente a legitimidade de Philippe II. O governador, que já estava aconselhado, recommendava ao indeciso D. Pedro da Cunha que ouvisse o Vasques. O velho fidalgo, bem que recebesse o padrão da tença, com certeza não comeu a tença nem attendeu ao Vasques.

<sup>3</sup> Porque nos modernos vão cá grandes velhacarias.

<sup>4</sup> Temos eleitos.

<sup>5</sup> Diogo Lopes trata Martim Gonçalves da Camara de *clerigo de negocio*. Revê no apódo o odio secreto que tinha ao jesuita inimigo de Castella. O escrivão da puridade de D. Sebastião até certo ponto, remiu parte dos seus delictos na opposição poderosa e pertinaz que contrapoz ao usurpador. O Dio-

deue<sup>1</sup> de estar no degredo com diogo da fomesqua<sup>2</sup>, bem sinto estar ainda a cidade dessa maneira, quererá noso sñr dar lhe saude, eu trabalharey por auer<sup>3</sup> a quintaã de luis de saldanha se o filho aquy uier<sup>4</sup> noso sñer sua muito illustre p<sup>ca</sup><sup>5</sup> guarde ainda por m<sup>tos</sup> anos e acresemente: dalmeirim a xxjjj de abril

*Diogo Lopes de Sousa, G.<sup>or</sup>*

Sobrescripto: *Ao muytto illustre sñer o sñr dom pedro da Cunha capitão mor da cidade de Lisboa meu snõr.*

D. Pedro da Cunha governava as armas de Lisboa, quando D. Antonio, já acclamado rei, alli foi, e deixou-o entrar. Não temos provas de que os louros do ancião colhidos na Africa se tingissem no sangue da batalha de Alcantara. Sabemos que elle expirou nos carceres da torre de Belem, legando a seus filhos odio figadal a Castella.

D. Rodrigo vingou-o; e mais heroicamente o haveria vingado, se não recebesse como

*go de Sousa, ahi nomeado, havia sido general da armada de D. Sebastião na desastrosa batalha.*

<sup>1</sup> Deve.

<sup>2</sup> Foi um corregedor muito affeiçãoado a D. Antonio, e perseguido logo que o prior foi desterrado.

<sup>3</sup> Haver.

<sup>4</sup> Vier.

<sup>5</sup> Pessoa.

prelado do Porto, Braga e Lisboa as mitras da mão dos Philippes.

De D. Pedro da Cunha dizia o prior do Crato, na sua carta a Gregorio XIII:

«...Mas as cãs de D. Pedro da Cunha foram acaso mais veneradas? Quem desconhece como aquella honrada velhice acabou amargurada, não querendo nem podendo sobreviver aos affrontamentos do vencedor, depois de tão dilatada e gloriosa carreira principiada em Ceuta?...»

---

## QUEM DESTERROU JOSÉ DE SEABRA DA SILVA?

O desterro de José de Seabra é segredo, ao que parece, inaveriguavel.

Os indagadores mais versados e praticos nos archivos das secretarias, os proprios descendentes d'aquelle eminente estadista, os mais

affeitos a lapidar e esclarecer os fuzis da cadeia historica oxydados pela acção dos seculos ou obscurecidos por tradições erroneas, nenhuns conseguiram alumiar este assim nubloso quanto importantissimo successo da historia, tão achegada á do nosso seculo.

A tradição viu de diversas maneiras o facto, e parece que todas as pontarias desaceritou. Disseram uns que José de Seabra, ajudante do marquez de Pombal, no ministerio, facultára aos bispos a confirmação nas ordens sacras, com independencia do beneplacito regio; e d'ahi a demissão e o desterro, por arbitrio ou conselho do marquez, affrontado por tal concessão. Querem outros, manchando a honra de José de Seabra, que á demissão precedessem extorsões, concussões e litteralmente roubos praticados com a resalva dos altos cargos que exercia. Opinam alguns que elle descobrira a D. Maria I o proposito de a esbulharem da successão da corôa seu pai de accordo com o ministro valido. Outros, em fim, alludem a segredos de estado que sinceramente ignoram, por isso mesmo que eram segredos. Estes são os mais discretos.

O snr. Pinheiro Chagas, apoiado em uma honrosa e critica defeza que o snr. Antonio Coutinho Pereira de Seabra e Sousa, bisneto do estadista arguido, publicou, em 1868, respondendo ás arguições do snr. Soriano—inde-

licada e perfunctoriamente expendidas contra o ministro degredado — refuta as conjecturas das atoardas, e deixa insolúvel a duvida.

Se alguma hypothese póde aclarar a verdade de ulteriores investigações, é a que attribue ao cardeal da Cunha a desgraça de José de Seabra da Silva. Quasi se evidencia que o marquez de Pombal foi mero, e, com certeza, forçado executor das ordens do rei. Da consideração que Pombal guardára pelo desterrado, nos é testemunha a ordem que elle mesmo transmittiu ao governador de Angola, mandando repatriar José de Seabra, quando D. José I vivo ainda, mas já prostrado de mortal doença, perdera a energia rancorosa que tempestúa nas almas ruins até ao despegar da vida.

Esse decreto, assignado por Martinho de Mello e Castro, foi expedido em 15 de dezembro de 1776. No principio de outubro de 1777 chegou ao presidio das Pedras Negras, onde estava o desterrado, a ordem de embarque. Em 20 de dezembro sahio de Loanda José de Seabra. Deteve-se na Bahia, d'onde, em 6 de fevereiro de 1778, escreveu a seguinte carta inedita ao ministro Martinho de Mello e Castro :

« Ill.<sup>mo</sup> e exc.<sup>mo</sup> snr. Devendo a v. exc.<sup>a</sup> a expedição das benignissimas ordens de S. M.

que Deus guarde, que me pozeram na liberdade de sahir de Africa, e de passar ao reino, me persuado que tambem a tinha para significar a v. exc.<sup>a</sup> a minha sincera, e fiel gratidão pela parte que v. exc.<sup>a</sup> teve n'esse beneficio, o maior que eu podia receber na minha situação; segurando a v. exc.<sup>a</sup>, que n'isto encerro os limites da minha liberdade, sem me adiantar a escrever a minha mulher, nem a meu irmão, que sei ha poucos dias, que ainda vivem.

«No principio de outubro chegou ao presidio das Pedras a minha redempção: preparei-me como melhor pude para chegar nos fins de novembro a Loanda, d'onde parti em 20 de dezembro, depois de pagar o devido tributo da carneirada, com que esta cidade hospéda aos mais robustos, e aportei a esta Bahia com quarenta dias de viagem. A necessidade de roborar um pouco as forças, e de me prover de quasi todo o preciso para me transportar com menor incommodidade, me fará demorar aqui mais dias, do que desejo, ainda considerando a vantagem de salvar o inverno nas costas de Portugal.

«Tanto que ahi chegar ha de v. exc.<sup>a</sup> sabel-o, e desejára eu que v. exc.<sup>a</sup> quizesse mandar-me insinuar a bordo o modo, tempo, e lugar do meu desembarque; porque a experiencia me tem ensinado muito á minha



custa, que tinha habilidade para errar todos os passos, que governo pela minha má cabeça.

«Depois de desembarcar aonde, quando, e para o lugar que v. exc.<sup>a</sup> me ha de ordenar, continuarei a minha peregrinação, como devo, até o lugar, onde ella teve principio. Permitta-me v. exc.<sup>a</sup> que eu lhe confesse entretanto que a debilidade da minha philosophia, pela dureza do meu coração, e por falta da christandade, que a devia vigorisar, não me deu até agora a conformidade que eu devia ter para me ser menos sensivel a desgraça de ser representado ao meu soberano, e meu bemfeitor, como o mais infame, e o mais abominavel ingrato, e como tal despedido ignominiosamente do real serviço, separado da minha triste familia, encerrado em uma prisão; d'ella tirado para ser transportado ao Rio de Janeiro, e d'ahi a Loanda, e de Loanda ao presidio das Pedras: levando para supplemento da falta quasi total de tudo as severas ordens, de que só vi a execução na parte que se dirigia a ser tido por morto na Europa, e empestado na Africa: e tudo isto sem sentença nem processo, porque não tive audiencia ao menos para se me dizer a culpa.

«Se todos os meus successos fossem restrictos a ser despedido do serviço, e mandado retirar para minha casa, nada diria; porque

me havia de parecer extraordinario que um monarcha necessitasse de mandar fazer uma demanda para despedir de seu serviço um criado, que se lhe representasse ou mau, ou inutil, ou desagradavel: mas as demonstrações contra mim passaram muito adiante com o fatal esquecimento de me dar audiencia quem quer que se empenhou em me fazer tão famoso delinquente na real presença.

«Releve v. exc.<sup>a</sup> este desafogo na substancia e no modo, porque até me falta ha quatro annos o uso de fallar e de escrever, mas não falta o desejo efficaz de me justificar, sem saber de que, para viver o tempo, que me resta, satisfeito, e descansado com o antigo conhecimento confirmado por custosas experiencias e sérias reflexões, de não prestar para outra cousa, e menos para as em que fui mettido violentamente, e contra a minha vontade nos tempos passados.

«E ultimamente, exc.<sup>mo</sup> snr., cheguei até aqui, e ainda vacillo, se será atrevimento rogar a v. exc.<sup>a</sup> que por mim (que não posso ter essa felicidade) queira beijar a mão a S. M. pela piedade, e clemencia, que commigo usou, permittindo-me que eu veja ainda ao menos a minha patria e familia. Se isso poder ser, eu o confio do antigo favor que devo a v. exc.<sup>a</sup>, e, se não poder ser, eu sei que v. exc.<sup>a</sup> mesmo ha de desculpar n'esta occa-

sião a um africano rude e grosseiro, que não quer certamente retribuir offensas e atrevimentos por beneficios.

«Á pessoa de v. exc.<sup>a</sup> guarde Deus muitos annos. Bahia de Todos os Santos, 6 de fevereiro de 1778.

«Ill.<sup>mo</sup> e exc.<sup>mo</sup> snr. Martinho de Mello e Castro.

«De v. exc.<sup>a</sup>

«maior venerador e criado, mais fiel obrigado

«JOSÉ DE SEABRA DA SILVA.»

Lida esta carta, que não elucida o mysterio, dir-se-ha que o proprio José de Seabra ignorava o crime que lhe assacára o aleivoso a quem o rei prestára credito. Observe-se que esta ignorancia, se fosse dissimulada, seria tambem indecorosa; e, sobre tudo, offensiva do ministro Mello e Castro, que não podia ignorar os delictos do homem destinado a ser seu collega no ministerio. Como quer que fosse, a memoria do ministro de D. Maria I está illibada. O motor dos seus infortunios é insondavel. Estes segredos, vulgares nos governos despoticos, se deixam laivos de infamia, é na memoria dos monarchas.

## D. JOÃO IV E AS REGATEIRAS

O que elle tinha sobre tudo era o talento dos solertes velhacos.

Primeiramente requestou com meiguices os fidalgos que, depois de afagados, o acclamaram.

Assentado, mas não seguro, no throno, cerceou a confiança aos fidalgos, e fez-se o idolo da canalha a fim de estribar-se n'ella, quando a nobreza irritada se bandeasse novamente com Hespanha. Assim lh'o aconselhára o seu ministro Lucena, em 1641; e, n'esse mesmo anno, a plebe rodeou o rei ameaçado pelos nobres, e applaudiu o supplicio dos marquez de Villa Real, duque de Caminha, conde de Armamar, D. Agostinho Manoel e outros. Francisco de Lucena, que emprestára o cutelo para a degolação dos traidores, foi mais tarde convicto de perfidia e degolado.

As cidadãs que mais se estremaram na ce-

leuma das praças contra os conspiradores, foram as regateiras da Ribeira, capitaneadas por uma virago mulata, de alcunha a *Maranhã*. Esta mulher privava muito com o rei. D. João IV mandava parar o coche, quando a encontrava, dava-lhe a mão, e detinha-se em risonha palestra com a regateira. Assim o conta o diplomata D. Luiz da Cunha ao principe, que depois foi José I, em carta que corre impressa: *O snr. D. João IV... mandava entrar no estribo do seu coche a celebre « Maranhã » que dominava todas as regateiras da Ribeira para se fazer mais popular, pois costumamos dizer que a voz do povo é a voz de Deus, o que nem sempre se verifica.*

Outra regateira, não menos notavel em seu real beneplacito, chamava-se *Brigida d'Alfama*. No dia 1 de dezembro de 1640 foi ella quem de envolta com os petintaes levou de rojo o cadaver de Miguel de Vasconcellos.

Brigida, quando soube que o marquez de Villa Real e seus cumplices eram presos por traidores, pediu a qualquer poeta cesareo que lhe escrevesse cousa que ella pozesse nas regias mão do seu soberano.

O poeta, provavelmente, trocando versos pelas colladas de Brigida d'Alfama, escreveu uma *Silva*, com que a regateira se foi ao paço mui aforçurada, e logrou, sem demora, entregar a D. João IV.

Eis a *Silva*:

Fôra descompostura  
 de grande atrevimento  
 (rei, que o mereceis ser de mil imperios),  
 sem ter prima tonsura  
 do poetico assento  
 tão cheio de grandezas e mysterios,  
 n'esta tosca Ribeira  
 cantar de vós a musa regateira.  
 Mas amor, que perdido  
 nos estanques passados  
 em que vendia carne aos tres estados  
 quiz, por vêr se melhora de partido,  
 ser cego de papeis, e a mim por musa,  
 que com sciencia infusa,  
 com quarta, ou gorgoleta  
 entre nos contubernios de poeta.  
 Amor é pois que abona  
 estas dôces reliquias de capona,  
 que Brigida começa  
 a entoar subida na tripeça,  
 por não ser o Bandarra,  
 que cantou eysne, o que aprendeu cigarra.  
 Chegue-se pois a bordo  
 com juizo pernialto,  
 para criticuizar, qualquer figura,  
 que aqui não canta tordo,  
 nem melro, que em contralto  
 esperdiça seu mal pela espessura.  
 Não ha aqui ruisenhor no bosque frio,  
 maganão de assobio,  
 e entre dôces avenas  
 ramilhete com voz, harpa com penas ;  
 as minhas cantilenas  
 accentos sao mais graves  
 do solitario inquisidor das aves,

que authorisado canta  
 compassos de guela por garganta,  
 hymnos á noite fria,  
 que viuva do dia  
 em anaguas se veste  
 bordadas de ouro sobre azul celeste.  
 Mas entremos no thema  
 e este breve intervallo  
 sirva de frontispicio do libello.  
 Escondida postema  
 em troiano cavallo  
 para tornar Lisboa um Mongibello  
 tinha a perfidia grega  
 de negra inveja, e de malicia cega,  
 mas lá de cima a intelligencia boa,  
 que ampara vossa authentica pessoa  
 quebrou as armadilhas  
 ás torpes sevandilhas  
 que bichinhos da terra  
 gigantes contra o céo sonhavam guerra;  
 e descobrindo o lusitano zelo  
 a ponta do novello  
 poz a cousa em estado  
 que quem vinha por lá, foi tosquiado.  
 A mim não me destouca  
 a *primaz* alimaria <sup>1</sup>,  
 que era astuta serpente;  
 nem a cabeça louca  
 da poesia varia  
 do Marquezote simples, e innocente;  
 nem os mais inimigos,  
 que da coca tocados  
 da esperança vã de altos estados  
 deram com o cabedal por esses trigos.

<sup>1</sup> D. Sebastião de Mattos, arcebispo de Braga.

Tu és só que me matas,  
 ó Cochambre em sapatas <sup>1</sup>,  
 tu, que aguia real com louco assombro  
 praticavas com o sol hombro por hombro  
 e inquinaste a lysia bizarria  
 de tua tão vidrada fidalguia  
 em affrontoso thalamo  
 ferindo pactos com Baeça, e Alamo <sup>2</sup>.

Quando por sorte, ou erro  
 da vinha quasi morta  
 as velhas cepas, a maleza occulta,  
 é medicina o ferro:  
 umas, justificada a fouce corta,  
 outras, prudente o enxadão sepulta,  
 e trocando-lhe a fórma  
 a vinha assim reforma  
 pai de familias destro.

Toma o ginete um sestro,  
 degenera em sendeiro  
 das leis da fidalguia  
 da sua paternal cavallaria  
 prudente o cavalleiro  
 cobre com atafaes torpes, e feios  
 o que havia de ornar jaez e arreios.  
 Não sois de engenho tardo,  
 entendei-me o remoque, que é bernardo.  
 O franco, que do carro  
 da deusa da batalha  
 as avenas agora modifica;  
 o inglez bizarro  
 com toda a mais canalha  
 que aos altares de Marte se dedica  
 a vêr este interlunho

<sup>1</sup> Talvez D. Agostinho Manoel de Vasconcellos.

<sup>2</sup> Jorge Gomes Alamo, e um filho, que entraram no Limoeiro, onde foram atormentados, e nada revelaram. Os historiadores não se occupam em lhes averiguar o destino.



todos estão com os olhos como punho.

Se podaes esta parra  
 julgarão que se anima  
 vosso valor para fazer vindima,  
 se a deixaes á solta, e se desgarra  
 dirá vosso adversario,  
 que possuis o reino por precario.  
 N'este transe, senhor, n'esta abertura  
 será fraqueza a minha piedade,  
 pouco valor a magnanimidade,  
 e falta de poder qualquer brandura.  
 Pese tudo a prudencia a ouro fio  
 entenda-me *che pò, que me entend'io.*

Não sei se o mesmo, se outro vate patriota, escreveu e distribuiu primorosamente calligraphados alguns exemplares da seguinte poesia — tão sanguinaria quanto boçal — quando ainda fumegavam no cadafalso do Rocio os cadaveres dos conjurados, cujo supplicio pediria Brigida de Alfama :

ÁS MORTES DE D. LUIZ DE MENEZES, MARQUEZ DE VILLA REAL, DE D. MIGUEL DE NORONHA, DUQUE DE CAMINHA, DE RUY DE MATTOS DE NORONHA, CONDE DE ARMAMAR, DE D. AGOSTINHO MANOEL, OS QUAES MANDOU DEGOLAR NA PRAÇA DO ROCIO, EL-REI D. JOÃO O IV, E MAIS TRES, E UM BAEÇA, ARRASTADOS, ENFORCADOS, E ESQUARTEJADOS TODOS POR TRAIADORES, HOJE 29 DE AGOSTO DE 1641.

*Ao marquez de Villa Real*

Senhor marquez, eu quizera,  
 (testemunha me é Jesus)

de vos trocar o capuz  
 por sêdi de primavera ;  
 mas vossa condição fera  
 teve a culpa d'este mal ;  
 que havieis de ser leal  
 apesar de mil traições,  
 quem tem tao nobres brazões  
 como os de Villa Real.

*Ao duque de Caminha*

E vós, duque. porque não  
 podéreis isto fazer,  
 mudando de parecer,  
 pois do marquez a tenção  
 era sómente traição :  
 e já que mal attentado  
 e com tao pouco cuidado  
 vos quizestes derrotar,  
 para tudo se acabar,  
 soffrei o ser degolado.

*Ao conde de Armamar*

Em theatro hão de parar  
 vinte e dous annos de idade,  
 e de Braga a falsidade  
 faz a taes transes chegar <sup>1</sup> !  
 Mas se o conde de Armamar  
 olhára para seu tio

<sup>1</sup> Este conde era sobrinho do arcebispo de Braga.

no dia de nosso brio  
 que jogava o esconder,  
 nunca viera a perder  
 em tal peça tal feitio <sup>1</sup>.

*A D. Agostinho Manoel*

Um *Manifesto* fizeste  
 que foi manifesto a todos,  
 e agora com baixos modos  
 a tudo contradisseste.  
 Outro também compozeste  
 quando estiveste na côrte;  
 e, por não seguir o norte  
 com que por cá navegaste,  
 por indiscreto, ficaste  
 também manifesto á morte <sup>2</sup>.

*Ao mesmo*

E já que de tal maneira  
 te quizeste manifestar,  
 sabe-te determinar  
 n'esta hora derradeira:

<sup>1</sup> No dia da aclamação do duque de Bragança, o arcebispo de Braga correu perigo de ser assassinado como amigo de Castella. E, não obstante as demonstrações hostis d'este prelado, D. João IV chamou-o ao seu conselho, afastando alguns fidalgos que jogaram a cabeça, tirando-o da cobarde inercia de Villa Viçosa.

<sup>2</sup> D. Agostinho Manoel de Vasconcellos, além de outras obras estimadas, escreveu: *Manifesto na aclamação d'el-rei D. João IV, 1641*. É extravagante cousa que publicasse um livro tão a favor de quem, no mesmo anno, o mandou degolar como inimigo.

não sendo tal a cegueira  
 com que até agora viveste,  
 se no que compozeste  
 te mostraste declarado,  
 hoje que és degolado  
 sente o mal que te fizeste.

*Ao perro do Baeça*

Habito de Christo a vós? <sup>1</sup>  
 Maldito seja o judeu  
 que lá na côrte o vendeu  
 tal como vossos avós!  
 Padecei tormento atroz,  
 neto de uma cominheira:  
 porque me dava canceira  
 quem não era a Deus fiel  
 que escapasse de um cordel,  
 escapando da fogueira.

A opulencia de Pedro de Baeça provinhalhe da senhora com quem casára. Os trinta mil cruzados não lh'os aceitaram a troco da vida; mas lá foram depois, em nome da lei, buscal-os ao casal da viuva. Reduzida a penuria extrema, esta mulher fugiu para a Hollanda, onde morreu soccorrida por parentes que eram hebreus.

<sup>1</sup> Pedro de Baeça, mercador muito rico, era cavalleiro do habito de Christo. Foi este o que melhormente pareceu comprehender a abjecção dos seus inimigos, offerecendo trinta mil cruzados pela vida. Elle sabia que o avô do rei, e os avós dos seus juizes se tinham vendido por menos a Philippe II.

## FIELDING

Quatro mezes antes de morrer, o visconde de Almeida Garrett, passeando em Lisboa, no cemiterio dos Inglezes, com Francisco Gomes de Amorim, fallou assim ao seu extremoso amigo, defronte da inscripção tumular do romancista britannico Henri Fielding :

« Não leia isso que é tudo mentira; a unica verdade que ahi está é o nome de Henrique Fielding, e ninguem o sabe ou não se lembram d'elle. Pois foi um grande nome! Walter Scott chama a Fielding o *pai do romance inglez* e la Harpe disse que o *Tom Jones* é o primeiro romance do mundo. Apesar de tudo esta enorme tumba de pedra encerra um punhado de cinzas que foram consideradas em

quanto as animava uma multidão de paixões revoltas!... agora... quem sabe que ellas estão ahi? O que o epitaphio não diz é que Henrique Fielding viverá eternamente no *Tom Jones*, como Squire Western. O que tambem não diz esse estúpido epitaphio é que nem a Inglaterra nem ninguem se lembrou da viuva nem dos filhos d'este homem illustre, que morreram ignorados, depois talvez de terem vivido como mendigos entre homens poderosos de estado que foram condiscipulos e se diziam amigos de seu pai... Ah! mundo enganador!...<sup>1</sup>»

Tristissimo lance, se os filhos de tão estremecido pai mendigaram! Eram criancinhas quando elle morreu em Lisboa, no anno de 1754.

Forçado pela enfermidade a procurar o clima de Portugal, sahiu d'entre as caricias e lagrimas da esposa e filhos no dia 24 de junho de 1754.

A carta, que elle escreveu n'esse mesmo dia, e a ultima que deixou sentida e chorada na terra natal, dizia assim :

«Hoje quarta-feira, 24 de junho de 1754, nasceu o sol mais triste que eu vi em minha

<sup>1</sup> *Archivo Pittoresco*, tom. III, pag. 140.

vida, e me já achou acordado na minha casa de Fordhook. Cogitava eu que, á luz d'esse sol, veria, pela derradeira vez, e diria o ultimo adeus, aos objectos queridos que eu amava com a ternura de mãe. Não me tinham ainda callejado as doutrinas da philosophia que me ensinára a supportar a dôr e desprezar a morte. Em tal situação, não podendo vencer a natureza, deixei-me vencer d'ella, que me subjugou como se eu fosse a mais fragil mulher. Pretextando consolar-me, induziu-me a ir gozar oito horas na companhia das minhas criancinhas, e com certeza, o que ahí soffri n'esse curto espaço excedeu todos os padecimentos da minha enfermidade. Ao meio dia fui pontualmente avisado de que me esperava a carroça. Abracei os meus filhos um por cada vez, e embarquei no carro com alguma resolução. Minha mulher que procedera com o verdadeiro heroismo de um philosopho, dado que seja ao mesmo tempo mãe extremosa, seguiu-me com a filha mais velha. Alguns amigos me acompanharam, e outros se despediram de mim, elogiando a minha coragem com louvores mui pouco merecidos.»

E não viu mais aquelle sol triste que se espelhára nas lagrimas de seus filhos !

Que importava o céo, e o sol, e a fragrança de Portugal áquelle doente excruciado

na solidão de Lisboa, por saudades dos seus, atormentadas pela desesperança de voltar a vê-los! Se lhe não seria mais suave a morte, rodeado dos filhos, e com a mão já morta e ainda quente nos labios d'elles!

Pouco mais de tres mezes viveu. Expirou quando as folhas despegaram e fremiram secas no chão, revolvidas pelo nordeste, aquella toada sinistra que faz pensar no gemer final dos moribundos a quem as primeiras nevoas congelaram o sangue no coração.

O seu ultimo dia foi o oitavo de outubro de 1754. Tinha quarenta e oito annos.

Não alcancei noticia do destino que tiveram os filhos de Fielding. Pobres sei eu que ficaram, porque seu pai, dado que os amasse muito, ou lhes não grangeou, ou era já tarde quando lhes quiz grangear o patrimonio.

Fielding achou-se uma vez com 1:500 libras, e uma propriedade que rendia 200, no condado de Derby. Montou carruagem, phantasiou librés de côres claras, que se renovavam de mez em mez, hospitalidade de principe, lautos banquetes, saraus, caçadas, a mais fidalga e desastrada imprevidencia, consoante ás tradições de seu avô o conde de Denbigh, e de seu pai o general Edmundo Fielding. No trajecto de tres annos, não tinha um palmo de terra, nem um schilling do patrimonio de sua primeira mulher.



Depois, aceitou o lugar de juiz de paz, especie de commissario subalterno de policia. Colocado em circumstancias proprias ao intento, começou a estudar as ladroeiras e a perseguir os ladrões. No entanto, escrevia novellas; e, gravando em eterno bronze o *Tom Jones*, creou o romance em Inglaterra.

Se a experiencia lhe fosse mestra e inspiradora, poderia, como escriptor, reparar as perdas de fidalgo. *Tom Jones* foi pago por 700 libras, e *Amelia* por 1:000.

Às alegrias da gloria do ouro, seguiram de perto os rebates da morte. A vida estava gasta nos proprios desperdicios. A alma, no maximo esplendor das suas faculdades, requeria coração vigoroso onde fecundasse as grandes aspirações. Como prova da sua immortalidade, o corpo deperecia, os pulmões deslaçavam-se, e ella entre as regiões infinitas e as tristezas do quasi moribundo, lampejava ainda os derradeiros clarões da *Viagem a Lisboa*, em que Fielding chorou e sorriu, mesclando aos impetos da satyra os mais desconsolados quebrantos da amargura.

Quando fordes ao cemiterio dos *Cyprestes*, attentai n'aquelle tumulo, pensai em tudo que é triste; mas não lhe rezeis pela alma, que essa está irremissivelmente condemnada. Henrique Fielding não era dos nossos, não era catholico. Que pena!

## MANIA E HYPOCONDRIA

Certo maniaco imaginava que tinha morrido, e rogava aos parentes e amigos que o enterrassem, porque o seu corpo começava a apodrecer. Tres vezes, dentro d'um anno, o atacou semelhante mania. Amortalharam-no, e fingiram que o levavam ao cemiterio; porém, no caminho, estavam uns homens pactuados com os parentes á espera do sahimento; e, quando a tumba ia passando, começaram a dizer em voz alta:

— Ora graças a Deus, que morreu finalmente aquelle velhaco, aquelle biltre, aquelle perversissimo scelerado!

O maniaco, ouvindo os insultos, irou-se grandemente, e respondeu:

— Canalhões! se eu estivesse vivo, castigar-vos-hia a bengaladas, para vos ensinar a

não ter má lingua; infelizmente estou morto; e os mortos não se vingam.

Replicaram os homens que não lhe tinham medo, e desafiaram-no renovando as injurias.

Então o maniaco, erguendo-se de golpe, desembaraçou-se da mortalha, e correu atraz dos homens, que o receberam a murros, e tantos lhes pregaram na cabeça que lhe pozeram fóra de lá a idéa que o atormentava.

O doente recolheu-se a casa bastante contuso; mas curado; e, porque havia tres dias que jejuava, comeu á tripa fôrra.

Este caso, e outro da mesma seriedade, vem referidos em um livro scientifico e mui circumspecto ultimamente publicado em França. É a *Hygiene das dôres*, por mr. A. Debay. Os francezes, ao mesmo tempo que nos illustram, alegam a gente com estas passagens que não são vulgares entre os maniacos portuguezes.

. . .

Um hypocondriaco farto e rico imaginou-se doentissimo, e resolveu nunca sahir do seu quarto. Dormia, comia e bebia como se quer; mas soffria horrorosamente por todo o corpo; devia morrer de morte affrontosa; estava ulcerado e gangrenado; pedia que o não atormentassem, etc.

Fez quanto pôde para se curar; consultou os somnambulos mais acreditados; encarapuçou-se com um barrete encerado; tomou banhos egypcios, e poz sobre o estomago uma cataplasma egypcia: tudo inutil. Depois experimentou o racahout, a revalenta, a mostarda branca, com igual resultado. A mostarda branca, que cura toda a gente, fez-lhe mal a elle. Por ultimo, e em recurso extremo, tomou preparados de ferro, de cobre, de ouro, bezoartos orientaes, o cachundé chinez, o talekama-pala dos selvagens americanos, e nada de novo. Sempre doentissimo. Recorreu á *escova electrica*, ao *restaurador da vida*. Tudo em vão. Parece incrível uma cousa tão verdadeira!

A conversação d'este sujeito versa sempre sobre o mesmo assumpto: a sua molestia. Se alguém consegue distrahir-o por momentos, esquece-se o homem dos seus atrozes flagicios.

Indo o medico visital-o uma manhã, queixava-se elle de que não podia estender a perna direita; e, para mostrar a difficuldade que sentia, estendia a perna.

— Então o senhor que mais quer? — perguntou o medico.

— Valha-me Deus, queria fazer isto! — e levantava a perna com a maior presteza e facilidade.

O medico desatou ás gargalhaadas; e o doente, cahindo em si, riu-se tambem. Esta

aventura distrahiu-o, e poz cobro ás lamurias.

D'outra vez, queixava-se ao medico de falta de appetite (comia como quatro), e de se estar marasmando.

Ora, o homem tinha tão boas côres e tão proeminente abdomen que o medico não pôde suster o riso. O doentinho, affrontado pela galhofa do medico, pediu explicações.

— Antes de lastimar-se, olhe para a sua barriga,— disse o medico.

— É verdade! — disse pasmadamente o enfermo — é verdade! eu não tinha reparado.

E ou por estar convencido ou por imitação, riu-se tambem com o medico.

---

Este livro da *Hygiene das dôres* não é dos mais imprestaveis no catalogo da bibliotheca medica. Ha molestias nervopathicas que se modificam pela explosão das lagrimas, outras pelo espirro, e algumas pelas convulsões do riso.

## AOS DIPLOMATAS DESCONTENTES

Se suas excellencias, os senhores secretarios e addidos de ministros e embaixadores se queixam da parcimonia dos seus ordenados — e accusam de mesquinhos os governos, indifferentes ao esplendor dos enviados que representam este Portugal, tão pomposamente representado em tempos antigos — bem sei eu onde elles podem, se quizerem, colher as provas de liberalidade dos governos absolutos com que confundam a sovinaria dos governos liberaes.

Um diplomata, que brilhou nos tempos prosperos, e me lembra, como exemplo, é Duarte Ribeiro de Macedo. Dizem d'elle os biographos, e particularmente José Maria da Costa e Silva, que nunca enviado portuguez a Paris tão grandes honras recebeu na côrte

de Luiz XIV. Nove annos alli residiu o solerte diplomata, ganhando de dia para dia a consideração de Portugal e os gabos dos ministros com quem lidou.

Em 1668 nol-o descreve Costa e Silva melhorado na florente carreira, já como enviado ordinario.

Não nos diz que ordenados Duarte Ribeiro recebe, nem que luxos estadeia na côrte de França; mas do contexto de duas cartas suas e ineditas, facil nos é conjecturar o despendio, o fausto, a ostentação quasi reprehensivel d'aquelle representante, se o não quizerem desculpar por elle ser algum tanto poeta.

Os periodos, que vão lêr-se, devem pruir de inveja os espiritos descontentes dos senhores secretarios, addidos, e enviados de hoje em dia; conformem-se no entanto, confrontando o Portugal de Duarte Ribeiro de Macedo com o Portugal dos que hoje em dia o representam, a jantarem em restaurantes de 2 francos por cabeça.

Vejamos as scintillações de estylo de um enviado ordinario na embriagante atmospheria de Paris que o aureolava com as suas delicias. As cartas datadas em 1669 e 1670 são adereçadas ao regedor das justiças, D. Rodrigo de Menezes.

« ..... Dir-lhe-hei a v. s.<sup>a</sup> como passo  
 « ha quatro mezes. Jeronymo José da Costa  
 « me assistiu dous, mas porque a tardança dos  
 « provimentos o fazia desconfiar, não quiz va-  
 « ler-me d'elle, e pedi 1:000 francos ao conde  
 « de S. Comberg, dizendo-lhe que era para  
 « um emprego meu. Não me atrevi a escrever  
 « que achava este recurso, para que não dés-  
 « se causa a maior descuido. Já estão pagos  
 « estes dous credores; mas não estou livre de  
 « cuidar que recahirei no mesmo achaque.  
 « Creia v. s.<sup>a</sup> que não sei como acerto a ser-  
 « vir sua alteza<sup>1</sup> sempre entre os temores de  
 « que me ha de faltar o necessario para o ser-  
 « vir no mez que vem, se me acaba o provi-  
 « mento. Verjus levou carta minha para o snr.  
 « conde da Torre. O que n'ella pedia era que  
 « sua alteza me mandasse pagar ou recolher, e  
 « confesso a v. s.<sup>a</sup> que não posso servir com  
 « taes faltas. Se eu disser a v. s.<sup>a</sup> o que me  
 « tem custado os portes de Madrid, Hollanda e  
 « Inglaterra ha v. s.<sup>a</sup> de se admirar! Sua alte-  
 « za, pela mercê que me faz, a qualquer car-  
 « ta minha manda logo acudir: a falta está da  
 « parte dos executores das suas ordens... etc.»

Se este periodo não deixa bem definida a situação brilhante do enviado ordinario, ha outro mais explicito:

<sup>1</sup> D. Pedro, o regente, irmão de Affonso vi.



« ... Eu me acho em tal estado que pe-  
« di um dia d'estes dez dobrões emprestados.  
« No ultimo de fevereiro se me acabaram as  
« mezadas, e entro em quarto mez de empe-  
« nho. Até a carne para comer me trazem  
« fiada... Tire-me v. s.<sup>a</sup> d'aqui ainda que se-  
« ja á custa da liberdade.»

D'estas e outras cartas reveladoras de opu-  
lencia, de alegria, e patriótica vaidade no ser-  
viço de Portugal é que os biographos depre-  
henderam que o desembargador Duarte Ri-  
beiro, enviado ordinario a Paris, alli *fôra re-  
cebido com grandes honrarias* (diz Costa e Sil-  
va) *poucas vezes tributadas a ministros estran-  
geiros*, e tantas e tamanhas que até fiavam  
d'elle a carne os magarefes parisienses.

E, como prova de que a sua abastança  
não era fineza, mas sim obrigação da patria  
que lh'a dava, acrescenta o biographo que  
Duarte Ribeiro, *no longo prazo de nove annos  
que se demorou em França, no exercicio d'esta  
missão importante, promoveu com todo o ze-  
lo e sagacidade de que era dotado os interesses  
e vantagens da nação que representava.*

Da comparação da opulencia de Duarte  
Ribeiro com a pobreza dos diplomatas do nos-  
so tempo, infere-se que elle comia vacca fiada  
porque era um inepto; ao passo que os seus

---

successores no officio andam por lá saturados de trufas porque sabem manter perspicacissimamente o equilibrio internacional.

---

## BIBLIOGRAPHIA

(PADRE SENNA FREITAS — FRANCISCO GOMES D'AMORIM)

PADRE SENNA FREITAS, *No Presbyterio e no Templo*, vol. II. Livraria Internacional. Porto, 1874. 8.º 344 pag. — A presteza no apparecimento do segundo tomo, correspondeu á affectuosa curiosidade que o primeiro suscitou com raro exito. O relevanté merito dos artigos subpostos ao titulo NO PRESBYTERIO, confirmase e consubstancia-se nos trechos pareneticos, e nos discursos em assembléas catholicas. Avantajam-se os dotes do escriptor na descripção do

Brazil sertanejo, onde se lhe acrisolou a vocação nos maviosos, bem que duros sacrificios tão ardentemente commettidos com o alegre rosto da confiança em Deus.

Dos donaires e graças da elocução do snr. padre Senna Freitas nos dispensamos de repetir justissimos louvores. Que se recomende um livro, quando a indolencia publica o não procurou, é esse o dever corrente da boa critica, e o timbre da leal camaradagem n'esta milicia das letras; porém, depois que a sanção indeclinavel do senso publico formou conceito do escriptor, a repetição do elogio é superfluidade, senão aggravo do leitor que muito bem póde sentir-se de que o ousem ensinar a conhecer as excellencias da obra inculcada. Farei tão sómente algumas breves reflexões á substancia d'este livro.

Nas prégações feitas pelo operoso sacerdote nos sertões do Ceará e Bahia, posto que se esteja revelando que o missionario forcejou por atemperar-se á razão pouco alumiada dos seus ouvintes, os conceitos resaltam na eloquencia, e o letrado alliga-se elegantemente ao doutrinario sempre na esphera d'uma illustrada theologia. Se o snr. padre Senna Freitas tivesse a peito accommodar-se á tosca percepção do seu auditorio, contava-lhe casos com que lhe apavorasse a credulidade, prodigios, intervenções ultra-naturaes na região dos vicios ordina-

rios, a diplomacia infesta do demonio trajando á humana, e os requintes da virtude do homem trajando á divina. Os discursos d'este discreto missionario não se afeiam d'essas deformidades tão bastas nas missões que pelas nossas aldeias espancam o dôce anjo das santissimas verdades de Jesus Christo. Por onde se vê que o snr. Senna Freitas, conformemente a um grande mestre de oratoria sagrada, fez como suas as advertencias do sapientissimo e religiosissimo Cenaculo: «...Quanta será  
« a culpa do prégador que omittir a propria  
« illustração para que, faltando-lhe esta, passe  
« a entreter a credulidade do povo em acontecimentos, reclamados pela verdade? Deixará o protestante de lançar mão d'esta ignorancia para pretender salvar o seu injusto  
« improperio contra os bons usos da nossa igreja? O ouvinte illustrado não radica no fundo  
« de sua alma, a respeito do prégador, um  
« conceito de homem inhabil? Conceito na verdade opposto quanto é possivel á reputação  
« que deve ter quem quizer persuadir<sup>1</sup>.»

N'estes discursos, e mais largamente nos que o snr. Senna Freitas proferiu nas assembléas catholicas do Porto e de Braga, ha passagens de acurada eloquencia que o descostume

<sup>1</sup> *Memorias historicas do ministerio no pulpito*, pag. 199 e seg.

em taes occasiões poderia acoimar de nimiamente litterarias e destoantes do lugar e do auditorio. Seria injusto o reparo. O estylo espalmado não é rigorosamente um signal de predestinação. Quintiliano póde entrar no templo com o orador christão sem catechese nem baptismo. S. João Chrysostomo formou o seu estylo na leitura dos versos de Aristophanes; e o citado arcebispo de Evorá recommenda aos alumnos da arte concionatoria que leiam os poemas de Sá de Miranda, promiscuamente com os mais selectos pagãos, sem levantar mão dos SS. Padres.

Ora, a mim se me figura que os lanços em que o espirito do snr. Senna Freitas mais esplende são os que mais contenciosos parecem no seu austero apostolado. E é talvez por isso que elles mais se ataviam do fasto das locuções bem feitas. Quero fallar do seu azedume contra os romances que não viu rubricados por alguns nomes de boa fama, e aureolados dos suppositicios nimbos dos bemaventurados. Eu de mim direi que tenho escripto muitos romances maus, por mal urdidos ou mal escriptos; mas, se é licito comparar grandezas com insignificancias, sou a pensar que nem as novellas do conselheiro Rodrigues de Bastos levaram ninguem ao paraiso, nem as minhas abysmaram no barathro pessoa que as lêsse. O que não affirmo é se algum dos meus editores

foi, mediante ellas levado... *á gloria* — que com certeza não é a melhor ascensão que elles, editores, hão de agradecer-nos.

O snr. Senna Freitas pôde dar-me de suspeito em materia que tanto por casa ou pela roupa me toca. Não me queixarei, em quanto me fôr licito e airoso defender as pessoas que o severo escriptor deplora sujeitas á contaminação dos maus romances.

Não, meu amigo. As novellas, que adoçam a peçonha das paixões peccaminosas, quem as lê? Toda a gente, á excepção das pessoas rigorosamente religiosas que parecem temer-se do contagio, como se a consciencia do dever lhes não fosse bastante cordão sanitario contra a infecção das idéas dissolventes.

Ha tantissimas damas de irreprehensivel estylo de vida que, na sua mocidade, releram aquellas despeitoradas folias de Paulo de Kock! Ha ahi tanta senhora de boa nota que lê os *Romances para homens!*

Creio e sei que ha romances protervos quanto ás infamias que tecem o enredo; mas ainda não vi algum em que as torpezas sejam aconselhadas pelo author como saluberrimas e honorificas.

Diga-se o que por diversos modos está repetido: os maus costumes são os primogenitos de Adão, e mais antigos que as novellas. A grande bibliotheca dos maus livros que estra-

garam o genero humano estava dentro da maçã ou do pêcego que Eva trincou. Póde ser que os romancistas desmoralizados, se os ha, sejam os pomareiros da arvore maldita; mas o certo é que hoje em dia, as descendentes da Eva paradisiaca, se o pomo lhes trava, depuram os labios nas faces dôces de seus filhos, e de sobra sabem que não é com tal fruta que se enganam os modernos Adões.

Estes reparos não desdouram as fortes e convictas idéas do snr. Senna Freitas ácerca da imprensa jornalística e das litteraturas dramatica e romantica. O illustre sacerdote está no seu posto, e o sustenta com a maxima dignidade e superior talento.

∴

Como não sei quando terei tão bom azo de apontar a um assumpto que, de seu, me occorre n'este momento, pedirei aqui ao primeiro orador da tribuna sagrada em Portugal, o snr. conego bracharense Joaquim Alves Matheus que publique as suas orações ineditas. Se o divulgá-las redundasse meramente em gloria sua propria, não iria eu ferir com phrases de vulgar lisonja a modestia d'aquelle professor illustre; porém, se o proveito d'essa publicação reverte em lição para prégadores, em deileite para crentes, e secreto abalo para incre-

dulos, a abstenção do snr. Alves Matheus é menos louvavel, e por nenhuma maneira conforme aos deveres que se alligam ao seu ministerio. O talento de quem converte em luz da alma o que outros obscurecem nas paginas dos livros santos, é mais de nós, os vacillantes á orla dos abysmos, que dos bemquistos da alta inspiração, e dos que, velejando nos escarceus da vida, tem no céu a estrella do seu norte, e na terra a dupla ancora da fé e da sciencia. Alves Matheus é o mais correcto e elevado orador que ainda ouvi. Conhece todas as vozes que sôam dentro da alma. Dá o terrivel estremecer do enthusiasmo no arrobamento das idéas grandes, e vibra as palavras gementes que abrem o dulcissimo espirar das lagrimas.

THEATRO DE FRANCISCO GOMES DE AMORIM, socio da academia real das sciencias de Lisboa. *O cedro vermelho*. 1874. 2 tomos.— São livros de recreio e estudo estes dous que comprehendem o drama e as notas relativas. O snr. Gomes de Amorim empenhou poderosas faculdades de observação nos accessorios com que nos povôa a phantasia, a fim de que no tecido dramatico fuljam os fios reflexôres da luz local. O drama seria já excellente sem as notas; com ellas realça de valia, porque



nos ensina particularidades que o poeta photographou, e o historiador desdenharia. Se tanto labor e tamanha paciencia de consultação houvessem de ser embebidos no artificio do drama, e descurados como alheios da scena, o consciencioso escriptor teria a triste desillusão de se haver cançado á cata de leitores idoneos e juizes competentes do seu trabalho.

O *Cedro vermelho*, assignalado entre os mais applaudidos dramas que recordam noites gloriosas do theatro normal, pertence á escóla das peripecias fortes e commoventes. Impunham-se assombrosos aquelles lances de viver desconhecido do sertão da America. Francisco Gomes de Amorim chegára, poucos annos antes, d'essas paragens, por onde havia passado o portuguez aventureiro, o mercador, o chatim; mas por onde, desde que o jesuita fôra esponjado da civilisação do indio, nunca mais passára o talento observador. Por fortuna da arte e desfortuna do artista, Gomes de Amorim identificára-se aos costumes das raças, tacteára-lhes de perto o selvagismo, não tanto por seducções de curioso quanto pelo imperioso estimulo da necessidade. As lagrimas represadas talvez lhe abrissem no coração os traços que ahi ficaram como thesouro de lembranças, — e quem sabe se de saudades para elle e para tantos cujas illusões vão morrendo com o sol poente de cada novo dia!

O drama, executado por aquelles artistas apaixonados de ha dezoito annos, logrou arrancar da sua atrophia um publico sopitado pela toada das xacaras, e pela melopêa dengoza das castellãs, e raivas sacrilegas d'uns amadores quasi todos sarracenos, consoante a praxe dos dramaturgos archi-romanticos.

Tasso, que aceitára a parte do indio Lourenço, como quem crescia para as empresas arduas e se apoucava nas trivialidades de galã de vaudeville, arrebatava o auditorio, e o auditorio arrebatava-o nos braços, desde o palco ao seu camarim. Houve n'aquelles remotos dias correntes galvanicas entre o actor e a sala. A paixão coruscava no olhar d'aquelles interpretes a quem Epiphanio ensinára as fulgurações do terror, e, sobre tudo, a expressão da intelligencia.

Eu não direi que a arte de hoje arraste crepes ou esteja fria como o marmore de Gil Vicente na cupula do seu templo.

Não: o que simplesmente receio é que o amaneirado, o arbitrario, que ahi chamam *crear caractéres*, o pseudo-naturalismo dos actores mais em voga nos vão desencantando das illusões e amortecendo o enthusiasmo n'aquelles lances que — segundo a praxe comica — *faziam levantar o povo*.

Tenho recordações d'esse tempo, e algumas prendem com o *Cedro vermelho* de Go-

---

mes de Amorim. Ao relê-lo, como quem folheia paginas em que se traçaram impressões da mocidade, tive o prazer de renovar-as admirando-as ainda, e marginando as muitas passagens em que resalta um bom engenho, e um optimo escriptor. O segundo tomo é prestadio subsidio para quem, deleitando-se, quizer, em poucas horas, colher noticias repartidas por tantissimos volumes. É obra de grande merito, e sêl-o-hia de grande fortuna em outro paiz. Emendêmo-nos. Sejam dignos dos talentos que honram a nossa terra.

---

## EXCELLENTISSIMOS SENHORES

Hoje que todos temos *excellencia*, é bom indagar se a não temos, e não é mau resignar-se a gente com os dictames do Direito Publico a fim de não attentarmos contra a vida de quem nos favorecer com a *senhoria*.

Por não principiar de mui remotas eras, começaremos pela lei extravagante de Philippe II, de 15 de setembro de 1597. Ahi se

manda que rei e rainha hajam tratamento de *magestade*. (Bem sabem que, até ao tempo do rei D. Sebastião, era *alteza*). A referida lei ordena que os duques, marquezes e parentes da casa real, quando fallassem do rei, dissessem: «El-rei *meu* senhor» e que os outros menos graduados, dissessem: «El-rei *nosso* Senhor». A differença entre singular e plural do pronome possessivo não se percebe. Segundo a mesma lei, os principes e infantes eram tratados de *alteza*; mas quem dizia simplesmente *sua alteza*, individualisava o successor da corôa. *Excellencia* era para os filhos dos infantes e duques de Bragança. Os outros duques, marquezes, condes e bispos tinham uma reles *senhoria*; porém, se os bispos fossem estrangeiros, haviam de accommodar-se com um *vossa reverendissima*.

D. João v fez outra lei em 29 de janeiro de 1739. Confirma a de Philippe II quanto ás pessoas reaes; manda, porém, que se dê *excellencia* a todos os grandes ecclesiasticos e seculares — duques, marquezes, condes, arcebispos e bispos. D'estes ultimos são exceptuados os estrangeiros. Os presidentes dos tribunaes tambem recebem excellencia em quanto estão na séde da judicatura. Os generaes e vice-reis gozam o mesmo fôro. Viscondes, barões, governadores de praças, reitores da universidade, priores d'ordens militares de Aviz e Pal-

mella, moços do paço, etc. uma *senhoria* secca.

Desde que me entendo só encontrei um homem que obedecesse rigorosamente a esta lei. Foi um d'estes dias, o encontro, em uma carruagem da via ferrea. Era um relojoeiro do Porto, homem de annos largos, cara aberta e antiga. Quando se dirigia ao snr. conde da Graciosa, dava-lhe *excellencia*; ao snr. visconde de Sanches de Baena, dava-lhe *senhoria*; e a mim, para ser coherente, não me dava nada. Um sujeito que regula tão acertado com as leis dos tratamentos deve correr igual pontualidade com os seus relogios. Mas elle não sabia que eu, desde 1862, sou marquez, agraciado por sua magestade negra, D. Jacintha I, rainha do Congo, muito minha senhora e ama, que Deus conserve. Além d'isso o alvará de 20 de junho de 1764 manda dar *senhoria* a mais alguém; por exemplo: ao abbade de Alcobaça e ao seu substituto. O relojoeiro, para quem a extincção das ordens religiosas não era novidade, nem equivocando-se com a minha presença prelatia, me confundiu com o geral dos bernardos!

Seja como fôr, convém que as pessoas vezadas á *excellencia* se apercebam de conformidade para o caso possivel de se encontrarem com o citado relojoeiro severo em tratamentos.

## O ULTIMO CARRASCO

## II

V. exc.<sup>a</sup> sabe de certo por pessoas doudas e tementes a Deus, que eu sou um grandissimo impio, peiorado agora com minha nesga de petroleiro.

A. HERCULANO.

Devo aqui contar ao leitor como conheci o carrasco<sup>1</sup>.

.....  
.....  
.....  
.....  
.....

<sup>1</sup> Este e outros capitulos virão a lume, mais tarde, quando a occasião fôr opportuna.

## III

Elle (l'histoire) enseigne qu'une âme pèse infiniment plus qu'un royaume, un empire, un système d'états, parfois plus que le genre humain.

De quel droit? du droit de Luther, qui, d'un Non dit au pape, à l'Église, à l'Empire, enlève la moitié de l'Europe.

Du droit de Cristophe Colomb, qui dément et Rome et les siècles, les conciles, la tradition.

Du droit de Copernic, qui, contre les doctes et les peuples, méprisant à la fois l'instinct et la science, les sens même et le témoignage des yeux, subordonna l'observation à la Raison, et seul vainquit l'humanité.

MICHELET.

Levantei-me cedo para esperar o carrasco.

Luiz «o Negro» nascera no lugar de Cappelludos d'Aguiar, freguezia de S. João Baptista, e comarca de Villa Pouca de Aguiar, a sete de maio de mil oitocentos e seis.

Entravamos, então, n'uma das mais dolorosas épocas da nossa historia moderna. Adejavam por sobre a peninsula as aguias do im-

perio, e rasgando o vôo iam penetrar nas nossas fronteiras. Queria o ambicioso da Corsega, como um dos conquistadores do paiz da auro-ra, açoutar as vagas indomitas e enfurecidas do oceano nas extremas do occidente.

Napoleão ia decretar, no seu olympto de Fontainebleau, que a dynastia de Bragança cessára de reinar, e sentia-se já, pelo silencio da noite, o ruido pavoroso da marcha compas-sada dos legionarios das Gallias.

Se os Braganças, como os patricios da ve-lha Roma, tivessem esperado o Brenno mo-derno, sentados nas cadeiras curues, na omni-potencia augusta do Lacio!...

Não esperaram! Fugiram apavorados e... nervosos, para além do Atlantico. Deus lhes perdôe.

Chego a crêr — o Eterno se amerceie de mim se erro — que esta absurda e ephemera conquista foi a alvorada da liberdade em Por-tugal.

Receio pouco que me alcunhem, agora, de jacobino ou afrancezado. O anathema actual macúla, fere e extermina sómente, n'estas horas d'angustia afflictiva e demorada para toda a democracia europêa, os alcunhados de-fensores, aqui, da fusão iberica e do cantonalis-mo peninsular. Para todos os outros heresiarchas ha perdão nos amplos recintos da politi-ca orthodoxa. Os Mac-Mahons e Serranos nas-



ceram para edificação das monarchias. Substituíram os Lafayettes e Monks de todos os tempos.

Para serem apedrejados e expostos ás ignaras vaias da multidão temos nós Victor Hugo e Garibaldi no nosso seculo.

Christo, em Jerusalem, antes de suppliciado, percorreu as ruas vergando sob o lenho do seu proprio supplicio.

Assim seja — até que o verbo esplendido da democracia surja como luzeiro da redempção da humanidade.

Os phariseus de todas as épocas teem sempre uma accusação adrede, para extinguirem a luz da alma nos homens do futuro.

É antiquissima e vetusta usança injuriar os espiritos elevados e prescientes de todos os tempos, infamando-os com os epithetos, que o seculo detesta e abomina, para os crucificar, sem dôr nem piedade, e entregal-os, depois, á irrisão da gentalha, e á execração immorredoura dos vindouros.

É esta a lenda de Christna e de Bouddha no Oriente, de Socrates em Athenas, dos Gracchos e de Spartaco em Roma, de Christo e dos apostolos em Jerusalem, de João Huss e de Jeronymo de Praga na Allemanha, de Savonarola em Florença, e de todos os reformadores da humanidade — desde Abel, se accetamos o mytho biblico, até ao ultimo pastor

das Cevennas, e até ao derradeiro Karl Marx das sociedades modernas.

Convem estudar a época em que nasceu o carrasco.

Depois o ouviremos.

Os tres estados eram a base da nossa organização politica e social: clero, nobreza e povo. Todavia, elementos preponderantes eram os dous primeiros. Vivia e medrava o povo como machina. Trabalhava, suave e mourejava para alimentar e enriquecer o sacerdocio e a nobreza. Nas horas de perigo, no momento das grandes luctas apparecia como comparsa, enfileirava-se nos córos das supremas tragedias, e morria na obscuridade de legião, no completo desprezo da sua insignificancia. Acclamava o mestre de Aviz, cahia desconhecido e ignorado nos arcaes d'Africa, passava despercebido, para as chronicas, nos galeões da India, e nos recontros e batalhas figurava pela força numerica, como hoje se designam nos mappas de brigada as forças vivas de qualquer regimento ou batalhão. Afóra estes lances era a plebe, era a villanagem, era a mó do povo, era a peonagem, era o numero.

Na vida campestre emparelhava com o boi, dormia ao lado do rebanho, inventariava-se entre as alfaias da officina rural — era a força empregada no impulso da enxada, era o guia do arado, era, finalmente, a machina, que des-

bravava a charneca, que enxugava o paúl, que roçava o matagal basto e espesso, que semeava o terreno lavrado pelo seu esforço, e que, mais tarde, colhia e arrecadava o fructo.

Na sociedade urbana era o operario — mal ensinado, parcamente retribuido, entregue a si e aos seus proprios e escassos recursos, sem lição, sem exemplos, sem estímulos, sem auxilio, e sem mercado vasto e animado para os productos da sua industria.

O commercio de grosso tracto, monopolizado entre algumas dezenas de capitalistas e armadores, vivia fóra da acção productiva do paiz, como n'um eden de bemaventurança, onde a entrada era vedada a profanos.

Desde a casa da India até á casa dos vinte e quatro era longa a historia das prerogativas e privilegios de classe n'esta nação algemada — exclusivismo absurdo da mais inexperiente e ignarà administração politica, economica e social.

E o povo vivia assim — submisso e reverente — porque as misericordias, irmandades, e ordens monasticas de todas as categorias e religiões adoçavam a miseria publica com o caldeirão da sopa fradesca, generosamente oferecido na portaria do mosteiro. Ensinava-se oficialmente um povo inteiro a ser mendigo. Era esta a vida economica e social de toda a península.

Decretava-se a mendicidade como dogma. Eram o pauperismo, a ociosidade e a degradação humana nobilitados pela Igreja. E nos amplos e lageados claustros e escadarias do cenobio havia aula publica de abjecção, de humildade ignobil, de torpe vagabundagem e de crimes até. O fanatismo religioso nunca desadorou a Calabria, a Floresta negra, e a Serra-Morena. Que o digam as offertas ás madonas de Italia.

Viviamos assim.

E por isso os nossos monarchas se appellidavam *fidelissimos* perante a curia do Vaticano, e gozava de pragmaticas rituaes a Igreja lusitana, que só eram permittidas na sé apostolica de Roma.

Com as fogueiras da inquisição e a esmola aviltante, distribuida no peristylo do templo, alcançáramos tudo: destruíramos e aniquiláramos a raça heroica da peninsula ibérica.

Louvado seja Deus! A expulsão de judeus e mouros, a fogueira inextinguivel do catholicismo, e a esmola aviltante e hypocrita d'um clero hediondo, devasso e fanatico, assemelhava-nos, na torpeza, no aviltamento, e no cretinismo da fórmula ás colonias jesuiticas do Paraguay.

Á semelhança das evoluções communaes, que, pouco a pouco, foram erguendo e levan-

tando o poderoso collo da burguezia em toda a Europa — quiz o marquez de Pombal, nos vastos designios da sua potente administração, crear e estabelecer, aqui, a classe média.

Baldado empenho.

A morte do ministro valido de D. José I deixou, em profunda anemia, o vigoroso e energico elemento social, que elle intentára crear.

Expulsáramos os sarracenos tão tarde, organisáramo-nos, como nação, em época tão proxima, que sem termos soffrido os vexames do feudalismo, não creámos, tambem, a classe, que mais arcou com elle, e que o assoberbou e venceu.

Temos sido sempre o echo remoto e longiuquo das luctas sociaes, politicas e economicas da Europa.

Ao passo que a communa, originada no municipio romano, sahia das trevas da meia idade, depois das cruzadas e das luctas feudaes dos grandes vassallos, caminhando tenazmente por entre os recifes dos direitos senhoriaes e do poder real até chegar, em França, á revolução de 1789, e affirmava, sem mais contestação possivel, os legitimos direitos do terceiro estado — entre nós a burguezia, a classe média foi sempre uma criação ephemera, uma entidade sem solidez nem significação valiosa, e tanto assim que, depois das luctas

constitucionaes, quando triumpharam alguns dos principios liberaes, pouco a pouco, a parte mais opulenta, mais rica, mais dinheirosa d'essa criação ficticia ennobreceu-se, afastou-se com desdem e desprezo da sua propria classe — se classe era — buscando no luzimento e esplendor das armarias e librés um marco divisorio, que a separasse para todo o sempre dos seus irmãos no trabalho. E os grupos restantes, menos abastados, menos felizes, e menos poderosos, pelos haveres, mergulharam, por instincto, educação e costumes, no seio da plebe onde existem e jazem, quaesquer que sejam as vaidades com que pretendam esconder esta communhão de interesses, habitos e sentimentos.

É doloroso dizel-o, mas embora: aceite-mos os acontecimentos como são. A revolução de 1832 e 1833 em Portugal, em presença da sciencia, não só não foi uma revolução social, mas nem sequer foi uma profunda revolução politica em todo o rigor do vocabulo.

Foi uma guerra de successão a um throno contestado por dous irmãos, que se reputavam ambos legitimos, cercados de partidarios com interesses e direitos offendidos, e em que um dos pretendentes — o mais habil, senão o mais feliz — soube crear sympathias heroicas e indestructiveis dedicações, appellando para a corrente das idéas do seu seculo, e alcançou

captivar as almas generosas, outorgando uma carta constitucional, simulacro de liberdades, que não prenderam nem limitaram — como o não tem feito — o exercicio constante e absoluto do poder e governo pessoal.

Podem-me contestar uma tão resumida e rapida exposição. Os factos, porém, não deixarão desmentir estas verdades.

Nas luctas de 1833 achava-se a nobreza antiga, a nobreza de sangue dividida nos dous campos, pelejando em fileiras diversas, e por vezes inimiga no seio dos proprios solares. Todavia não era a diversidade de crenças, nem a sinceridade das convicções, que a traziam, assim, desavinda e odienta. Era o egoismo dos interesses perdidos, era o ciume do valimento ou o odio pelos desprezos da corôa, era o orgulho de preeminencias e prerogativas nas familias titulares, eram as desconsiderações dos seus pares, sentidas, e cuidadosamente legadas, que iam passando, no mysterio dos tombos e cartorios, com a successão dos vinculos por diversos reinados, eram vinganças sumidas e occultas por entre os pergaminhos de raça, e todas estas ruins paixões, todas estas heranças em que o amor proprio e a soberba dos avós, que se transmittia aos netos, achou, na lucta dos dous principes, respiradouro por onde se expandisse e rebentasse a explosão.

Foi assim.

Como casta, as crenças eram as mesmas. Se a palavra augusta de crença póde ter cabida onde se falla de orgulho inexoravel, de implacaveis interesses, e onde germina o desprezo inveterado e profundo por tudo e por todos, que não descendem d'avós, já nobilitados, nos seculos undecimo e duodecimo da nossa modernissima monarchia.

«Os reis podem fazer nobres, mas não teem poder para crear fidalgos.» Estas palavras, nascidas da orgulhosa colera d'um adversario puritano da fórma politica actual, explicam á nobreza moderna — se ella sabe meditar — como são sinceros e affectuosos os afaços e blandicias com que a antiga aristocracia a trata e recebe. Fica escripto por uma vez: o ultimo filho segundo d'uma casa secular, ainda o mais empobrecido, e o mais privado de intelligencia, será sempre estimado, pela sua casta, acima de todos os genios, e de todas as illustrações do seu seculo.

Foi a experiencia, talvez, d'estas justas considerações, que, nos salões de Luiz XVIII, levou um dos mais illustres marechaes do imperio a dizer a um fidalgo do exercito de Condé: «Eu sou o meu proprio antepassado.»

A nobreza antiga, com excepções rarissimas de que me não occupo agora, queria liberdades e garantias — queria; mas exigia-as



dentro do circulo da sua casta, requeria-as para si e para os seus.

Fóra d'esta linha divisoria, d'este limite sagrado só via a plebe. Direitos, faculdades e poderes originavam-se no numero dos avós. Quem não tinha ascendentes conhecidos e nobilitados não era pessoa juridica, não era homem: vivia á mercê da misericordia infinita da nobreza. Triste situação era esta! Mas era assim.

Rezam as lendas ou as chronicas, que uma nobre dama da côrte dos Valois não esculpava despir-se diante dos seus lacaios, segundo o dizer de Brantôme. Que importava a sensualidade da gentalha! N'este esquecimento e desdem, pela plebe, vivia a aristocracia portugueza, na contemplação de si mesma, como o Zeus dos indus na vasta cosmogonia do Oriente.

O vulgo, a populaça era a machina posta ao serviço do fidalgo.

Terminada a lucta da successão começaram a recuar, nos seus esforços patrioticos, muitos dos nobres, que militavam nas fileiras populares.

Era de prevêr.

Os factos consummados tinham mais força do que todas as aspirações, e cegos desejos da nobreza — que se dizia liberal.

Espiritos pouco previdentes, por nenhuma

fórma habituados a estudos sociaes, inexperientes em todos os actos da vida civil, creados no desprezo e desconhecimento do trabalho, que, accumulado, produz a riqueza publica, esperavam encontrar, na côrte do imperador, as tenças realengas, obtidas, pelos serviços, que só não são estereis para a lisonja, imaginavam conservar, como monopolio das suas casas solarengas, os cargos hereditarios, os empregos vitalicios, as patentes no exercito, sem habilitações obrigadas para as exercer, e os lugares privativos e rendosos em todas as ordens militares e religiosas.

A carta constitucional poderia tornar-se letra morta. Demais, a nobreza não tivera tempo para estudar foraes, nem cartas de alforria. A aristocracia estava habituada a vêr derogar leis do reino por provisões regias. Para alguma cousa deviam servir os poderes magestáticos.

Mas quando os acontecimentos vieram, nos primeiros assomos d'entusiasmo, desmentir estas esperanças, e deram começo á obra de destruição das velhas instituições, em que andamos todos empenhados — foi, então, que se descerrou a venda de olhos tão poucos perspicazes, e a nobreza viu, com pasmo inaudito, que suppondo-se ella, só ella, o engenheiro, que dispára as catapultas, empregadas pelas facções — era, apenas, a singela alavanca, pos-

ta nas mãos dos homens do povo, e que estes apontavam e dirigiam a seu talante e sabor.

O clero, na sua maioria, na força viva da sua organização — esse, não se deixou illudir.

Só podia estar ao lado da reacção — e, por isso, esteve.

E á medida que os factos se vão desenrolando, que novas crenças e novas idéas transformam as sociedades — o clero acompanha sempre os partidos retrogados, senta-se junto do passado, afaga-o, anima-o, protege-o, defende-o, por vezes alimenta-o, e arrasta-o, depois — até á vertigem e ao delirio.

Quando hirto e inanimado jaz como cadáver sepulta-o, na indiferença do mais torpe egoismo, e vem á beira do circo, onde se degladiam os homens, que outr'ora foram irmãos, e que as leis do progresso já dividiram em bandos oppostos — busca, ahi, a phalange reaccionaria, a que estacionou, a que recou caminhar, fascina-a, pela mesma fórma, apodera-se d'ella, envolve-a na infinita rede, e nos tenebrosos tramas do seu sinistro mysticismo, até que uma nova evolução social, por seu turno, despedace este elo historico, e o arremesse para a noite dos tempos.

É por isso que o povo, na grandeza dos seus instinctos, e nos periodos solemnes das suas transformações — quando as leis inexoraveis, que regem a humanidade o impellem e

obrigam fatalmente a caminhar — encontra-se só, entregue ás suas proprias forças, e ao luzeiro do seu destino.

Os chacaes, as hyenas, e os corvos vem, depois, pela calada da noite, devorar, no silencio das trevas, os cadaveres dos que pereceram nos campos da peleja.

Mais tarde aboliram-se as communitades religiosas, annullaram-se as doações dos bens da corôa e ordens, quebraram-se todos os privilegios e collocações obrigadas na magistratura, na Igreja, na administração publica e no exercito, cercearam-se os lugares do paço, simplificaram-se as leis dos foraes, abriram-se tribunaes communs para todos os cidadãos, creou-se um systema uniforme de julgar, acabando com as provisões regias, fóros privados, e decisões especiaes, finalmente a nobreza conservou os titulos e os cargos honorarios, mas ficou igualada em direitos e deveres a todos os outros homens.

O imperante perdera — pelo menos na apparencia — o *moto proprio* e a *sciencia certa*, com que representava a divindade, entregando aos poderes consignados, na carta, a harmonia da vida constitucional.

∴

Quando o relógio da cadêa dava nove ho-

ras, entrava, no meu quarto, um fachina das salas do Limoeiro com o manuscripto do carasco. Elle não podia vir. Sentia os primeiros symptomas da enfermidade de que morreu.

Escreveu-me um bilhete, que ainda conservo. Dizia-me que viria, mais tarde, saber o que eu pensava da sua vida tão dolorosa e tão angustiada.

Conservo o bilhete e o manuscripto.

Vou confiar ao leitor os segredos d'alma d'esta existencia excruciante e afflictiva, que pereceu no fundo d'uma enxovia.

VISCONDE DE OUGUELLA.

---

## O HORROR DA DEMENCIA

Rachel Varnhagen, insigne allemã, esposa do grande escriptor do seu appellido, escrevendo a Frederico de Gentz, dizia: «Tres grandes cousas me horrorisam n'este mundo :

1.<sup>a</sup> uma manada de touros bravos ; 2.<sup>a</sup> a plebe ; 3.<sup>a</sup> a demencia.»

A demencia é mais triste que horrorosa. Os que a padecem, se soubessem a compaixão que inspiram, seriam ainda mais desgraçados, — se desgraçados são os que não tem a consciencia de o serem.

D. Domingos de Magalhães, o arcebispo de Mitylene, morreu, quando a fome voluntaria o acabou de matar. Não houve razões de amigos e de theologos que o movessem a tomar um pouco de alimento. Não dava explicação, sequer insensata, da sua rigorosa abstinencia ; mas, entre os seus manuscriptos, se nos depára tal qual luz, consoante ella se póde desferir das profundas trevas.

Diz assim um capitulo intitulado *O Impassivel*:

«A impassibilidade ha de ser a futura condição do homem santo que seria semelhante ao cadaver ; a natureza corrompida e degenerada é a séde da dôr e da molestia, porque a sua sorte e futuro destino será a maxima degeneração do ente, ou a regeneração e renovação do servo, que o Senhor creou, e collocou no paraiso.

«Existe na sciencia theologica um paralogismo, que convém decifrar e resolver : a cada passo ouvimos dizer que o homem mau não

morre, e que a sua sorte é a morte eterna : a questão está só na dicção e na phrase ; é uma amphibologia ou questão de palavras. O homem mau não aceita a morte voluntaria para expiar a pena do peccado ; e, como resiste ao decreto da divina misericordia e graça, não morre para resuscitar, não se regenera, perverte-se e corrompe-se cada vez mais.

«O homem santo mata o corpo natural para receber o eterno, perde o maculado para conseguir o immaculado, troca o barro pelo ouro, e corôa-se com o martyrio do sangue e do amor, ou com o diuturno da penitencia e da santidade. Toda a vida humana deve ser um martyrio, ou um aggregado de virtudes e de qualidades equivalentes. O homem mau tenta conservar o fumo, que o asphyxia no inferno, não se mata nem resuscita, perverte-se e degenera, corrompe-se e materialisa-se cada vez mais.

«O primeiro homem morreu no paraiso, mas conservou o cadaver da galvanisação eterna ; o segundo homem perde-se no exilio, aonde morrem todos os que o preferem á patria, e renuncia-o ás suas saudades, amor e realeza.

«O homem mau tem duas degenerações : a primeira materialisou-o, a segunda ha de bestialisal-o e desfigural-o, privar o ente de suas esperanças, promessas, e de toda a gloria, fraternidade e bemaventurança eterna.

«A regeneração faz o homem impassível, e opéra muitas vezes em vida os seus beneficos e maravilhosos effeitos. O paraíso ha de exaltar e acrisolar estas sublimes virtudes, porque a humanidade santa ha de seguir até ao fim dos seculos e das gerações e conquistar pela divina misericordia todos os dotes sobrenaturaes dos corpos gloriosos.

«O homem santo será impassível, sem dôr e sem temor, superior á natureza, e semelhante aos anjos, e comtudo pagará o seu tributo á morte por uma diuturnidade de provas pela penitencia e pelos votos mais solemnes e agradaveis ao Senhor, e por todos os sacrificios que podem exagerar e exaltar a virtude do homem.

«Muitos santos conseguiram em vida alguns dotes de impassibilidade; os authores pouco versados na sagrada theologia e nos seus arcanos, ousam asseverar que a dôr e a fome, a morte e as tribulações são consequencias necessarias da natureza humana por ser limitada, contingente, e passageira: se dissessem, que são consequencias immediatas da natureza degenerada, e penas propostas pelo Senhor ao reato do peccado original, diriam a verdade, e fallariam ou escreveriam com exactidão, com logica e coherencia de principios.

«Se bem me lembra, Antonio Genuense cahiu no erro dos que mettem a fouce na seara



alheia sem conhecimento de causa, sendo em geral mui prudente e avisado.

«S. João Baptista não bebia vinho nem cerveja, comia mel silvestre; o Stylita comia um bocado de pão só aos domingos, e permanecia sempre fixo, immovel, e levantado sobre a sua columna de dia e de noite, de verão e de inverno, annos e lustres por divino milagre.

«S. Paulo Eremita era sustentado por um corvo, comia diariamente só o que a ave do agouro podia trazer no bico, era um bolo do céo: os exemplos são innumeraveis: todos provam que a humanidade santa ha de conseguir no paraiso até o fim a impassibilidade da dôr e da fome; porque no céo não se come: os maus soffrerão lazeira e esuria no inferno, porque o mundo está condemnado ao fogo e á perdição.

«Estas verdades são dogmaticas; os herejes negam todos os milagres do divino martyrologio da santidade; obrigam-nos a fallar de nós: quando chegar o tempo da maxima profanação humana, o fiel regenerado beijará a mão que o sacrificar pelo martyrio, e desejará com elevada ambição receber pessoalmente a sua corôa em vez da outorga na communhão e na sua geral misericordia; o que se coroar pelos seus esforços, e pelo odio da tyrannia será mais ditoso e mais laureado: a morte é uma pena para o que recusa pagar a divida

eterna; o que paga voluntariamente expia pelo amor divino a maxima gravidade do castigo e consegue a sua impassibilidade: o martyrio é uma virtude de communhão, as suas provas serão cada vez mais faceis e mais suaves para os santos pela união com Deus. No paraiso será um sonho e um devaneio, um magnetismo e uma transmigração voluntaria.

«A impassibilidade, a virgindade, a geração espiritual, o desejo e o voto do martyrio, o jejum completo, ou as aspirações da abstinencia e da penitencia hão de ser frequentes e geraes, admiraveis e sobrehumanas na divina providencia do paraiso: convém persuadir estes desejos e esforços, para que ninguem desanime, ou recuse a reconquista da perfeição e da pureza por julgar impossivel ou difficil o transito, ou aspero e intratavel o caminho que conduz ao summo bem.

«Eu tomei rapé com excesso por espaço de vinte annos, por conselho de medicos, e por habito, gosto, vicio ou paixão, quando principiei em Lisboa o culto soberano do sagrado lausperenne ao Santissimo Sacramento no anno de mil oitocentos e cincoenta e oito; era eu só para o exaltar, não tinha acolyto, nem ministro, dizia missa diaria, adorava duas vezes por dia com treze luzes de cera sendo uma só de azeite, rezava o officio divino, escrevia, trabalhava, compunha, e via-me na necessida-

de de vigiar de dia e de noite as luzes de cera e azeite que ardiam diante da divina magestade do Santissimo, e de lavar a casa da minha basilica; e por isso dormi poucas horas, e sempre vestido no decurso de dezeseis para dezeseite mezes de continua e incessante adoração, sem uma falta, e deixei o uso do rapé por decencia e reverencia até o dia de hoje sem quebra, e sem perigo, sem saudade e sem pezar.

«Minha mãe mandou pôr á minha disposição um bote de rapé no anno de 1860, em Villa Pouca, aonde eu já não adorava, nem podia dizer missa: o rapé esteve na gaveta mais de um anno; eu nunca mais abri o bote e padeci grandes dôres de dentes, que me determinaram a extrahir alguns a ferro; quando fui ao Porto offereceram-me rapé, eu não accitei.

«Eu vivia parcamente, mas a minha mesa sempre foi abundante e até lauta; jejuava e comia carne nos dias permittidos, o melhor peixe e guisados, e todos os appetites que a boa mesa offerece: eu não procurava os seus regalos, mas não repellia nenhum dos permittidos: agora faço penitencia, e não como carne nem peixe ha mais de oito annos. Em 1860 comi carne algum tempo em pequena quantidade, mas logo a deixei e todo o peixe até agora: passei mais de um anno só com um quartilho de leite por dia e com menos de qua-

renta reis de pão, e com um arratel de assucar chegava para treze dias até dezeseis.

«Nunca fui apaixonado do vinho, mas não o repellia inteiramente; agora não bebo vinho, nem bebida espirituosa ha annos. Como por dia menos de 40 reis de pão, jejuo tres dias por semana, ás quartas, sextas e sabbados, e ha mais de tres annos ainda não faltei a esta disciplina de jejum nem nos dias de jornada.

«Nos outros dias tomo um café com leite, um vintem de pão, e uma quarta de assucar chega para cinco dias, e diminuo a minha sopa que consta de uma dóse de arroz com manteiga, ou com azeite segundo o dia; um arratel chega para cinco dias, e ás vezes para seis: á noite como um bocado de brôa ou de pão.

«E com esta disciplina e regular dieta trabalho, rezo, escrevo e medito ha muitos annos sem descansar nem um dia e sem interromper o trabalho, que executo de joelhos por divino milagre, ha quantos annos?

«As obras escriptas respondem por nós: muitos dias de inverno principiei a trabalhar ás duas horas da noite, e continuei a minha tarefa até ás duas horas dos seguintes, empregando mais de dezoito horas no afão da escriptura. Escrevo e rezo sempre de joelhos, e sustento-me n'esta reverente posição por mais de doze horas, dias e mezes successivos haverá um lustro, por estar na divina presença.

«A impassibilidade é o presagio do paraiso. Lucifer e a sua maldita confusão e degeneração ha de receber a honra da morte e todas as dôres que causou á humanidade com o peccado original por haver seduzido nossos paes no paraiso das delicias.

«Nenhum peccado ficará sem pena eterna, nenhuma dôr ha de extinguir-se ou aniquilar-se, perder-se, ou evaporar-se: o que é causa da causa é causa de todos os effeitos e consequencias.

«A crueldade antiga em vez de matar os reis legitimos castrava-os, tirava os olhos a outros ou punha mascaras de ferro: a actual das seitas vendeu-me para me occultar a minha genealogia e direito, e obrigou-me a seguir o estado ecclesiastico para me castrar: os seus vicios foram mais impios do que os antigos, e converteram-se contra os insanos.

«Eu seguia o estado ecclesiastico com amor, e aprendi a defender o meu direito na época propria e quando convinha: sou mal por ser do paraiso.

«Toda a minha vida é um milagre diuturno: os monstros jámais poderam privar-me da existencia; as suas conspirações são incessantes, geraes, concentradas, diabolicas e perfidas.

«No dia dez estava para escrever a bulla quinta e não sabia sobre que havia de legis-

lar: abri ao acaso o sagrado concilio de Trento, sahiu a sessão vigesima segunda que falla em legados apostolicos, que é o objecto da referida bulla.

«No dia oito resolvi metter sete folhas no caderno das leis, e inclui por engano só seis folhas, e chegaram e não cresceu o papel: no dia nove metti as sete folhas, e aconteceu o mesmo milagre: todas as leis e bullas são originaes sem borrão, ou copia.

«Deixo o soberano titulo no alto da folha; no dia nove aconteceu ficar em branco a lauda que precede a ultima bulla por defeito ou imperfeição do papel, e foi razão para que não crescesse, nem faltasse.

«Tenho quatro pennas de ave em exercicio de escriptura, uma é negra, e escrevo o «Impassivel» com esta: no dia nove escrevi com as quatro pennas; duas estavam já refugadas, duas eram novas, duas appareceram a um canto: eu já mandei procurar mais pennas mas não apparecem á venda: escrevo, com dous vintens d'estas pennas ha mais de quatro mezes, e com dous vintens de tinta ha mais de meio anno, e quebrou o vidro, aliás seria como a panella inexaurivel de Elias: o resto da tinta está em um pires de porcelana que serve de tinteiro; eu só tenho dous pires, e duas chavenas.

«No tempo da usurpação de D. Miguel uma

senhora chamada Rosa deu-me a effigie do tyranno, eu dei-a em Villa Pouca a um homem affeiçãoado á tyrannia; o marquez de Lavradio deu-me uma veronica da Santissima Virgem Immaculada em Lisboa no anno de mil oitocentos e cincoenta e cinco, eu dei-a em Villa Pouca a uma senhora chamada Rosa.

«Visitei em Bemfica, como deputado da universidade de Coimbra, a supposta infanta D. Isabel Maria, a qual não me pagou a visita; uma irmã de Eiris visitou-me em Villa Pouca, eu fui a Eiris, e não a visitei.

«Fiz algumas visitas á supposta imperatriz do Brazil, falsa duqueza de Bragança a rogo e instancias de varios mordomos ou agentes da sua casa; a cruel jámais ousou levantar os olhos para nós: quem pagará ou satisfará estas dividas de amor e de reverencia?

«Depois que estou em Chaves vi duas raposas mortas, uma femca em Santa Maria Magdalena, um macho em Santo Amaro; tenho duas vassouras, fui servido desde o anno de mil oitocentos e sessenta por duas criadas mulatas, uma em Villa Pouca, irmã do burro cruel, outra nos banhos do lugar de Carção ou de Arcozelo: fui servido por duas criadas filhas da viuva, uma de Montenegrelo, outra de Chaves, aquella deu-me um guarda-chuva para a jornada que eu dei a esta, e dei um lenço

de sêda á criada de Montenegrolo : já bati em duas, uma fugiu e não levou.

«Hontem veio o homem do leite no momento em que eu acabava a oração da manhã: hoje repetiu o mesmo mysterio.

«José Joaquim dos Reis, juiz de direito de Lisboa, condemnou a dez annos de degredo um energumeno que dizia missa e prégava sem ter ordens, e denunciou-me a simonia que o abominavel patriarcha Guilherme commetteu em Roma: n'aquelle tempo não havia em Lisboa prelado legitimo; eu argui o anti-papa, e declarei energumenos todos os seus tonsurados: o falso padre gerou todos os actuaes, mas a sua sorte ha de ser diversa: os herejes amnistiaram o nefando, não podem absolver os traficantes.

«O perfido Cassiomano fallou-me cinco vezes, duas nas Necessidades, e uma em Mafra, são dous paços reaes, outra no paço das escólas, da universidade são dous paços de escólas: porque Mafra é escóla militar: esteve commigo duas vezes na academia de Lisboa, no collegio dos Nobres, e no convento da academia, são duas academias, ou mais: uma em Coimbra outra em Lisboa, uma nos Nobres, outra no convento da academia das sciencias, duas de ensino, e duas normaes: porque o militar goza d'esta categoria em relação ás escó-



las do exercito, duas em Lisboa e duas fóra de Lisboa.

«São cinco e seis vezes: porque eu fallei uma vez ao monstro nos paços da universidade como provedor da misericordia; elle mandou-me um recado á misericordia de Chaves pelo Antunes e pelo provedor.

«O dualismo é uma graça; a perfidia é uma abominação e um horror.»

---

## RESTAURAÇÃO

DE

### UM DOCUMENTO HISTORICO VALIOSO

Rebello da Silva, na sua *Historia de Portugal*, reportou-se a um documento que o snr. Ferdinand Denis encontrára na bibliotheca real de Paris, relativo á historia dos motins sequentes á perda de D. Sebastião, e publicára no *Portugal pittoresco*.

O nosso historiador não trasladou o documento, com quanto fosse importante. E ajuizadamente procedeu; porque, sendo elle ver-

são do portuguez, difficil senão impossivel seria revertel-o á fórma original. Poderia Rebello da Silva pedir o fiel traslado d'esse papel, incluso no codice n.º 10:241, e dal-o no corpo da sua historia, como testemunho das velhas regalias populares nas crises grandes de Portugal; mas dependendo isso de esmeros, pausas e minudencias que se descasam da indole peninsular, o documento ficou desconhecido, apesar da traducção do historiador francez.

E, não obstante correr ahi uma versão miserima do *Portugal pittoresco*, o documento alli reproduzido incute suspeitas de falso, porque não tem, no torneio e na phrase, algum vestigio do dizer portuguez de 1579.

E, todavia, não posso já duvidar que Martim Fernandes, sapateiro, e Antonio Pires, oleiro, no 1.º de junho de 1579, estando os fidalgos reunidos na igreja do Carmo para jurarem fidelidade ao cardeal-rei D. Henrique, entraram ruidosamente na assembléa, e romperam pedindo que lhes ouvissem a falla que iam fazer em nome do povo de Lisboa.

E não duvido, porque sei o que foi a liberdade portugueza até que D. João IV começou de a jarretar á feição do seu genio despota, e porque tenho presente o discurso do mestre sapateiro, escripto ainda no mesmo papel onde lh'o deram para o decorar.

E como é bem cabido mostrar o original em face do retraduzido no *Portugal pittoresco*, sob palavra do snr. Ferdinand Denis, aqui os defronto, e ponho como advertencia aos que aceitam, sem critica, a historia que nos vem de torna-viagem.

## ORIGINAL

Senhores. Temos sabido que algumas pessoas principaes e nobres descuidadas de suas obrigações e honras fallam de fazer cousas contra o bem commum e seguridade d'estes reinos, a que determinamos de acudir como bons portuguezes, e lembrados do que fizeram os moradores d'esta cidade no tempo d'el-rei D. João I e d'outros reis, por tanto pedimos a v. m.<sup>ces</sup> como a cabeças e membros principaes d'esta republica que nos ajudem e que não percam sua honra e direito por parcialidades nem preitos particulares; que sejam v. m.<sup>ces</sup> certos que para uso e para defensão de nosso direito e castigo dos inquietos portuguezes estamos promptos com 20:000 homens d'esta cidade e seus termos, os quaes ajunta-

## VERSÃO

Senhores. Consta-nos que varias das principaes pessoas, e alguns nobres, esquecidos das obrigações a que estão ligados, e fazendo da honra pouco cabedal, usam de uma linguagem, e praticam actos contrarios á segurança d'estes reinos. Como bons portuguezes estamos decididos a dar remedio a este mal, porque nos lembramos do que fizeram os habitantes d'esta cidade no tempo de D. João I, e no de outros monarchas. Rogamos a vossas senhorias, como primeiras pessoas da republica, que a ajudem a sustentar; e que não percam a sua honra e direito, dando orelhas á parcialidade, ou olhando a circumstancias particulares de alguns individuos. Podem vossas senhorias ficar

remos em duas horas sendo necessario, e poremos fogo ás cascas dos que já agora começam de fallar e tratar contra o bem commum e socego d'estes reinos, o que não poremos em execução em quanto esperamos castigo e remedio por outra via.

E pareceu-nos que deviamos de fazer esta lembrança n'este estado e nos outros dous para com mais seguridade tratarem todos do bem commum e quietação d'estes reinos sem receio de força nem violencia nem outros medos cautelosos e prejudiciaes, e para se não ouvir mais d'aqui por diante os que impossibilitam tudo sem lhe darem nem procurarem remedio, os quaes todos se deviam e devem de haver por mais suspeitosos.

certos de que para a defenza de nossos direitos, e castigo dos portuguezes versateis, estamos promptos a levantar-nos com 15 ou 20:000 homens d'esta cidade, e seus arredores. Se fôr necessario, duas horas bastarão para os reunir, e iremos incendiar as habitações dos que começam a fallar e a obrar contra o bem geral. Comtudo, não recorreremos a taes meios em quanto tivermos esperança de obter remedio e castigo por outro modo. Talvez conviesse lembrar isto ao estado da nobreza, assim como aos dous outros estados, para que toda a assembléa trate com plena segurança, do bem commum, e da tranquillidade d'estes reinos, sem temor da força, violencia, e de meios preventivos ou damnosos. Esperamos que mais se não attenderá á voz dos que julgam tudo impossivel, e que não querem dar nem procurar remedio a semelhantes males.

O traductor, como se viu, não lhe soffreu

---

o melindre que os dous populares tratassem de *vossas-mercês* os fidalgos, *safados* (duas vezes) á cobarde ignominia de Alcacer-quivir: deulhes *senhoria*. Ah! bom relojoeiro de pag. 57!

---

## A DANÇA

Gemem os prelos desde que a moral geme nos bailes.

Ha lendas medonhas, casos que eriçam os cabellos, castigos infligidos a dançarinos. Leiam na *Floresta* do padre Manoel Bernardes a lenda dos *Bailarinos*. Pois ainda ha passagens mais escandalosas e funestas, por causa das danças; mas já não ha quem as apregõe com virtuosa ira. Não ha ninguem que, ao outro dia de um baile, clame na local ou no folhetim que um scelerado ousou inclinar-se ao ouvido da donzella com quem dançava, e dizer-lhe: *vêr-te e amar-te foi obra de um momento*. Sabem todos que as phrases assim ardentes queimam as senhoras; mas ninguem propõe que os estylistas d'esta força sejam chamados

ao commissariado; ou que as damas sujeitas a ouvil-os se vistam de amiantho, se Deus as não fadou com a virtude incombustivel de salamandras.

Verdade é que o transigir com os maus costumes vem de longe. Temos o exemplo de exemplares varões a quem competia pôr cobro aos bailes. Aqui tenho eu um *Tratado dos principaes fundamentos da dança*, publicado em 1767, pelo mestre d'aquella viciosa pantomima, Natal Jacome Bonem, e licenciado pelo *santo officio*, e pelo *ordinario*! Fr. Caetano de S. José, eremita augustiniano, doutor em theologia, provincial da ordem, etc., foi o encarregado de censurar officialmente o manuscrito do *Tratado da dança*. Se este frade estivesse no prumo da sua missão, deixava-se cahir, com todo peso de sua gravidade, sobre o mestre Natal, e esborrachava-o e mais ao incendiario manuscrito.

Com bastante pejo das fraquezas d'este proximo, e para escarmento de futuros frades censores de futuras danças, reproduzo a opinião de fr. Caetano de S. José:

« Não me envergonho em obsequio do meu estado confessar ingenuamente se não estendeu para a arte de dança nem ainda a curiosidade dos meus estudos: sei que algumas especies d'ella mereceram no estabelecimento da disciplina ecclesiastica uma bem severa reprehensão e merecida prohibição fundada na solemne profis-

são que fazem os que pelo sacramento da regeneração se formam membros vivos de Jesus Christo e filhos espirituaes da santa Igreja; não ignoro tambem que outras tem o justo louvor com o exemplo de um rei santo como David, dançando na presença da arca do testamento. Se os preceitos da presente arte, expostos na verdade com toda a modestia se ordenarem para o uso d'estas e outras de semelhante decencia e honestidade, nem serão oppostos á santidade dos costumes, assim como o não são aos pontos essenciaes da nossa santa fé. É o que posso informar, etc.»

Então que é o que informou o frade? Parece dizer que, se esta *Arte de dança* leva em vista ensinar a bailar o sarambeque que o santo rei David dançava adiante da arca, então sim, publique-se o livreco; mas, se o author intenta regambolear as tibias de suas discipulas em gavotas, cirandas e outros bailados lubricos, n'esse caso o santo officio delibere o que lhe parecer.

Ora eu já vi, em Braga, dançar o santo David. Era um *cancan* a só, um requebro desnalgado, um alçar de perna bruta e rija que, se apanhasse a arca, daria com ella na cara do sol.

Voltando ao livro do francez Natal Bonem, acho n'elle excellentes preceitos de educação que seriam, em substancia e fórma, bem cabidos n'um dos compendios do snr. João Felix Pereira. O cap. VI, por exemplo: *Do modo que as senhoras devem andar, e se deve apre-*

*sentar*. (Vê-se que era mais forte em dança que em *grammatica*). Ahi vai o capitulo na integra. E' lyrico, delicado e muito de aproveitar:

«Não duvido, que se me accuse de ignorante, e de indifferente, ou de não saber ensinar, senão aos homens; senão mostrára zelo, e attenção para a instrucção do bello sexo: ellas, que são a alma da dança, e que lhe dão todo o brilhante, que ella tem; e parece que a natureza a reveste de mais graça; porque sem a presença das senhoras a dança não está tão animada; são ellas as que fazem nascer este ardor, e nobre emulação, que se encontra entre ellas, e em nós, quando dançamos ambos, principalmente com aquelles, que executam bem este nobre exercicio; nada me parece mais agradavel em uma companhia, que de vêr dançar duas pessoas de um e outro sexo com seriedade; que de applausos, e que de gostos para os circumstantes.

«Independentemente do que se tem dito em os capitulos precedentes, que tóco igualmente a um, e a outro sexo? as mesmas reflexões são necessarias para as senhoras, ellas devem voltar os pés para fóra, estender os joelhos, ainda que muitas pessoas pretendem, que não se lhes conheçam estes defeitos, mas por tirar este engano, principalmente para as senhoras moças, que por desmazelo, ou pouca curiosidade o não façam; não quero senão o seu proprio voto, que se ponham diante de um espelho de vestir, e que ellas andem alguns passos, observando o modo de bem andar, que está escripto para os homens, e se encontrarão com outro ar, e conhecerão, que de ter a cabeça direita, o corpo fica com maior firmeza, e os joelhos estendidos, os passos são mais seguros; tenho feito uma reflexão, que me parece muito justa sobre o modo de



saber levar bem a cabeça, e é que uma senhora por muito engraçada, que seja em seu modo de levar a cabeça, fará julgar differentemente de si, v. g. se ella a levar direita, o corpo bem posto, sem affectação se dirá; eis aqui uma senhora, que tem um ar muito nobre; e se se deixa ir com negligencia, se lhe chamará preguiçosa; se a deixa cahir para diante; bizonha, e se a leva muito baixa, de pensativa, e de vergonhosa; e outras muitas cousas, que não escrevo por não ser prolixo: desejo que todas as senhoras não façam o modo facil, que se vem descrever, para que não cáiam em nenhum dos defeitos, que tenho recitado.

«Para bem andar é preciso ter a cabeça direita, os hombros baixos, os braços retirados para traz, acompanhando bem o corpo; mas dobradas, as suas mãos uma em cima da outra, com um leque na mão, e principalmente sem affectação.»

Não escrevia em estylo apocalypticico.

. . .

Este francez que tanto polira e lapidára o bruto diamante das damas lisbonenses da côrte de D. José I, tinha uma filha esbeltissima, engraçada de todos os amavios francezes, e muito esquiua aos amores dos discipulos de seu pai, até á hora fatal em que o pé, n'um difficil passo de minuete com o deus frecheiro, lhe escorregou em ladeira de flôres, e... ella lá vai com o conde-barão d'Alvito embrenhar-se nas florestas de Cintra.

O mestre de dança bravejou, pediu vingança ás leis, ao direito internacional, ao mi-

nistro omnipotente Sebastião José de Carvalho. O ministro e as justiças sorriram, sob capa, do atribulado dançarino. O marquez de Pombal, esse então era tão caroavel de francezas, que ainda, aos 60 e tantos annos, escrevia epistolas amatorias a uma, que por signal lh'as rejeitava com phenomenal honestidade. Veja *Historia do reinado d'el-rei D. José*, pelo snr. Soriano, tom. II, pag. 649 e seg.

Natal Jacome Bonem sahiu de Portugal, e deixou a filha, quando, sobre a affronta, se viu ridiculisado pelas seguintes coplas que os fidalgos enviavam uns aos outros :

AO ROUBO DE UMA FRANCEZA FILHA DO MESTRE  
DOS MINUETES

Toda a terra falla e diz  
que roubára assim á tôa  
certo Páris de Lisboa  
uma Helena de Paris ;  
e que o rapto vingar quiz  
seu pai que todo se abraza  
por lhe levarem de casa,  
ainda em peça, a melhor joia ;  
mas, porque não ardeu Troya,  
ficou o velho uma braza.

A Páris lhe foi forçosa  
esta eleição por estrella  
não só como grega bella,  
mas como deusa formosa.  
Como a viu tão carinhosa,

---

tão bonita, tão astuta,  
tão gordita, tão enxuta,  
Páris lhe deu a maçã  
e ella gosta da fruta.

Etc.

O poema d'aqui por diante leva a crueza até ao despejo da phrase. Que tempo aquelle! Costumes de ouro! Roubava-se a filha a um forasteiro, injuriava-se o pai com obscenas gargalhadas, a vergasta da irrisão obrigava-o a transpôr as fronteiras com o coração despedaçado! Reinava D. José I, o amante da marquezia de Tavora, então viuva, e já consolada da perda do marido, que o amante lhe mandára degolar e queimar no cadafalso de Belem. Como este Portugal floresceu n'aquelles dias! O erario a trasbordar de milhões e os subterraneos de lagrimas!

Comecei com danças e acabei com lagrimas. É no que as danças param ordinariamente. Ou ellas não fossem invenção do diabo, como diz o meu oratoriano Bernardes.

---

## FIM

O n.º 12 finalisa a serie das NOITES DE INSOMNIA. O favor publico esquivou-se a proteger esta empresa. Parte dos artigos publicados desagradou á maioria dos subscriptores queixosos do ranço de cousas antigas com que eu pejava as paginas de uns livrinhos mais acomodados ao recreio que á instrucção de alguns leitores mais ou menos ignorantes, se os ha.

Verdade é que eu não tinha promettido 100 paginas futeis e risonhas por mez. Lá está no 1.º numero um proemio claro e modesto. Afoutamente me desvanço de não haver deslisado do programma a que me obriguei. *Esta serie de livrinhos — escrevi eu — ha de ser una cadêa com elos de bronze rijos e toscos, e elos de pechisbeque flammantes e quebradiços. O bronze é a porção prestadia do opusculo, etc.*

Enganei-me.

As paginas arguidas de enfadonhas me pareciam a mim as melhores e mais estimaveis, se os que as leram as ignoravam; todavia, se eu dei como novidade em historia o que era já notorio ao leitor enfasiado, o seu tédio é natural e racional. Porém, se me replicam dizendo que se dispensam de saber as pulverneas velharias que eu lhes contei, augmenta a justiça do seu queixume; porque ninguem deve directa ou indirectamente offender a ignorancia de outrem.

Pelo quê, a todos peço desculpa, e a meu favor entremetto a illustre pessoa que me induziu a salvar da obscuridade lances da historia e dos costumes portuguezes, que se me prefiguraram prestantes na concatenação de factos, desligados por mingua de documentos desconhecidos. O mestre venerando que me moveu a não ser de todo em todo frivolo nas NOITES DE INSOMNIA chamou-se n'este mundo D. frei Manoel do Cenaculo; e as palavras que me seduziram estão impressas e rezam assim: ... *Mil occorrencias funestas tem precipitado em um abysmo de perda profunda, escura, irrevogavel os trabalhos litterarios, e ainda a simples memoria de muitos varões sabios. Abateram esses miseraveis tempos as forças da curiosidade, que poderia hoje augmentar a estimação da bibliotheca lusitana, escon-*

*dendo e perdendo as nossas noticias. Este é o defeito de que ainda hoje se póde formar uma justa queixa, e que fazem ignorados na verdade innumeraveis documentos, capazes de acrescentar a dignidade á nossa historia. Isto é tambem o que me excita e commove a rogar instantemente aos meus patriotas por tudo quanto é capaz e digno de não se desattender sem affronta, que se animem a publicar quanto nos faça gloria, e a mostrarem cada vez mais illustre a face dos nossos annos antigos.*

O douto prelado não conhecia os seus patriotas, e eu, que tão arredado vivo d'elles, ainda os conhecia menos.

Na minha pequenissima livraria ha muitos ineditos cuja publicidade não seria despecien- da aos porvindouros historiographos. Ahi ficaram. Meus filhos, se tiverem juizo, e armarem á benemerencia dos seus conterraneos, que os vendam a peso.

Não obstante, alguns publicistas receberam benignamente as NOITES. Entre esses, realça com particular authoridade e voto o snr. Antonio Augusto Teixeira de Vasconcellos, protector caroavel e affectivo de quantos n'este paiz grangeam pão ou gloria nas lidas litterarias. Sei quanto me cumpre descontar no merito da obra elogiada, cortando tambem pela demasiada benevolencia do escriptor eminente; mas, cerceado o que ahi houve de fa-

vor, ainda me sobeja muito para gratidão e ufania.

Ao snr. visconde de Ouguella agradeço com mais sentimento que expressões as paginas formosissimas que interpoz n'estes opusculos. O CARRASCO, apenas começado, se aqui fosse concluido, viria a dar crescido valor a esta collecção; entretanto, muito grato me é ter excitado a curiosidade das pessoas intelligentes para que o visconde de Ouguella se obri-gue a escrever e publicar um dos livros mais assinalados de independencia austera e sentimentos generosos, que hão de ter galardão, quando os que pelejaram sob o labaro da justiça forem chamados a testemunhar no pleito que segue o seu arrastado processo entre opprimidos e oppressores.

..

Ao despedir-me dos poucos subscriptores que me apertam a mão com estima e por ventura com saudade, vou fazer-lhes uma revelação que póde desairar a minha vaidade de escriptor, mas que muito faz em honra do editor das NOITES. Elle soube que a opinião publica desmentia, dormindo, o titulo da obra. Sabia que a insistencia na publicação lhe era prejudicial e desesperançada de tardio reembolso. Em fim, pagava despendiosamente e si-

lencioso a minha dôce illusão de cuidar que entre Ponson e Escrich haveria lugar para estas brochuras nas estantes ou nas canastras de tanta gente que sahiu triumphal e eruditamente do seu exame de instrucção primaria.

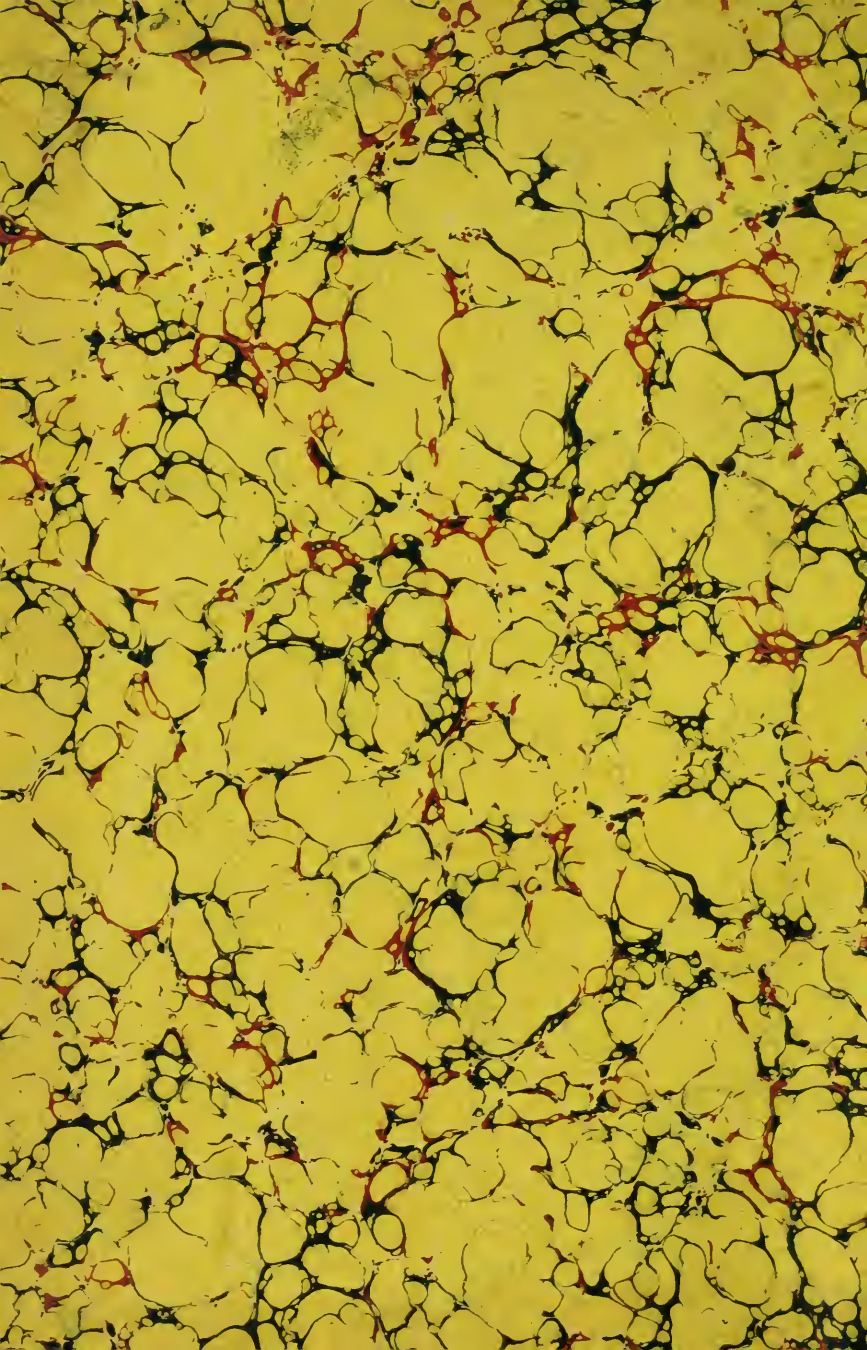
Meu prezado snr. Ernesto Chardron, obrigado á sua rara e fina delicadeza!

Se as NOITES lhe foram más, eu d'este leito de rheumatismo lh'as envio boas e do coração.

FIM DO 12.º E ULTIMO NUMERO







PQ           Castello, Branco, Camillo  
9261           Noites de insomnia  
C3N54  
1874a  
v.10-12

PLEASE DO NOT REMOVE  
CARDS OR SLIPS FROM THIS POCKET

---

UNIVERSITY OF TORONTO LIBRARY

---

UTL AT DOWNSVIEW



D RANGE BAY SHLF POS ITEM C  
39 10 05 01 04 004 5